II Colóquio Pesquisa e Anarquismo

REVOLUÇÃO ESPANHOLA: 90 ANOS DE ANTIFASCISMO

CADERNO DE RESUMOS

Florianópolis, 2026

II Colóquio Pesquisa e Anarquismo

8 a 11 de abril, UFSC, Florianópolis (SC), Brasil

APRESENTAÇÃO

O anarquismo e suas diferentes manifestações políticas, filosóficas, históricas e práticas têm sido objeto de estudos nas universidades brasileiras desde meados da década de 1970. Grande parte dos estudos sobre as origens da organização sindical no Brasil tiveram como base materiais preservados por militantes anarquistas, muitos hoje disponíveis para consulta em arquivos e instituições oficiais.

Com o passar dos anos houve um crescimento no interesse pela pesquisa sobre o anarquismo em diversas áreas do conhecimento, dando origem a uma gama de TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o tema. Esse movimento fez com que muitas das perspectivas em relação ao papel dos anarquistas na história fossem revistas e alguns erros ou omissões cometidos por pesquisadores do passado pudessem ser questionados com base em novas abordagens e fontes que se tornaram acessíveis.

O surgimento de trabalhos científicos nas mais variadas áreas do conhecimento renovam o pensamento e arejam as estruturas acadêmicas, muitas vezes paralisadas pelo comodismo intelectual, pressionadas pela produtividade da universidade capitalista e viciadas pelas disputas pessoais e teóricas que engessam as possibilidades de produzir avanços e reflexões críticas e de qualidade.

Assim, propomos a realização do "**II Colóquio Pesquisa e Anarquismo**" com o objetivo central de possibilitar a aproximação de pesquisadoras/es que têm como tema de interesse o anarquismo ou que partem de teorias, abordagens e práticas anarquistas para embasar suas produções acadêmicas e militantes. A atual proposta é uma continuidade do I Colóquio realizado em Florianópolis no ano de 2018, e que reuniu pesquisadores e militantes de todo o país em uma intensa programação de atividades, contando com 6 mesas temáticas, 55 apresentações de trabalhos, aula-teatro, lançamentos de livros, apresentações e exposições culturais.

Nesta segunda edição, celebraremos os **90 anos da Revolução Espanhola** (1936-1939), episódio de extrema importância para a consolidação das ideias e práticas anarquistas, sendo considerada tanto uma consequência da organização da classe trabalhadora ainda na segunda metade do século XIX, como uma inspiração para a ampliação das lutas sociais e movimentos por uma revolução social embasada nos princípios anarquistas: federalismo, ação direta e combate ao fascismo.

Ainda que rememorando este importante episódio histórico e sugerindo esta temática geral, o evento não será monotemático, se propondo a ser um espaço de diálogos acerca de pesquisas e iniciativas em diversas áreas do conhecimento e abordando diferentes períodos históricos e elementos constitutivos do anarquismo mundial.

Nesse sentido, o colóquio visa garantir espaço para a apresentação de trabalhos concluídos ou em desenvolvimento, a troca de experiências, divulgação de novos estudos, socialização de fontes de pesquisa, exposição de grupos de pesquisa, editoras, livros, revistas e arquivos, e a participação de interessados no anarquismo, militantes e apoiadores destas pesquisas no ambiente acadêmico ou fora dele.

UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COORDENAÇÃO GERAL
Janyne Sattler

COMISSÃO ORGANIZADORA
Carlos André dos Santos
Jéssica Lopes
Luciana Brito
Mauricio Cossio
Rafael Lemos
Raul Bagatini
Rodrigo Rosa da Silva

Sumário

ARTE, CULTURA E ANARQUISMO 1 5

O Cineclube Anarquista Efeito Colateral e a tradição anarquista no cinema 5

TAZ, ação direta e tecnologias de sobrevivência urbana entre artistas de rua nômades: autonomia, captura e hospitalidade em rede 5

Anarquistas e sexo livre 6

Imagens ácratas: 90 anos da Revolução Espanhola 6

A cooperativa Cinema do Povo em Paris (1913-1914) 7

Roberto de las Carreras: dandismo e anarquismo no 900 rioplatense 8

ANARQUISMO: TEORIA, IDEOLOGIA E ORGANIZAÇÃO 9

Teoria Malatestiana das Formas de Governo 9

Desobediência: "Um ato histórico ou uma relação moral do indivíduo com a lei do estado?" 10

Indústria e autogestão: uma análise libertária 11

Entre discursos e dinamites: o casal Parsons, mais perigosos que mil manifestantes – Os horizontes possíveis entre o anarquismo e a retórica 11

O abolicionismo penal libertário na travessia de um escândalo na existência 12

O antiteologismo e a sociologia da religião de Bakunin 12

O humanismo libertário no anarquismo clássico e contemporâneo 13

ANARQUISMO, FEMINISMO, GÊNERO E DISSIDÊNCIAS 15

Violência Dissidente: Técnicas e estratégias de autodefesa para dissidentes de gênero 15

"O marido é para o paraíso como a mulher é para a terra": As reflexões de He Zhen para a análise da dominação da mulher sob a forma-mercadoria 16

Retrato desenhado de rupturas de normas de gênero nos textos de Maria Antônia Soares 16

Mulheres e dissidentes contra a forma-estatal 17

HISTÓRIA GLOBAL DO ANARQUISMO: MOVIMENTOS E MILITANTES 18

Federalismo, socialismo e modernismo: questão agrária e desenvolvimento agrícola no projeto político de Edgard Leuenroth e Hélio Negro 18

A Revolução Makhnovista: uma revolução anarquista (1917-1920) 19

O anarquismo como objeto da produção acadêmica em história (Brasil, 2005-2025): esquema de pesquisa 22

Movimentações Anarquistas em Santa Catarina: conectando os fios da perseguição 23

Histórias de Anarquia: A Guararema narrada pela Imprensa Libertária do século XX 24

Mário Ferreira dos Santos: um filósofo entre o anarquismo e a apropriação reacionária 25

ARTE, CULTURA E ANARQUISMO 2 26

Amor e rebeldia: 1º de maio na cidade da "ordem" (2015 a 2025) 27

Manutenção e produção de uma cultura libertária a partir dos territórios anarcopunks: um estudo de caso no Rio de Janeiro no começo do século XXI 28

Um debate acerca do papel social da criança e das diferentes concepções de infância a partir do livro Les Aventures de Nono 31

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E ANARQUISMO 1 32

"Brincávamos, cantávamos e recitávamos": os passeios das escolas modernas n. 1 e 2 32

O programa de ensino racionalista da Escola Moderna Barcelona: perspectivas históricas de uma cultura escolar e do seu currículo 33

Sonhos fora da terra - uma filosofia da educação anarquista em Maria Lacerda de Moura 34

Francisco Ferrer e a educação na Revolução Espanhola 35

REVOLUÇÃO ESPANHOLA: ANTECEDENTES E DESDOBRAMENTOS 35

Uma tragédia infantil atravessada pelas disputas políticas durante a Revolução Espanhola: o exílio dos niños de Morelia 35

A Revolução Espanhola e a planificação da economia: notas para um debate econômico no anarquismo 36

Entre psicanálise e revolução: Marie Langer, François Tosquelles e a experiência espanhola 36

Do anarquismo à psicoterapia institucional: organização, experimentação e subjetividade em Tosquelles, Deleuze e Guattari. 37

Desafiando a tradição: As combatentes femininas na Revolução Espanhola 38

O que Durruti ainda oferece ao anarquismo? Memória, Política e Estratégia aos 90 anos da Revolução Espanhola. 39

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E ANARQUISMO 2 40

Quando a escrita nasce da vida coletiva: uma análise do letramento da Escuela Libre Paideia 40

Horizontalidade e representação política no movimento secundarista: uma análise da auto-organização das escolas durante as ocupações 40

Paideia Escola Livre e uma Educação do Contra: pensar a organização escolar pela anarcopedagogia – um estudo de caso anarquista em Mérida (Espanha) 41

Pedagogia da Ocupação: concepções pedagógicas nas escolas ocupadas em Goiás (2015–2016) 42

Entre as Rachaduras da Democracia Escolar: as tensões e contribuições da Pedagogia Libertária frente à gestão da educação 43

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS, AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS, TERRITÓRIOS, ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE EM PERSPECTIVA ANARQUISTA 44

Federalismo, mutualismo e colonialidade do poder: o caso da resistência quilombola em Alcântara/MA ao programa espacial brasileiro. 44

A Construção Discursiva da Autodeterminação Indígena nas Notas e Alertas da APIB (2025–2026) 46

Okupaciones urbanas y luchas en (por) la ciudad en el contexto de la patrimonialización neoliberal; una mirada al Centro Comunitario Okupado Hormiguero 47

A ação direta de territórios quilombolas contra o monocultivo de soja: um relato do caso de Tanque da Rodagem e São João no Estado do Maranhão. 48

Anarquismo Negro e decolonialidade: um debate 49

ANARQUISMO, TRABALHO, CLASSE E SINDICALISMO 49

El anarquismo en México 49

Djalma Fettermann: a trajetória do incansável anarquista gaúcho e suas contribuições para o operariado brasileiro 49

Autonomia radical sindicalista: estudo de caso da Terra Liberta e de sua relação com o Estado 50

A Dialética Negativa de Mikhail Bakunin: Da Ontologia Naturalista à Prática Revolucionária 51

Cooperativas de trabalho como perspectiva libertária de resistência à terceirização 52

ARTE, CULTURA E ANARQUISMO 1

O Cineclube Anarquista Efeito Colateral e a tradição anarquista no cinema

Gabriel Momesso Grillo (Universidade Federal de Pelotas)

Resumo: O presente trabalho trata do Cineclube Anarquista Efeito Colateral (CAEC), uma iniciativa anarquista fundada em 2024 na cidade de Pelotas, sul do RS. Os objetivos são: apresentar o cineclube; localizá- lo historicamente; contextualizá-lo em relação ao ecossistema audiovisual brasileiro e ao movimento anarquista; investigar seu funcionamento interno, ideologia e objetivos declarados; e a partir deste registro, trazer uma discussão sobre as possibilidades reais do anarquismo no cinema. Este trabalho se desenvolve a partir de um estudo de caso descritivo realizado sobre o cineclube em 2025, cujos métodos foram participação observante (em sessões de cinema, instâncias organizativas, etc.), entrevistas com os organizadores, e revisão bibliográfica. A literatura existente sobre o encontro de anarquismo e cinema é parca e hegemonicamente focada no norte global (e, de fato, parte das aspirações de um trabalho como este é expandir essa literatura). No entanto, ela permite caracterizar uma tradição de "cinema anarquista" que mantém uma série de continuidades até o presente. Um ponto de interesse especificamente sobre a relação anarquismo-cineclubismo é a criação, em 1913, do Cinema du Peuple, formado por anarquistas parisienses e por vezes considerado o primeiro cineclube da história. Já o CAEC foi fundado em 2024, e realizou 11 atividades desde então, majoritariamente sessões de cinema. Ele é um dos poucos cineclubes independentes em Pelotas, e é organizado de forma horizontal e autogerida. O conteúdo de suas sessões varia em gênero e formato, mas tende a privilegiar o cinema nacional e busca sempre trazer obras que possam suscitar debates caros ao movimento libertário (por exemplo, sobre a descriminalização da cannabis, acesso ao aborto, e pautas de direitos humanos). O cineclube opera tendo colaborações com espaços comunitários, escolas, e ocupações, mas também realizadores e distribuidoras de cinema, como parte integral de seu funcionamento. Parte disso se dá por sua natureza itinerante, que lhe permite trazer sessões em áreas da cidade mais afastadas do centro onde estão presentes as salas comerciais de cinema. Assim, o CAEC cumpre duas funções tradicionais do cineclube conforme descrito pelo estudioso do tema Felipe Macedo: a de ser uma alternativa à sala de cinema tradicional, e também uma forma de auto- organização do público. Essas duas características mostram continuidade com a tradição do cinema anarquista, algo também demonstrado pelo uso do cinema pelo CAEC como ferramenta de educação popular assim como espaço de questionamento e pensamento crítico. Estas características tornam essa iniciativa, ainda que jovem, digna de estudo, registro e análise.

Palavras-chave: Cinema anarquista, Cineclubismo, Cinema alternativo

Bibliografia básica: MACEDO, F. Cineclube e Autoformação do Público. In: ALVES, G; MACEDO, F. Cineclube, Cinema e Educação. Londrina: Praxis, 2010. Cap.2, p.27–56.

MARINONE, I. Cinema e Anarquia: uma história "obscura" do cinema na França (1895-1935). Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

ROBÉ, C. Breaking the Spell: A History of Anarchist Filmmakers, Videotape Guerrillas, and Digital Ninjas. Oakland: PM Press, 2017

TAZ, ação direta e tecnologias de sobrevivência urbana entre artistas de rua nômades: autonomia, captura e hospitalidade em rede

Ianm Pletitsch Azevedo (Universidade Federal da Integração Latino-Americana)

Resumo: Este trabalho apresenta resultados parciais de uma autoetnografia em desenvolvimento sobre o grupo cultural dos artistas de rua nômades no Cone Sul, mobilizando teorias e metodologias libertárias para analisar como a autonomia se produz e é tensionada no cotidiano urbano. A partir do conceito de Zona Autônoma Temporária, proponho deslocar a leitura da TAZ de um entendimento restrito ao espaço físico excepcional para uma abordagem processual, em gradiente, que se ativa por ação direta e pode se prolongar por efeitos materiais e reticulares. O argumento central é que a autonomia não aparece como exterior puro ao Estado e ao capital, mas como composição instável produzida por tecnologias ordinárias de sobrevivência e por infraestruturas provisórias de abrigo e circulação. No registro êmico do campo, práticas como mangueio, recicle e yomango operam como operadores de ativação da TAZ ao reorganizarem, situadamente, regimes de valor, tempo e legitimidade do trabalho, evidenciando disputas sobre uso do espaço público, visibilidade e risco. No plano espacial, okupa, mocó e maloca são analisados como suportes materiais que permitem encadear brechas e recompor trajetórias móveis, sob constante ameaça de

moralização, repressão e remoção. Em seguida, o trabalho examina a captura capitalista de gramáticas de autonomia por meio da plataformização da hospitalidade e do turismo, contrastando redes de acolhimento e troca com regimes de reputação, triagem e extração de valor. Por fim, discuto o workpacking como forma ambivalente de troca trabalho por hospedagem: pode viabilizar permanências provisórias, mas também se converter em mecanismo de precarização e recrutamento de mão de obra não remunerada, sobretudo quando substitui empregos formais em hostels. O objetivo é oferecer uma descrição densa e situada dos limites e potências da autonomia libertária no urbano contemporâneo, destacando como ajuda mútua, ação direta e redes se articulam em meio a assimetrias de classe, controle e captura.

Palavras-chave: Anarquismo; Zona Autônoma Temporária; Arte de rua nômade

Bibliografia básica: BEY, Hakim. TAZ: zona autônoma temporária. São Paulo: Conrad, 2001.

GRAEBER, David. Fragments of an anarchist anthropology. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2004.

KROPOTKIN, Piotr. Ajuda mútua: um fator de evolução. [Escolher edição usada].

MALATESTA, Errico. Anarquia. [Escolher edição usada].

SRNICEK, Nick. Platform capitalism. Cambridge: Polity Press, 2017.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. The platform society: public values in a connective world. New York: Oxford University Press, 2018.

Anarquistas e sexo livre

Edson Passetti (nu-sol núcleo de sociabilidade libertária)

Resumo: A legitimidade do sexo no casamento passou do paganismo grego ao cristianismo já revestido de amor entre as partes opostas que se atraem sexualmente como os bichos na natureza. O sexo natural passou a ser aquele entre homens e mulheres, com casamento, procriação, monogamia e condenação do adultério. No século XIX, xs anarquistas voltados para a abolição da propriedade e do Estado também levaram adiante a abolição do casamento em práticas de amor livre entre as partes. A revolução não foi vista ou pensada como demarcadora da futura liberdade e, muito menos, como momento de dissolução da heteronormatividade. No interior desta discussão pretende-se mostrar o caso da Colonia Cecilia no Paraná. Hoje, pergunta-se: como existir sexo livre fora da herança pagã, religiosa e da prática de amor livre tornada convencional desde a chamada liberação do sexo?

Palavras-chave: anarquia; sexo livre; amor livre

Bibliografia básica: Giovanni Rossi. A Colonia Cecilia e Outras Utopias. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.

Miguel Sanches Neto. Um Amor Anarquista. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2005.

Newton Stadler de Souza. O Anarquismo da Colônia Cecília. Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

Imagens ácratas: 90 anos da Revolução Espanhola

Gustavo Vieira (nu-sol núcleo de sociabilidade libertária)

Resumo: A apresentação expõe as relações entre os anarquismos e o cinema a partir das produções realizadas durante a Revolução Espanhola de 1936. Em meio ao fervor revolucionário, os anarcossindicalistas ligados à CNT-FAI coletivizaram a indústria cinematográfica em Barcelona e inventaram um outro modo de fazer e pensar cinema. Em apenas dois anos e meio, mais de 360 filmes foram realizados, em sua maioria documentais, registrando as transformações sociais provocadas pela revolução e a intensidade dos combates contra o avanço das tropas franquistas. Essas imagens não se limitam ao registro histórico, participando também da difusão das práticas revolucionárias e da cultura libertária. A Revolução Espanhola é um acontecimento potente que abriu um campo de múltiplas experimentações sociais, políticas e estéticas. Nesse contexto, as imagens produzidas naquele momento se entrelaçam com a vida e com as lutas anarquistas, capturando o estopim da revolta que atravessa o imaginário libertário. Recuperar essas imagens, frequentemente eclipsadas pela historiografia oficial, permite evidenciar a potência das transformações vividas pelxs anarquistas nos momentos fervorosos da revolução. Imagens que não pertencem apenas ao passado, mas continuam a incendiar o presente de nossas lutas. Palavras chave: cinema, revolução espanhola, cultura libertária.

Palavras chave: cinema, revolução espanhola, cultura libertária.

Bibliografia básica: DÍEZ, Emeterio. “El cine bajo la revolución anarquista. Cine libertário”. Historia 16, Madri, n. 322, fevereiro, 2003.

CUBERO, Jaime. “A epopeia anarquista”. revista verve, São Paulo: nu-sol v. 29, 2016, p. 73-76.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. O curto verão da anarquia. Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

FOUCAULT, Michel. “É inútil revoltar-se”. In: Manoel Barros da Motta (org). Ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 77-81 (Coleção Ditos escritos V).

GUBERN, Román. “la producción anarquista”. In: Vicente Sánchez Biosca (ed.), España en armas. El cine de la guerra civil española. Valencia: Diputación de Valencia, 2007.

LE LIBERTAIRE; LE MONDE LIBERTAIRE (eds.). Espanha libertária: a revolução social contra o fascismo. São Paulo: Ed. Imaginário, 2002.

PASSETI, Edson. “A arquitetura da revolta”. In: Margareth Rago e Silvio Gallo (orgs.) Michel Foucault e as insurreições. É inútil revoltar-se?. São Paulo: Fapesp; Intermeios, 2017, p. 63-71.

PEYROU, Óscar. El cine anarquista, el inicio de una ilusión. Huesca: Festival de cine de Huesca, 2004.

RAGO, Margareth. “Mujeres Libres: Anarquismo e Feminismo na Revolução Espanhola”. In: RAGO, Margareth; Biajoli, Maria Clara Pivato (org). Mujeres Livres da Espanha: documentos da Revolução Espanhola, Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

ROCKER, Rudolf. A Tragédia da Espanha. Tradução de Felipe Arruda, Klauss Filus Weber, Raphael Semchechen, Roberta Semchechen, Rodrigo Ponce. São Paulo: L-DOPA, 2016.

VIEIRA, Gustavo. Cinema na Revolução Espanhola. Santos: Intermeios, 2025.

VIEIRA, Gustavo. “Armand Guerra, um cineasta semeador de rebeldias” in revista verve, v.43. São Paulo, nu-sol, 2023, pp. 162-184.

A cooperativa Cinema do Povo em Paris (1913-1914)

Luiz Felipe Cezar Mundim (Universidade Federal do Tocantins)

Resumo: A apresentação examina a relação entre o movimento operário francês e o cinema no período de 1895 a 1914 a partir da experiência da cooperativa Cinema do Povo, que reuniu militantes de diversas orientações da esquerda francesa no pré-guerra, desde socialistas parlamentares, até “anarquistas-comunistas” (vertente que se mostrou dominante na cooperativa) e “anarquistas individualistas” (termos utilizados pelos anarquistas franceses no período, que se dividiam denominadamente entre anarquistas-comunistas e anarquistas individualistas). Surgido em uma franca aproximação dos militantes com o cinema desde 1909, quando o processo industrialização do cinema na França já estava avançado, durou de outubro de 1913 a julho 1914 e teve como membros anarquistas como Sébastien Faure e Jean Grave. Transmitida para além de 1914, a experiência do Cinema do Povo, tentativa pioneira da classe trabalhadora de apropriação organizada do cinema, lançou as bases de uma nova forma de intervenção frente a hegemonia do cinema comercial. A hipótese é que o público, categoria de análise em escala alternativa à massa ou espectador, mostrou com a experiência do Cinema do Povo que não é de forma natural e irrevogável prisioneiro dos filmes comerciais e dos interesses dos distribuidores. A partir dos conceitos de repertório de ação, e a ideia de experiência da dominação ideológica do cinema comercial, nos esforçamos em identificar os contornos desse público que se identifica no movimento operário, principalmente por meio das trajetórias coletivas e individuais dos militantes. Ao mesmo tempo, temos a intenção de apresentar brevemente os filmes do Cinema do Povo, que podiam indicar o início da formação de um novo modo de representação da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Cinema do Povo; Movimento operário; Anarquismo francês

Bibliografia básica: ABEL, Richard. The Ciné Goes to Town: French Cinema, 1896-1914, Updated and Expanded Edition. Berkeley: University of California Press, 1998.

ALMBERG, Nina. Les Cameras du Peuple. Cinéma et mouvement ouvrier à la Belle Epoque. Mémoire présenté pour le master de recherche. Mention: Histoire. Directrice de mémoire: Claire Andrieu. Institut d’Études Politiques de Paris (Sciences Po) – Ecole Doctorale. 2010-2011.

BOUHEY, Vivien. Les Anarchistes contre la République. Contribution à l'histoire des réseaux sous la Troisième République (1880-1914). Presses Universitaires de Rennes, 2008.

COSTA, F. C. Primeiro Cinema. In: História do Cinema Mundial. Fernando Mascarello (Org.), Campinas, SP: Papirus, 2006. pp. 17-52.

DARDEL, Aline. Catalogue des dessins et publications illustrées du Journal Anarchiste « Les Temps Nouveaux » 1895-1914. Thèse de Doctorat de troisième cycle en histoire de l'Art. Université de Paris IV. Directeur de thèse : Bernard DORIVAL. 1980.

DAVRANCHE, Guillaume. Trop Jeunes pour mourir – Ouvriers et révolutionnaires face à la guerre (1909-1914). L'Insomniaque, Montreuil et Libertalia, Paris. 2014.

DREYFUS, Michel. Histoire de la C.G.T. Cent ans de syndicalisme en France. Bruxelles, Éditions Complexe, 1995.

MAITRON, Jean. Le mouvement anarchiste en France. Tomo I: Des origines a 1914. Paris, Gallimard, 1975.

MANNONI, Laurent. 28 octobre 1913: création de la société 'Le Cinéma du Peuple'. In: Thierry Lefebvre et Laurent Mannoni (dir.). L'année 1913 en France, no. Hors série. Revue '1895', octobre, p. 100-107. Paris: Association française de recherche sur l'histoire du cinéma, 1993.

MARINONE, Isabelle. Cinema e Anarquia: Uma história "obscura" do cinema na França (1895- 1935). Tradução de Adilson Inácio Mendes, Carlos Roberto de Souza, Fernanda Murad e Flávia Lago. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2009.

PERRON, Tangui. Le contrepoison est entre vos mains, camarades' – C.G.T. et cinéma au début du siècle. Le Mouvement Sociale, n. 172, Paris: Éditions de l'atelier, juillet-septembre, 1995. pp. 21-36.

PERROT, Michele. Os Excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

PERROT, Michele. Les ouvriers en grève. France 1871-1890. Tome 1-3. Éditions de l'École des hautes études em sciences sociales. 2001.

PIGENET, Michel; TARTAKOWSKI, Danielle. Histoire des mouvements sociaux en France de 1814 à nos jours, Paris, La Découverte, 2012.

Roberto de las Carreras: dandismo e anarquismo no 900 rioplatense

Ricardo Machado (Universidade Federal da Fronteira Sul)

Resumo: Roberto de las Carreras (1875–1963) foi uma das figuras mais excêntricas e provocadoras da chamada Generación del 900 no Uruguai, um caso singular de articulação entre dandismo literário e anarquismo cultural no contexto rioplatense. Poeta, polemista e personagem público marcado por escândalos e gestos de provocação estética, Roberto de las Carreras construiu uma obra e uma trajetória que desafiaram os valores morais e sociais da sociedade burguesa montevideana do início do século XX. Nesse contexto, o dandismo não se reduz a uma atitude individual ou a um estilo de vida excêntrico, mas pode ser interpretado como uma estratégia cultural de diferenciação e crítica social, na qual a pose, a teatralização da vida e a provocação pública se tornam elementos constitutivos da prática literária. No ambiente intelectual do novecientos, marcado pela modernização urbana e pela emergência de novas formas de sociabilidade literária, a figura do dândi e do boêmio desempenhou um papel importante na construção de uma imagem moderna do escritor, associada à recusa dos valores burgueses e à afirmação de uma subjetividade dissidente. Nesse cenário, Roberto de las Carreras desenvolveu uma produção literária que combina experimentação modernista, imaginação decadentista e forte componente erótico. Ao mesmo tempo, suas intervenções na imprensa e seus panfletos escandalosos incorporam elementos do pensamento libertário e anarquista, especialmente na defesa do amor livre e na crítica às instituições sociais tradicionais, como o casamento. Essa articulação entre literatura, provocação estética e crítica social contribuiu para a construção de sua imagem de poeta maldito e agitador cultural, em que a produção literária se entrelaça com a encenação pública de uma subjetividade radicalmente antinormativa. A trajetória de Roberto de las Carreras revela, portanto, um modo particular de inscrição do anarquismo no campo cultural, no qual a rebeldia política se manifesta tanto no plano ideológico quanto na experimentação estética e na performance social do autor. Esta comunicação pretende discutir o lugar de Roberto de las Carreras no contexto cultural do 900 rioplatense, enfatizando a relação entre dandismo, anarquismo e modernismo literário. A partir de estudos recentes sobre o autor e sobre o ambiente intelectual do

período, busca-se compreender de que modo sua obra e sua figura pública participam de uma tradição de rebeldia estética e crítica cultural que marcou a formação da modernidade literária no Rio da Prata.

Palavras-chave: dandismo; anarquismo; modernismo; Generación del 900; literatura rioplatense.

Bibliografia básica: AÍNSA, Fernando. Dandis y bohemios en el Uruguay del 900. Una relectura contemporánea. Rilce. Revista de Filología Hispánica, v. 15, n. 1, p. 201-214, 1999.

DELGADO, Leandro. Anarquismo en el novecientos rioplatense. Montevideo: Estuario, 2020.

DOMÍNGUEZ, Carlos María. El bastardo: la vida de Roberto de las Carreras y su época. Montevideo: Cal y Canto, 1997.

DOMÍNGUEZ, Carlos María. Roberto de las Carreras y el sentido de la pose en la poética modernista. Revista Uruguaya de Psicoanálisis, n. 113, 2011.

GIAUDRONE, Carla. La degeneración del 900: lecturas de la cultura uruguaya fin-de-siglo. Montevideo: Ediciones Trilce, 2005.

MOLLOY, Silvia. Poses de fin de siglo: desbordes del género en la modernidad. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2012.

RAMOS, Julio. Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el siglo XIX. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

VILLENA, Luis Antonio de. Corsarios de guante amarillo: vidas extravagantes del siglo XIX. Madrid: Valdemar, 1997.

WASEM, Marcos. El amor libre en Montevideo: Roberto de las Carreras y la irrupción del anarquismo erótico en el novecientos. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2014.

ANARQUISMO: TEORIA, IDEOLOGIA E ORGANIZAÇÃO

Teoria Malatestiana das Formas de Governo

André Luís Vidotto da Rocha (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: O presente trabalho acadêmico, já apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pelos Prof. Dr. Rodolfo Palazzo Dias e Felipe Corrêa Pedro, submetido ao curso de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado com nota máxima, investiga as contribuições a respeito da Teoria das Formas de Governo formuladas pelo pensador anarquista italiano Errico Malatesta. Partindo de ampla revisão bibliográfica de diversas obras do autor, com apoio de procedimentos quantitativos de análise de conteúdo para mapear os elementos teóricos e contextuais que remetem aos diferentes regimes políticos, esta pesquisa tem por objetivo sistematizar a análise de Malatesta, de forma a elaborar uma teoria malatestiana das formas de governo, em comparação com a teoria clássica. A metodologia utilizada une a análise contextual à interpretação teórica argumentativa, utilizando princípios do contextualismo linguístico do historiador Quentin Skinner, mas também considerando os apontamentos metodológicos para as ciências sociais do sociólogo Jeffrey Alexander. O resultado deste trabalho não apenas contribui nos estudos sobre o pensamento político de Malatesta, mas também utiliza sua perspectiva histórica e teórica para fortalecer o célebre debate das formas de governo no campo da ciência política, tornando-o mais ciente dos desafios práticos que se impõem entre a formulação de um governo ideal, que governa visando o bem comum, e sua complexa realização histórica, que acaba sempre na manutenção da exploração do ser humano pelo ser humano. Conclui-se que Malatesta subverte a classificação clássica ao agrupar os regimes pela imposição da força (monarquia absoluta e ditadura), pela cooptação via ilusão de soberania (democracia, república, parlamentarismo), e pela livre associação sem delegação de poder fictício (anarquia). Os resultados demonstram que, para o autor, o Estado é imutável em sua essência de dominação, e por meio dele é impossível governar para o bem comum. Por fim, a pesquisa identifica que Malatesta rejeita o determinismo do "quanto pior, melhor", estabelecendo um critério tático onde a preferência entre regimes depende do grau de elevação moral do povo que permitem desenvolver, apontando o socialismo organizado pela anarquia como a única superação real do ciclo de tiranias.

Palavras-chave: Errico Malatesta; Teoria das Formas de Governo; Teoria Política.

Bibliografia básica: ALEXANDER, Jeffrey C. A Importância dos Clássicos. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Orgs.). Teoria Social Hoje. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

ARISTÓTELES. A Política. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BEALES, Derek; BIAGINI, Eugenio F. The Risorgimento and the Unification of Italy. 2nd. ed. London: Routledge, 2002.

BOBBIO, Norberto. A teoria das formas de governo. Tradução: Sérgio Bath. 10. ed. Brasília: Editora UnB, 1997.

BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

FABBRI, Luigi. Life of Malatesta. 1936. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/luigi-fabbri-life-of-malatesta>. Acesso em: 7 ago. 2025.

HERÓDOTO. História. Tradução: J. Brito Broca. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1957. v. 1

MALATESTA, Errico. Anarquistas, socialistas e comunistas. São Paulo: Intermezzo; Imaginário, 2014a

MALATESTA, Errico. The method of freedom: an Errico Malatesta reader. TURCATO, Davide (Org.). Oakland: AK Press, 2014b

MALATESTA, Errico. Life and ideas: the anarchist writings of Errico Malatesta. RICHARDS, Vernon (Org.). Oakland: PM Press, 2015

POLÍBIOS. História. Tradução: Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

SKINNER, Quentin. Significado e interpretação na História das Ideias. Visions of Politics, Tempo e Argumento. v. 9, n. 20, p. 358–399, abr. 2017.

Desobediência: "Um ato histórico ou uma relação moral do indivíduo com a lei do estado?"

João Machado (Universidade Federal de Santa Maria)

Resumo: O que significa desobedecer? Em ocasiões rotineiras, parecem coisas que escutaríamos nos nossos primeiros anos de desenvolvimento, geralmente daqueles que são nossos responsáveis, afirmando que estamos desobedecendo uma ordem dada ou algo que foi previamente acertado, ou seja: quando fazemos exatamente o oposto do que nos foi dito para não fazer. Mas enquanto a ação política? É elementar que desobedecer aqui entra em outra estância e se faz necessária uma análise de uma concepção mais minuciosa do que seria desobedecer um governo, um estado ou até mesmo uma lei. Esse é o intuído deste trabalho: analisar a desobediência dentro do escopo da filosofia política com o intuito de trazer uma explicação satisfatória do porquê ou o que leva o indivíduo a ação radical de desobedecer uma lei já estabelecida por um governo estatal. Para isso ser executado da melhor forma, a analise partirá das concepções já estabelecidas de desobediência dos autores clássicos da filosofia política. Pós apresentadas e esclarecidas essas concepções, será feita uma leitura crítica dessas concepções e será apresentado um escopo teórico alternativo e contracultural, com o intuito de apresentar o que podemos chamar de um "outro lado". O que significa que serão trazidos autores que geralmente não estão no centro dos debates ou no cânone da filosofia política com o intuito de uma tentativa de preenchimento da lacuna do conhecimento no tocante a desobediência. Encerrada discussão e apresentada ás concepções teóricas antagônicas ás visões predominantes o presente trabalho se encerrará com a proposta de que a desobediência é um fenômeno histórico que ocorre como um movimento antagônico contra a formação de um governo centralizado.

Palavras-chave: Anarquismo; Filosofia Política; Humanidades;

Bibliografia Básica: ARENDT, Hannah. Crises da república. Tradução: José Volkmann. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BOBBIO, Norberto. Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

GOLDMAN, Emma. Anarchism and other essays. 3. ed. Chico: AK Press, 2024. v. 5.

RAWLS, John. Uma teoria da justiça. Tradução: Jussara Simões. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

THOREAU, Henry David. A desobediência civil. Tradução: Sérgio Karam. São Paulo: Edipro, 2016.

GOLDMAN, Emma. O indivíduo, a sociedade e o Estado. Tradução: Mariana Lins. São Paulo: Hedra, 2023.

Indústria e autogestão: uma análise libertária

Diego Lucato Bello (nu-sol núcleo de sociabilidade libertária; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Resumo: Em meados do século XIX, emergiu, nos marcos da vida nos centros urbanos, o ludismo, ações por meio das quais trabalhadores se insurgiam e levavam adiante a destruição das máquinas no interior das fábricas. Essas iniciativas não passaram despercebidas pelos pensadores socialistas da época, incluindo também as existências libertárias. Pierre-Joseph Proudhon, embora reconhecesse que a destruição de máquinas não deixava de ser uma forma de resistência às pobrezas geradas pelo feudalismo industrial, ressaltava não ser pertinente dissociar a mutualidade da indústria, concebida por ele enquanto inteligência aplicada ao trabalho realizado pela força coletiva. Associou a filosofia à indústria, sugerindo que, às classes populares, era fundamental se apropriar dos saberes relativos ao trabalho industrial para, assim, elaborar formas de autogestão duradouras. Esteve atento aos aprimoramentos industriais de seu tempo, cujas criações, como as malhas rodoviárias, ferrovias, portos etc. lhe chamaram atenção, abrindo margens para a elaboração de acordos federativos entre associações, departamentos, comunas e províncias. Não adotou um otimismo ingênuo e tampouco um pessimismo absoluto em relação às infraestruturas criadas. Apartando-se da premissa segundo a qual o desenvolvimento das forças produtivas conduzia, inevitavelmente, ao reino da liberdade, afastou-se também de elucubrações que aspiravam a uma espécie de marcha ré no tempo, fundamentadas em uma concepção idílica do passado: as antigas utopias. Afinal, estava ciente de que a proliferação da autogestão das classes operárias só seria possível caso fosse capaz de gerar ganhos materiais às mesmas, embora tampouco estivesse circunscrita a isso. A sofisticação da indústria, compreendida como meio capaz de ampliar a quantidade e aprimorar os bens dos quais os trabalhadores usufruiriam, era um objetivo do mutualismo e do federalismo, cuja viabilidade estava relacionada à proteção da indústria, inclusive diante da busca pelos chamados acordos de livre comércio. Esta experimentação, portanto, tem como objetivo discorrer sobre as análises de Proudhon a respeito da proteção da indústria, do crédito e do aprimoramento das habilidades manuais e intelectuais dos trabalhadores para as atividades de maior conteúdo tecnológico de seu tempo, sugerindo que se trata de análises pertinentes em tempos nos quais prepondera a governamentalidade neoliberal.

Palavras-chave: indústria; mutualidade; politecnia da aprendizagem.

Bibliografia básica: Proudhon, Pierre-Joseph. Da Capacidade Política das Classes Operárias. Tradução de Edivaldo Vieira da Silva. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Libertários - IEL; São Paulo: Centro de Cultura Social – CCS; São Paulo: Intermezzo Editorial, 2019.

_____Da Justiça na Revolução e na Igreja - Filosofia, Justiça e "Politecnia da Aprendizagem. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2019.

_____Sistemas das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria II. Tradução de José Carlos Orsi Morel. São Paulo: Ícone Editora, 2019.

_____ Sistema das Contradições Econômicas ou Filosofia da Miséria. Tradução de José Carlos Orsi Morel. São Paulo: Ícone Editora, 2003.

_____ Do Princípio Federativo. Tradução de Francisco Trindade. São Paulo: Editora Imaginário; São Paulo: Nu-Sol, 2001.

Entre discursos e dinamites: o casal Parsons, mais perigosos que mil manifestantes – Os horizontes possíveis entre o anarquismo e a retórica

Ashley Kurpiel Czelusniak (Universidade Federal de Santa Catarina)

Gabriel Vendramin de Quadros (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: Lucy e Albert Parsons foram dois destacados anarquistas norte-americanos, que em sua vida, ganharam fama e deixaram o seu legado impresso na luta e história libertária. Seu legado e sua popularidade muito se devem à habilidade discursiva que levavam consigo. Mais que meros agitadores de folheto, o casal inflamava em seus companheiros de luta a revolta armada, munidos de uma rica retórica de agitação, incendiavam as massas trabalhadoras a revolução proletária e anarquista. O presente trabalho – que surge através de um empreendimento inicial em reconhecer os horizontes possíveis entre retórica e anarquismo, campo pouquíssimo explorado pela academia e pelos anarquistas – busca esclarecer a presença e importância do uso da retórica, tanto por Lucy quanto por Albert, como uma chave para compreensão de sua importância histórica, teórica e militante à luta anarquista. Para tanto, realizou-se uma revisão histórica e bibliográfica dos autores em seu período de maior incisão no

movimento operário, a saber, entre os anos 1880-1890, ou seja, período no qual o casal anarquista atua em conjunto, onde também Albert Parsons é assassinado pelo Estado estadunidense e ainda onde Lucy é perseguida, embora jamais abandone a memória do marido e a agitação política. Utiliza-se um referencial clássico da retórica, sobretudo a produção de Aristóteles, para então evidenciar o uso retórico na coletânea de textos e discursos escritos ou transcritos do casal. Encontrou-se a partir da investigação bibliográfica e retórica, um profundo conhecimento da "arte de bem dizer" do casal e em seus desdobramentos práticos, desde a forma que tomam os discursos até seus resultados nas massas, evidencia-se que o bom uso retórico, unidos as suas práticas e estratégias militantes anarquistas, propiciou a eles sua fama e legado. Conclui-se portanto das descobertas que a retórica pode e deve ser utilizada como uma chave de interpretação da importância histórica, teórica e militante dos Parsons, que entre discursos e dinamites explodiram a revolta no coração dos trabalhadores, multiplicando-se de dois em milhares.

Palavras-chave: retórica; anarquismo; agitação política.

Bibliografia básica: ARISTÓTELES. Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ESCURECENDO O ANARQUISMO (org.). Mais perigosa que mil manifestantes: uma coleção de textos. Rio de Janeiro: Escurecendo o Anarquismo, 2023.

MARTIN, James. Politics and Rhetoric: A critical introduction. New York: Routledge, 2014.

PARSONS, Lucy. A Word to Tramps: The Unemployed, the Disinherited, the Miserable. The Alarm, Chicago, 4 out. 1884. Disponível em: <https://revolutionsnewsstand.com/2024/10/21/a-word-to-tramps-the-unemployed-the-disinherited-the-miserable-by-lucy-e-parsons-from-the-alarm-chicago-vol-1-no-1-october-4-1884/>. Acesso em: 26 fev. 2025

PARSONS, Albert. Meeting of the Wage Slaves in South Bend. The Alarm, Chicago, 15 out. 1884. Disponível em: <https://revolutionsnewsstand.com/2023/08/19/meeting-of-the-wage-slaves-in-south-bend-by-albert-r-parsons-from-the-alarm-chicago-october-15-1884/>. Acesso em: 26 fev. 2025

PARSONS, Albert. What Anarchy Means?. The Alarm, Chicago, 18 mar. 1885. Disponível em: <https://revolutionsnewsstand.com/2023/06/08/what-anarchy-means-by-albert-r-parsons-from-the-alarm-vol-1-no-18-march-7-1885/>. Acesso em: 26 fev. 2025

PARSONS, Lucy. Life of Albert R. Parsons with brief history of the labor movement in America. Chicago: s.n., 1889.

REBOUL, Oliver. Introdução à retórica. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

O abolicionismo penal libertário na travessia de um escândalo na existência

Salete Oliveira (nu-sol núcleo de sociabilidade libertária)

Resumo: O abolicionismo penal libertário, inventado pelo nu-sol, é um acontecimento que interessa aos que não se esqueceram de que a luta de anarquistas para arruinar a cultura do castigo permanece como uma de suas práticas mais preciosas e uma de suas forças mais vigorosas e delicadas, atravessando o incontível da vida livre, sua saúde própria. E se alguém, ainda, aventar a pergunta "o que se coloca no lugar da prisão, da punição, do castigo e do juízo?" a resposta é simples: nada! E se alguém insistir, que se volte ao seu próprio corpo; que o revolva em um gesto definitivo de coragem em relação a si próprio e arranque de lá o castigo que se imiscuiu em seu jeito de tocar na vida.

Palavras-chave: abolicionismo penal libertário; resposta-percurso; crianças e jovens, práticas anarquistas; saúde na existência.

Bibliografia básica: Edson Passetti. Abolicionismo penal libertário - hypomnematas/nusol. Rio de Janeiro, Revan, 2021.

Emma Goldman. A criança e seus inimigos. In Revista Verve, n. 37. São Paulo, nu-sol, 2020, pp. 57-68.

Louk Hulsman et al. Penas perdidas: o sistema penal em questão. Tradução de Maria Lúcia Karam. Rio de Janeiro, Revan, 1997.

O antiteologismo e a sociologia da religião de Bakunin

Selmo Nascimento da Silva (Colégio Pedro II)

Não só o militante e teórico anarquista Bakunin é conhecido pelo seu anticlericalismo, mas o próprio anarquismo, enquanto ideologia revolucionária, é conhecido pelo seu caráter profundamente anticlerical. De fato, considerando que a obra Deus e o Estado, cuja autoria é atribuída à Bakunin, é uma das obras anarquistas mais lidas, não é de se espantar que o anticlericalismo seja uma marca do anarquismo. Entretanto, o pensamento de Bakunin vai muito além da imagem estereotipada do anticlericalismo. Podemos entender que o bakuninismo tem no antiteologismo, enquanto perspectiva epistemológica materialista, uma das suas bases fundantes de sua teoria revolucionária, sendo o próprio antiteologismo uma categoria epistemológica revolucionária. Na verdade, ao aprofundar a teoria de Bakunin nos deparamos como uma sociologia da região, ou seja, com as bases teóricas para os estudos da região como fenômeno socioantropológico, assim como do papel das instituições religiosas na estrutura de dominação capitalismo. Ao relacionar a Reforma Protestante ao processo de construção do poder burguês, Bakunin antecipou algumas das conclusões da obra clássica A ética protestante e o espírito do capitalismo, do sociólogo Max Weber. A presente comunicação tem como objetivo refletir sobre como Bakunin construiu sua sociologia da religião a partir de seus debates como a filosofia materialista de Feuerbach, de sua crítica ao papel das instituições religiosas, bem como suas aproximações e diferenças com a perspectiva marxista e, ao mesmo tempo, propor um diálogo entre o anarquista russo e sociologia da religião weberiana.

Palavras-chave: Bakunin, antiteologismo, sociologia da religião

Bibliografia básica: BAKUNIN, Mikhail. De baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin. Niterói, Alternativa, 2014.

_____. Federalismo, socialismo e antiteologismo. [1868]. União Popular Anarquista, 2012.

_____. O princípio do Estado e outros ensaios. São Paulo, Hedra, 2008.

FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Petrópolis, Vozes, 2013.

MARX, Karl. Sobre a questão Judaica [1843]. São Paulo : Boitempo, 2010.

RUDY, Antonio Cleber. Nem Deus, nem amo: o antirreligiosismo na propaganda anticlerical anarquista em inícios da República no Brasil. REVER, São Paulo, v. 23, n. 2, 2023.

VIANA, Nildo. Gênese e significado da religião segundo Bakunin. Revista Espaço Acadêmico, v. 15, n. 172, setembro de 2015.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Pioneira, 1987.

O humanismo libertário no anarquismo clássico e contemporâneo

Arthur Guimarães de Oliveira Castro

Resumo: O presente estudo propõe uma articulação teórica do conceito de humanismo libertário como a dimensão ético-filosófica do anarquismo, examinando sua vigência tanto na tradição clássica quanto em suas atualizações contemporâneas. A tese central sustenta que o cânone libertário fundamenta uma defesa intransigente de uma concepção de humanidade alicerçada no materialismo e na imanência radical. Tal perspectiva situa-se em oposição dialética a quaisquer reducionismos — teológicos, econômicos ou discursivos — que obliterem o potencial emancipatório e a agência histórica do sujeito. A análise reconstrutiva evidencia como a filosofia libertária desmantela sistematicamente as múltiplas facetas do anti-humanismo, operando uma síntese crítica entre a liberdade individual e emancipação social. Em um primeiro momento, a investigação aprofunda a crítica à teologia e ao idealismo especulativo, denunciando-os como equívocos epistemológicos e mecanismos de alienação política que expropriam as potências humanas de racionalidade e justiça para projetá-las em abstrações transcendentais e hierarquizantes. Subsequentemente, rejeita-se o determinismo mecanicista e o etapismo histórico, narrativas que, teleologicamente, naturalizaram o capitalismo e o Estado como corolários inevitáveis e supostamente progressistas do desenvolvimento civilizatório. Demonstra-se como essa teleologia fatalista permeou diversas teorias cientificistas, incluindo interpretações ortodoxas do marxismo, sendo todas confrontadas pela praxiologia anarquista da contingência e da ação direta. Por fim, o trabalho enfrenta as tendências contemporâneas do irracionalismo e do ceticismo pós-moderno. Problematiza-se o misticismo new age e certas vertentes do movimento ecológico que, ao flertarem com a misantropia, dissolvem a responsabilidade ética do sujeito. Paralelamente, busca-se romper com o relativismo epistêmico do pós-estruturalismo e com a evasão para a mitopoese, reafirmando a imperatividade de um projeto emancipatório universalista, racional e voltado à transformação social concreta.

Palavras-chave: Humanismo Libertário; Ontologia Naturalista; Teoria Anarquista.

Bibliografia básica: BAKER, Zoe. Means and Ends: The Revolutionary Practice of Anarchism in Europe and the United States. AK Press, 2023.

BAKUNIN, Mikhail. Estatismo e Anarquia. Tradução de Plínio Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2003.

BAKUNIN, Mikhail. De Baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica. Org. Andrey Cordeiro Ferreira e Tadeu Bernardes de Souza Toniatti. 2014.

BOOKCHIN, Murray. The Ecology of Freedom: The Emergence and Dissolution of Hierarchy. Palo Alto: Cheshire Books, 1982.

BOOKCHIN, Murray. Re-enchanting Humanity: A defense of the human spirit against anti-humanism, misanthropy, mysticism and primitivism. London: Cassell, 1995.

BOOKCHIN, Murray. The Philosophy of Social Ecology: Essays on Dialectical Naturalism. 2. ed. Montréal: Black Rose Books, 1996.

BOOKCHIN, Murray. Anarquismo, Crítica e Autocrítica. Tradução de Felipe Corrêa e Alexandre B. de Souza. São Paulo: Hedra, 2010.

CASTRO, Arthur Guimarães de Oliveira. O anti-humanismo como contrarrevolução ideológica: contribuições críticas de Murray Bookchin. 2024. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2024.

CORRÊA, Felipe. Teoria bakuniniana do Estado. São Paulo: Editorial Intermezzo, 2014.

CORRÊA, Felipe. Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo. Autonomia Literária, 2024.

DOS SANTOS, Kauan Willian. Anticlericalismo e militância sindical: o periódico anarquista A Lanterna e sua ação entre os trabalhadores em São Paulo (1901-1914). Revista Eletrônica Discente História. com, v. 1, n. 2, p. 116-130, 2014.

GRAEBER, David. Direct Action: An Ethnography. Oakland: AK Press, 2009.

GRAEBER, David. Fragmentos de uma Antropologia Anarquista. Porto Alegre: Deriva, 2011.

GRAEBER, David. The Utopia of Rules: On Technology, Stupidity, and the Secret Joys of Bureaucracy. New York: Melville House, 2015.

GRAEBER, David. Dívida: os primeiros 5.000 anos. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

GRAEBER, David; GRUBAČIĆ, Andrej. A atualidade revolucionária do conceito “apoio mútuo” de Piotr Kropotkin. Tradução de Peterson Silva. Autonomia Literária, São Paulo, 14 set. 2020. Disponível em: https://autonomialiteraria.com.br/a-atualidade-revolucionaria-do-conceito-apoio-mutuo-de-piotr-kropotkin/. Acesso em: 08 fev. 2026.

GRAEBER, David; WENGROW, David. O despertar de tudo: uma nova história da humanidade. Tradução de Denise Bottmann e Claudio Marcondes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022.

KROPOTKIN, Piotr. The State: Its Historic Role. London: Freedom Press, 1903.

KROPOTKIN, Piotr. Modern Science and Anarchism. London: Freedom Press, 1912.

KROPOTKIN, Piotr. Ethics: Origin and Development. London: George G. Harrap, 1924.

KROPOTKIN, Piotr. Ajuda Mútua: um fator de evolução. Tradução de Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: Senhora Editora, 2009.

MORRIS, Brian. Bakunin: the philosophy of freedom. Montréal: Black Rose Books, 1993.

MORRIS, Brian. Religion and Anthropology: A Critical Introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MORRIS, Brian. Pioneers of Ecological Humanism. Brighton: Book Guild Publishing, 2012.

MORRIS, Brian. Anthropology and the Human Subject. Bloomington: Trafford Publishing, 2014.

MORRIS, Brian. Kropotkin: The Politics of Community. Oakland: PM Press, 2018.

MORRIS, Brian. Anthropology and Dialectical Naturalism: A Philosophical Manifesto. Montréal: Black Rose Books, 2022.

ROCKER, Rudolf. Nationalism and Culture [1937]. Montreal: Black Rose Books, 1997.

VAN DER WALT, Lucien. Anarquismo e marxismo. Anarchist Studies, v. 17, n. 2, p. 46-47, 2009.

VAN DER WALT, Lucien. Revolução Mundial: para um balanço dos impactos, da organização popular, das lutas e da teoria anarquista e sindicalista em todo o mundo. Science and Society, v. 67, n. 2, p. 218, 2016.

ANARQUISMO, FEMINISMO, GÊNERO E DISSIDÊNCIAS

Violência Dissidente: Técnicas e estratégias de autodefesa para dissidentes de gênero

Yolanda Cardoso (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: O território ocupado pelo Estado Brasileiro é o que mais tem registro de assassinatos de pessoas trans e travestis. Essa violência ocorre frequentemente em contexto de pânico moral e em várias formas: nas ruas, na forma de violência doméstica, ou na repressão estatal. Recentemente, essa violência tem se cristalizado em forma de leis feitas especificamente contra dissidências de gênero, visando proibir o uso de linguagens utilizadas por estas comunidades. Comunidades dissidentes de gênero historicamente recorrem á vários métodos de autodefesa diante de violências estatais e paraestatais, como na revolta de Stonewall. A autodefesa queer serve um papel de redistribuição da violência normalmente pertencente ao monopólio da heterocisnorma, mas apesar do aumento no número de coletivos de autodefesa queer nos últimos anos, há ainda poucos trabalhos sobre esse tópico. O coletivo queer-anarquista Bash Back! alerta que existe uma invisibilização da violência apropriada pelas populações dissidentes, o que levanta a necessidade de uma produção de registros e pesquisas sobre estas iniciativas. Com base neste cenário, formulo este projeto de pesquisa que tem como objeto as técnicas e estratégias desenvolvidas em coletivos de autodefesa compostos por dissidentes de gênero na região sul do território ocupado pelo Estado Brasileiro. Os coletivos serão mapeados através do Método Bola de Neve de pesquisa não-probabilística. Após o mapeamento, até três coletivos serão selecionados para coleta de dados através de métodos etnográficos, observação-participante e entrevistas semiestruturadas com es membros dos coletivos. Através da coleta dos dados, busca-se fazer um registro qualitativo das técnicas e estratégias produzidas nos coletivos, para dessa forma compreender suas concepções de violência e autodefesa, os métodos com os quais produzem e reproduzem técnicas e estratégias, e as formas que os coletivos se organizam.

Palavras-chave: Autodefesa; Dissidência de Gênero; Anarquismo-queer.

Bibliografia básica: BAROQUE, Fray; EANELLI, Tegan. Queer Ultraviolence: An Abridged Bash Back! Anthology. Berkeley: Ardent Press, 2013;

CAVALCANTI, Céu; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho; BARBOSA, Roberta Brasilino. Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e Necropolítica em Operações Policiais a Travestis no Brasil Pós-redemocratização. In: Psicologia: Ciência e Profissão, 38(n.spe.2), 175-191. https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043;

FRUCHI, Heloíse Christine Specie. Gênero ao (Contra)ataque: práticas de autodefesa cuir em São Paulo. São Paulo: USP, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01072022-180907/publico/2021_HeloiseChristineSpecieFruchi_VCorr.pdf> Acesso em: 29 de ago. 2025;

JHONSON, Marsha P. RIVERA, Sylvia. STAR: Ação revolucionária das travestis de rua: sobrevivência, revolta, e luta trans antagonista. Parnaíba: Terra sem Amos, 2022;

OLIVEIRA, Agnes de. “Combinamos de não morrer, precisávamos também que eles tivessem combinado de não nos matar”: notas sobre a violência total cisheterossexual. In: Revista Trans-Libertária nº 1. [S.l.: s.n.], 2024. Disponível em: <https://transanarquismo.noblogs.org/revista-trans-libertaria-v-1-2024/>. Acesso em: 11 set. 2025;

SOUZA, Mériti; DE OLIVEIRA PRADO, Marcelo. Violências, mulheres travestis, mulheres trans: problematizando binarismos, hierarquias e naturalizações. Revista Polis e Psique, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 45–66, 2019. DOI: 10.22456/2238-152X.83831. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/83831>. Acesso em: 14 set. 2025;

“O marido é para o paraíso como a mulher é para a terra”: As reflexões de He Zhen para a análise da dominação da mulher sob a forma-mercadoria

Margot-Ann Bachi dos Santos (Universidade Estadual Paulista)

RESUMO: He Zhen, embora pouco conhecida no ocidente por conta do apagamento histórico da participação dos socialistas libertários nos processos revolucionários asiáticos foi uma teórica anarquista e feminista de grande relevância para o debate sobre a mulher e formulações profundamente filosóficas. Acerca da dominação feminina, a autora concebe que, na particularidade do capitalismo, essa dominação se dá pela forma-mercadoria (e de maneira subsequente com uma forte preponderância da dominação em esfera econômica). Outro ponto relevante na obra da autora é que ela também buscou demonstrar a maneira pela qual essa dominação era remanescente dos momentos históricos anteriores, por conta de elementos estruturais, culturais e religiosos, em especial o confucionismo. O presente trabalho busca apresentar, de modo breve, de que maneira essa singular autora compreende a dominação feminina em sua obra, em especial no que tange a forma particular que essa dominação assume numa sociedade capitalista, assim como a maneira concebida por He Zhen para a superação dessa dominação. Para tal, buscou-se, através do estudo das obras disponíveis da autora e outros textos de apoio reconstruir de que maneira se dá essa compreensão, em especial em seu evidente diálogo com a obra marxiana, assim como de que maneira ela esteve situada no debate teórico de seu tempo e localidade.

Palavras-chave: Anarquismo; feminismo; China.

Bibliografia básica: CORRÊA, Felipe. Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo. Curitiba, Editora Prismas, 2015.

DIRLIK, Arif. Anarchism in the chinese revolution. Los Angeles, University of California Press, 1991.

KARL, Rebecca E.; KO, Dorothy; LIU, Lydia H. (org). The birth of chinese feminism: essential texts in transnational theory. Columbia, Columbia University Press, 2013.

YOSHIMOTO, Takeuchi. The Role of Marxism in Japan. In: The Developing Economies. Chiba, v.5, n.4, p.727-747, set. 1967.

ZARROW, Peter. He Zhen and anarcho-feminism in China. Journal of Asian Studies, Cambridge, v. 47, n. 4, 796-813, 1988.

ZHEN, He. Economic Revolution and Women’s Revolution. In: KARL, Rebecca E.; KO, Dorothy; LIU, Lydia H. (org). The birth of chinese feminism: essential texts in transnational theory. Columbia, Columbia University Press, 2013.

_____. The Feminist Manifesto. In: KARL, Rebecca E.; KO, Dorothy; LIU, Lydia H. (org). The birth of chinese feminism: essential texts in transnational theory. Columbia, Columbia University Press, 2013.

Retrato desenhado de rupturas de normas de gênero nos textos de Maria Antônia Soares

Dandara Vieira Luigi (Universidade de São Paulo)

Resumo: Esta pesquisa investiga a trajetória de vida-política de Maria Antônia Soares (1898–1991), mulher operária e militante anarquista que atuou entre as cidades de Santos e São Paulo nas primeiras décadas do século XX, período de sua juventude. A escolha por pesquisar mais profundamente seus caminhos, se dá pela minha participação - por meio do desenho, na concepção do livro biográfico “Unidas nos lancemos na luta: o legado anarquista de Maria A. Soares” (Ludmilla et al., 2021), que compõe a coleção “Charlas y Luchas”, publicada pela Editora Tenda de Livros. O trabalho se insere no campo dos estudos sobre gênero e anarquismo, tomando como fontes principais a imprensa anarquista, bem como outros documentos históricos. A investigação articula a etnografia de arquivo a uma metodologia que integra escrita e desenho, compreendendo o desenho como forma de conhecimento e como prática situada de leitura dos arquivos. Dialogando com perspectivas libertárias sobre emancipação feminina, crítica à moral burguesa e às normas de gênero, analiso como Maria Antônia construiu modos revolucionários de atuação política e presença pública. Seus textos evidenciam rupturas com normas sociais atribuídas às mulheres trabalhadoras, reivindicando visibilidade em um contexto histórico e urbano marcado pela subalternização feminina. Assim, a partir do conceito de corpografia, entendido como a inscrição do corpo no espaço urbano - e vice-versa, proponho os desenhos produzidos ao longo da pesquisa como dispositivos analíticos capazes de evidenciar gestos e modos propriamente ditos de existência corpo-espacial e política da mesma, como seus deslocamentos nas ruas, na fábrica, em comícios, nos jornais - em espaços que atravessam a cidade. Os desenhos aparecem como forma de pensar e narrar a experiência urbana e política de uma mulher anarquista, cuja atuação tensiona fronteiras entre o

público e privado, o doméstico e político. E ao tratar o corpo como lugar de produção e o espaço urbano como campo de disputas, o trabalho busca compreender como práticas e discursos anarquistas possibilitaram formas alternativas de agência feminina e de tensionamento de gênero no início do século passado. Assim, a trajetória de Maria Antônia Soares contribui para os debates contemporâneos sobre anarquismo e feminismo ao evidenciar experiências históricas de insurgência cotidiana e produção libertária feminina de outros modos de existir na cidade.

Palavras-chave: Maria Antônia Soares; Imprensa Anarquista; Gênero.

Bibliografia básica: COSTA, Maria Cristina Castilho. Etnografia de arquivos - entre o passado e o presente. MATRIZes, v. 3, n. 2, p. 171–186, 2010.

DANTES, Thalita Coelho. O que é preciso: diferença sexual e as relações de gênero no anarquismo para Maria Antonia Soares. Faces de Clio, v. 11, n. 20, p. 5–27, 12 dez. 2024.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. Cadernos de Arte e Antropologia, n. Vol. 5, No 2, p. 5–13, 2016.

LUDMILLA, Aline et al. Unidas nos lancemos na luta: o legado anarquista de Maria A. Soares. 1. ed. São Paulo: Tenda de Livros, 2021.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: Diálogos entre corpografia e etnografia. Ponto Urbe, n. 19, 2016.

RAGO, Margareth. Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

SILVÉRIO, Beatriz Rodrigues. Maria Antônia Soares: vida e trajetória política de uma jovem anarquista (1898–1922). UNIFESP, São Paulo, 2023.

SOARES, Maria A. A Mulher... A Luta, 15 jun. 1916a, p. 2.

SOARES, Maria A. A instrução da mulher. Guerra Sociale, 26 ago. 1916b, p. 3.

SOARES, Maria A. A nossa missão. A voz do Trabalhador, 01 dez. 1914a, p. 2.

SOARES, Maria A. Assuntos Femininos: A formozura da mulher. A Plebe, 4 dez. 1920a, p. 2.

SOARES, Maria A. Assuntos Femininos: A formozura da mulher (continuação). A Plebe, 18

dez. 1920b, p. 2.

SOARES, Maria A. Assuntos Femininos: O que é preciso. A Plebe, 27 out. 1920c, p. 3.

SOARES, Maria A. Contra a invasão clerical. A Lanterna, 18 jan. 1913, p.3.

SOARES, Maria A. Centro Feminino Jovens Idealistas: uma escola dominical, gratuita, para as operárias. A Lanterna, 10 jul. 1915, p. 3.

SOARES, Maria A. Despertar Feminino. A Lanterna, 03 out. 1914b, p. 3.

Mulheres e dissidentes contra a forma-estatal

Adriana Martinez (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Camila Jourdan (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Resumo: Nossa pesquisa recorre às críticas libertárias à forma estatal, em confluência com pensadores contracoloniais e correntes feministas de pensamento filosófico, para pensar nossa realidade latino-americana no tempo presente. Com esse fim, tomamos como ponto de partida a experiência da organização anarquista Mujeres Libres criada durante a Revolução Espanhola (1936-1939), cujos objetivos eram emancipar as mulheres da "tripla escravidão" (ignorância, gênero e produtora), para traçarmos um paralelo histórico com as lutas contemporâneas. Neste sentido, são particularmente importantes para nós as experiências zapatistas, no México, e movimento anarquista feminista Mujeres Creando no território da Bolívia. Em ambas as práticas o foco direciona-se às mulheres e dissidentes que conseguem dobrar os modelos heteropatriarcais, coloniais estado-centrados, mostrando como não são subjetividades vulneráveis. Desta forma, a construção das redes de apoio mútuo, historicamente defendidas pelos libertários, mostra-se fundamental, dado que colaboram com suporte financeiro, indicação de trabalho, cuidado de filhos, além de funcionar como canais de informação. Essas redes são espaços físicos e/ou virtuais de acolhimento, que favorecem a conexão individual e coletiva de heterogeneidades dispostas a produzir seus modos

de vida para além da forma estatal. Tais redes de cuidado, na atualidade, apresentam-se como ações contra a chamada 'forma-pirâmide', entendida pelos zapatistas como a forma de organização hierárquica das sociedades ocidentais, o que inclui estruturas de poder centralizadas, mas também estruturas organizativas da subjetividade no sistema de mundo do capitalismo global. A forma-pirâmide não seria apenas uma forma de se governar sociedades, mas seria formadora da estrutura da subjetividade, por isso precisaria ser combatida nas instituições, mas também nos modos de viver, nas maneiras coletivas de construir sentidos e imaginários. Do mesmo modo, o coletivo Mujeres Creando constrói espaços fundamentais para a luta antipatriarcal, como o jornal "Mujer Pública", a "Rádio Deseo" e a "Casa-Café" 'La Virgen de los Deseos' que oferece acolhimento, apoio jurídico e assistência a mulheres vítimas de violência doméstica. Além disso, o movimento Mujeres Creando se destaca por utilizar pichações e intervenções urbanas como ferramentas de ação direta, transformando a rua em seu palco central. Suas críticas abrangem o patriarcado, a violência de gênero, o colonialismo, as políticas neoliberais, o militarismo, a igreja e a cooptação das pautas feministas pelo Estado. Pensar nestas associações livres como formando um sistema ético contracolonial, que expressa formas de vida em resistência, nos permite mostrar em ato que outro mundo além da forma estatal-colonial e capitalista é possível. Por fim, a noção de 'subjetividade dissidente' aparece como ruptura com a forma-estatal moderna colonial e com o dualismo entre natureza e cultura enquanto instância do dualismo corpo x mente.

Palavras-chave: anarquia, apoio mútuo; feminismo.

Bibliografia básica: BRAY, Mark. Antifa - O Manual Antifascista. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política. Tradução: Theo Santiago. Prefácio: Tânia Stolze Lima e Marcio Goldman. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GALEANO, Subcomandante Insurgente. Contra a Hidra Capitalista. Tradução Camila de Moura. São Paulo: N-1, 2021.

GRAEBER, D. Fragmentos de antropologia anarquista. Barcelona: Virus, 2011.

MUJERES CREANDO. La virgen de los deseos. Buenos Aires: Tinta Limón, 2005. Disponível em: https://www.mujerescreando.com/images/Libros/la_virgen_de_los_deseos.pdf

NEGO BISPO. Colonização e Quilombos – Modo e significados Disponível em: https://repi.ufsc.br/sites/default/files/BISPO-Antonio-Colonizacao_Quilombos_Modos_e_Significados.pdf

KROPOTKIN, Piotr. Ajuda mútua: um fator de evolução. Tradução: Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

RAGO, M; BIAJOLI, M.C Pivato. Mujeres Libres da Espanha: documentos da Revolução Espanhola. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2027.

HISTÓRIA GLOBAL DO ANARQUISMO: MOVIMENTOS E MILITANTES

Federalismo, socialismo e modernismo: questão agrária e desenvolvimento agrícola no projeto político de Edgard Leuenroth e Hélio Negro

Francisco Raphael Cruz Mauricio (Universidade Federal do Piauí)

Resumo: Em 1919, sob os efeitos da Revolução Russa, Edgard Leuenroth e Hélio Negro, tipógrafos e anarquistas de São Paulo, publicaram o manifesto O que é maximismo ou bolchevismo – esboço de programa comunista. Apesar de ser um documento centenário e ter sido examinado do ponto de vista político e econômico por diferentes pesquisadores, suas dimensões agrária e agrícola permanecem negligenciadas tanto nos estudos rurais quanto anarquistas. Este artigo analisa o manifesto para compreender a perspectiva dos autores sobre o mundo rural brasileiro de meados do século XX. A análise temática da fonte primária identificou quatro eixos constituintes do documento no tocante as questões agrária e agrícola: crítica às condições precárias do trabalhador rural; defesa da socialização da terra; necessidade de modernização da agricultura; e proposta de organização comunista para o campo, baseada na autodeterminação da classe trabalhadora e visando a melhoria de vida da população rural. Conclui-se que Leuenroth e Negro articularam um diagnóstico social, uma proposta técnica e uma visão política de longo prazo, tornando-se pioneiros na interpretação socialista das questões agrária e agrícola no Brasil. Essas questões foram tratadas pelos autores como parte constitutiva da questão social na nascente república a partir do tripé federalismo, socialismo e modernismo. Com abordagem racionalista, eles propuseram uma modernização socialista ou um socialismo modernizante de base política federalista para enfrentar os problemas das populações

do campo em um país capitalista majoritariamente rural para, assim, evitar a irracionalidade econômica do capitalismo em um contexto de revoluções populares e de guerra entre Estados-nação.

Palavras-chaves: anarquismo, questão agrária, modernização agrícola.

Bibliografia básica: AHAGON, Vitor. Os impactos da Revolução Russa na imprensa anarquista de São Paulo. Pergaminho, n. 10, p. 23-32, 2019.

BRANDÃO, Octávio. Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. São Paulo: A. Garibaldi, 2006.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Thematic analysis: a practical guide. London; Los Angeles: SAGE Publications Ltd., 2021.

STÉDILE, João Pedro (Org.). Questão agrária no Brasil v. 1. O debate tradicional, 1500-1960. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

FELIPE, Cláudia Tolentino Gonçalves. Elementos do pensamento político de Edgard Leuenroth e Hélio Negro para a construção de uma república anarquista no Brasil. Pergaminho, n. 9, p. 69-84, 2018.

FERNÁNDEZ, Lourenzo Prieto; PAN-MONTOJO, Juan; CABO, Miguel (Ed.). Agriculture in the age of fascism: authoritarian technocracy and rural modernization, 1922-1945. Brepols Publishers, 2014.

GONÇALVES, Cláudia Tolentino. A pena e a espada: projetos de Brasil em Edgard Leuenroth. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

LEUENROTH, Edgard; NEGRO, Hélio. O que é maximismo ou bolchevismo: programa comunista. São Paulo: Entremares, 2017.

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Terra prometida: uma história da questão agrária no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

LOPREATO, Christina. O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos de Edgard Leuenroth. Verve: Revista Semestral Autogestionária do Nu-Sol, n. 15, 2009.

MOREIRA, Ruy. O movimento operário e a questão cidade-campo no Brasil: estudo sobre sociedade e espaço. Petrópolis: Vozes, 1985.

PAULINO, Davi Luiz. Sob os ventos do leste: Edgard Leuenroth, Hélio Negro e um programa de gestão operária. Temporalidades, v. 14, n. 1, p. 461-476, 2022.

RODRIGUES, Edgar. O homem e a terra no Brasil. Rio de Janeiro: CC&P, 2001.

SANTOS, Raimundo. Agraristas políticos brasileiros. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2007.

SILVA, José Graziano da. O que é questão agrária. São Paulo: Brasiliense, 1985.

A Revolução Makhnovista: uma revolução anarquista (1917-1920)

Rafael Sirimarco (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Resumo: A pesquisa tem como intuito principal discutir a validade de se considerar o processo revolucionário - acontecido na superfície do leste e sul ucraniano em fins da década de 1910 e início da década de 1920 - uma "revolução anarquista". A investigação se utiliza de metodologias recentes que procuram ampliar o entendimento da tradição anarquista em uma ótica que enxergue para além das fronteiras dos Estados nacionais. Ao mesmo tempo, em um campo mais histórico, analisa-se a trajetória - espacial e temporal - da ampla tradição histórica do anarquismo: partindo do seu surgimento até o momento em que a revolução avançava e se relacionava com os seus preceitos político-ideológicos. A respeito desta revolução, um dos objetivos é compreender o que as massas insurgentes conseguiram construir de nova sociedade. Ou seja, com o intuito de encontrar uma resposta para a pergunta central dessa investigação, busca-se sobretudo depreender os aspectos positivos (criadores) do que os movimentos populares radicalizados produziram de estruturas sociais nas diferentes esferas. Assim, visa-se traçar o novo poder construído por esses revolucionários em meio ao fluxo histórico de perdas e avanços. Tais continuidades e refluxos do que é lido enquanto fases de um mesmo fluxo revolucionário não são apenas constatados, mas são tratados a partir de uma metodologia original lançada para o manuseio do objeto dessa revolução. Desse modo, debruçando-se sobre o conteúdo dessa transformação social (sem deixar de historicizá-lo) e acompanhando o

itinerário do anarquismo até a mesma, calcula-se o grau de comunhão entre a influência anarquista e o que proponho chamar de Revolução Makhnovista. Por fim, alcança-se uma resposta para o problema central: A Revolução Makhnovista pode ser considerada uma revolução anarquista? Ao longo dessa trajetória de apresentação, rostos pouco conhecidos de makhnovistas, fotografias da época e slides explicativos e sintetizadores são expostos, a fim de o público, de maneira lúdica, se aproximar dos eventos históricos narrados.

Palavras-chave: makhnovista; anarquismo; revolução

Bibliografia básica: ARCHIBALD, Malcolm. Atamansha, the life of Marusya Nikiforova. Edmonton: Black Cat Press, 2007.

ARSHINOV, Piotr. História do Movimento Makhnovista: (1918-1921). São Paulo: Entremares; Faísca, 2017.

_____. Los dos octubres. 1927. Instituto de Teoria e História Anarquista, Tradução: José Antonio Gutiérrez. Disponível em: https://ithanarquista.files.wordpress.com/. Acesso em: 11 set. 2021.

AVRICH, Paul. Nabat ou Confederação das Organizações Anarquistas na Ucrânia. In AVRICH, Paul. Los Anarquistas Rusos. Alianza, 1974. Disponível em: https://anarkio.net/. Acesso em: 19 set. 2021.

“ПУТЬ К СВОБОДЕ”, nº 5. ЭЛЕКТРОННАЯ БИБЛИОТЕКА ИСТОРИЧЕСКИХ ДОКУМЕНТОВ, 7 de outubro de 1919, pp. 205-209. Disponível em: https://docs-historyrussia-org.translate.goog/ru/nodes/32319-gazety-mahnovtsev-put-k-svobode-5-organ-revolyutsionnyh-povstantsev-ukrainy-mahnov-tsev-7-oktyabrya-1919-g?_x_tr_sl=auto&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR#mode/inspect/page/1/zoom/4. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

“ПУТЬ К СВОБОДЕ”, nº 11. ЭЛЕКТРОННАЯ БИБЛИОТЕКА ИСТОРИЧЕСКИХ ДОКУМЕНТОВ, 20 de dezembro de 1919, pp. 209-216. Disponível em: https://docs-historyrussia-org.translate.goog/ru/nodes/32320-put-k-svobode-11-organ-revolyutsionnyh-povstantsev-ukrainy-mahnov-tsev-20-oktyabrya-1919-g?_x_tr_sl=auto&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR#mode/inspect/page/1/zoom/4. Acesso em: 05/01/2025 às 13:52.

“ПУТЬ К СВОБОДЕ”, nº 46. ЭЛЕКТРОННАЯ БИБЛИОТЕКА ИСТОРИЧЕСКИХ ДОКУМЕНТОВ, 13 de outubro de 1920, pp. 501-505. Disponível em: https://docs-historyrussia-org.translate.goog/ru/nodes/32464-stihotvorenie-locale-nil-povstantsy-locale-nil-iz-gazety-locale-nil-put-k-svobode-locale-nil-locale-nil-46-13-oktyabrya-1920-g?_x_tr_sl=auto&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR#mode/inspect/page/1/zoom/4; https://docs-historyrussia-org.translate.goog/ru/nodes/32463-peredovye-stati-locale-nil-na-vrangelya-locale-nil-locale-nil-o-peremirii-locale-nil-locale-nil-chto-zhe-dalshe-locale-nil-iz-gazety-mahnovtsev-locale-nil-put-k-svobode-locale-nil-locale-nil-46-organa-revolyutsionnyh-povstantsev-mah-locale-nil-novtsev-13-oktyabrya-1920-g?_x_tr_sl=auto&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR#mode/inspect/page/4/zoom/4. Acesso em: 05/01/2025 às 13:52.

CASTRO, Rômulo de Souza. Nesthor Makhno: A crítica à autoridade e ao estatismo na destruição da Revolução Russa. Rio de Janeiro: IFCS - UFRJ: 2014.

CORRÊA, Felipe. A prática revolucionária da Makhnovitchina (1918-1921). Instituto de Teoria e História Anarquista. 2017. Disponível em: https://ithanarquista.files.wordpress.com. Acesso em: 19 jun. 2021.

_____. [slides] O anarquismo na revolução russa. ITHA, jun. 2018. Disponível em: https://ithanarquista.files.wordpress.com/2018/06/felipe-corrc3aaa-o-anarquismo-na-revoluc3a7c3a3o-russa.pdf. Acesso em: 26 set. 2021.

CULTURAL-Educational Section of the Insurgent Army (Makhnovist). Manifesto, 27 de abril de 1920. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/progmani2.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

CULTURAL-Educational Section of the Revolutionary Insurgents of the Ukraine (Makhnovist). To all workers of the plough and the hammer!, maio de 1920. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/plough-hammer.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

DESOBEDIÊNCIA SONORA: 131: anarquistas na revolução russa de 1917. Entrevistado: Felipe Corrêa. São Paulo: Desobediência Sonora, 30 out. 2017. Podcast. Disponível em: https://desobedienciasonora.milharal.org/2017/10/30/podcast-131-anarquistas-na-revolucao-russa-de-1917/. Acesso em: 26 set. 2021.

EXECUTIVE COMMITTEE OF THE MILITARY REVOLUTIONARY COUNCIL. Summons to the 4th Extraordinary Congress of Peasant, Worker and Partisan Delegates (Telegram No.416). Guliaipolé: 31 de maio de 1919. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/summons.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

FELDMAN, Leah. 1899-1993. Libcom, 26 set. 2003. Disponível em: https://libcom.org/history/articles/1899-1993-leah-feldman. Acesso em: 28 set. 2021.

HEATH, Nick. Lepetchenko, Ivan and Alexander. Libcom, 7 dez. 2009a. Disponível em: https://libcom.org/history/lepetchenkos. Acesso em: 27 set. 2021.

_____. Taratuta, Olga Ilyinichana 1876-1938 (real name Elka Golda Elievna Runinskaia). Libcom, mai. 2009b. Disponível em: https://libcom.org/history/taratuta-olga-ilyinichna-1876-1938-real-name-elka-golda-elievna-ruvinskaia-aka-babushka-. Acesso em: 26 set. 2021.

_____. The greek makhnovists. 2009c. Disponível em: https://libcom.org/history/. Acesso em: 11 set. 2021.

_____. Vidas revolucionárias: Avraam Budanov (1886?-1928/9?). Passa Palavra, 20 abr. 2017. Disponível em: https://passapalavra.info/2017/04/111628/. Acesso em: 10 out. 2021.

INSURGENT ARMY OF THE UKRAINE (MAKHNOVIST). Comrades in the Red Army, on the front line and in the home guard!, 9 de maio de 1920a. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/red-army-comrades.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

_____. Comrade peasants! 8 de fevereiro de 1920b. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/comrade-peasants.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

INSURGENT MAKHNOVISTS. Comrades in the Red Army!, junho de 1920a. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/red-army.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

_____. Down with fratricide!, maio de 1920b. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/fratricide.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

_____. Pause! Read! Consider!, junho de 1920c. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/redappea2.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

_____. To the young people, junho de 1920d. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/young-people.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

MAKHNO, Nestor. A makhnovtchina e o antissemitismo. Tradução: Pablo Mizraji, ITHA, [S. l.: s. n.] 2017.

_____. A “Revolução” contra a revolução: a revolução Russa na Ucrânia [...]. São Paulo: Cortez, 1988. (Coleção pensamento e ação; v.4)

_____. Makhno e lênin: um diálogo histórico. [19--?] Disponível em: https://www.nestormakhno.info/. Acesso em: 11 set. 2021.

_____. To the jews of all countries. Dielo Truda, [s. l.], n. 23-24, pp. 8-10. 1927. Disponível em: https://nestormakhno.info/english/jewishcitizens.htm. Acesso em: 11 set. 2021.

MAKHNO, Nestor; SKIRDA, Alexandre; BERKMAN, Alexander. Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia. São Paulo: Imaginário, 2001.

MAKHNO, Nestor; SKIRDA, Alexandre; BERKMAN, Alexander. Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia. Tradução: Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2021.

MINTZ, Frank. Uma aplicação: a Ucrânia. In MINTZ, Frank. O anarquismo social. São Paulo: Imaginário: Faísca, p. 53-64, 2005.

PALIJ, Michael. Makhno’s National Consciousness In: PALIJ, Michael. The Anarchism of Nestor Makhno, 1918–1921: An Aspect of the Ukrainian Revolution. 2020. Disponível em: https://theanarchistlibrary.org/library/michael-palij-the-anarchism-of-nestor-makhno-1918-1921#toc13. Acesso em 6 jan. 2025.

PATTERSON, Sean. The Eichenfeld massacre: recontextualizing mennonite and makhnovist narratives. Journal of Mennonite Studies, [s. l.], v. 32, p. 151-174, 2014.

REVOLUTIONARY INSURGENT ARMY OF THE UKRAINE (MAKHNOVIST). A word to the peasants and Workers of the Ukraine, março / abril de 1920. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/peasants-workers.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

REVOLUTIONARY INSURGENTS OF THE UKRAINE (MAKHNOVISTS). A word from the Makhnovists to the labouring cossacks of the Don and the Kuban, junho de 1920. Disponível em: https://www.nestormakhno.info/english/cossacks.htm. Acesso em: 02/01/2025 às 2:20.

ROSA, Livio Basevi. O caso do ‘estandarte makhnovista’: do falso histórico ao mal-entendido. Instituto de Teoria e História Anarquista: 2020. Disponível em: https://ithanarquista.files.wordpress.com/. Acesso em: 11 set. 2021.

SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. Black Flame: The Revolutionary Class Politics

of Anarchism and Syndicalism. Counter-Power, 2009. v.1. Disponível em: https://libcom.org. Acesso em: 19 jun. 2021.

SCHMIDT, Michael. Cartography of revolutionary anarchism. 2012. Disponível em: https://theanarchistlibrary.org/library/michael-schmidt-cartography-of-revolutionary-anarchism?v=1617967506#toc9. Acesso em 25 set. 2021.

_____. Vidas revolucionárias: Shalom Shwartzbard (1886-1938), um maknovista na África. 2017. Disponível em: https://passapalavra.info/2017/10/115279/. Acesso em: 11 set. 2021.

SHUBIN, Aleksandr. O movimento makhnovista e a questão nacional na Ucrânia (1917-1921). In SHUBIN, Aleksandr. Anarchism and syndicalism in the colonial and postcolonial world (1870-1940). Brill, 2010. Disponível em: https://ithanarquista.files.wordpress.com/. Acesso em: 11 set. 2021.

SIRIMARCO, Rafael Cabral. A Revolução Makhnovista: uma revolução anarquista (1917-1920). Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2021.

SKIRDA, Alexandre. Document No.6: The "Nabat" Organization in the Ukraine, 1919-1920. In: SKIRDA, Alexandre. Facing the enemy: a history of anarchist organization from Proudhon to May 1968. [S. l.], AK Press, 2002. Disponível em: https://libcom.org/files/ Acesso em: 27 set. 2021.

SYSYN, Frank. Nestor Makhno and the Ukrainian Revolution. ITHA, 2017. Disponível em: https://ithanarquista.wordpress.com/nestor-makhno-archive/nestor-makhno-archive-english/nestor-makhno-and-the-urkainian-frank-sysyn/. Acesso em: 10/01/2025 às 3:00.

TRAGTENBERG, Maurício. A revolução russa. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

TSÉBRY, Ossip. Memórias de um partisanos makhnovista. Brasil: Editora Terra sem Amos, 2022.

O anarquismo como objeto da produção acadêmica em história (Brasil, 2005-2025): esquema de pesquisa

Giovanna Hagen Lima (Universidade Federal de Santa Maria)

Resumo: Aparenta crescer, desde o início do século, o interesse acadêmico pelo anarquismo. Diversos autores tem pontuado um melhor estabelecimento do campo dos estudos libertários que vem ocorrendo, apesar de divergências quanto a definição de seu objeto central. Há um frequente choque de definições: 1) as que, se aproximando de interpretações pós-estruturalistas, definem o anarquismo como conjunto ideológico e prático categórico e 2) as que, focando na historicidade das ideias e práticas políticas, exigem a identificação de vetores histórico-sociais para classificar um objeto como anarquista. Carlo Romani (2024) cria uma ponte para resolver a polissemia do anarquismo ao abranger os objetos tratados pela primeira definição como parte de uma cultura libertária por sua compatibilidade prática e ideológica com as propostas de um anarquismo histórico defendido na segunda. Tendo pacificada a extensão do campo através da relação entre os termos destacados e os objetos referidos pelos tipos de definições, há uma grave ausência de estudos que capazes de mensurar a amplitude da produção do campo: por um lado, há um grande avanço na construção conceitual do anarquismo para a História através de discussões com foco em grandes referenciais, poucos estudos se debruçam sobre a forma como historiadores têm operado recentemente. Visando atuar sobre essa demanda, pretendo realizar procedimentos de análise do conteúdo (AC) sobre teses e dissertações de programas acadêmicos de pós-graduação em História produzidas entre 2005 e 2025. No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes serão pesquisadas as expressões anarquista, anarquismo, socialismo libertário e socialista libertário, conectadas pelo operador lógico OR. Essa primeira busca sem filtros retorna 818 resultados, caindo para 95 quando consideramos apenas a produção na área de História. A preferência pela AC se deve a: 1) previsão de uma função heurística para o conjunto metodológico; 2) expectativa de encontrar no corpus estruturas textuais relativamente explícitas em seu propósito e 3) presença de riscos associados ao que Constantino (2002, p.185) chamou de rigidez ideológica, obstáculo para a aplicação de análise do discurso (AD). Verifica-se que parte das contenções anteriores na aplicação da AC são contornáveis através dos avanços dos mecanismos digitais de análise textual. Tendo isso em mente, explorarei a aplicabilidade do programa IRAMUTEQ – desenvolvido em 2009 na Universidade de Toulouse – para realizar determinadas tarefas mecanizáveis da AC, diminuindo a carga de trabalho da pesquisa. Das reflexões metodológicas de Bardin (2016) é possível esboçar um caminho a ser trilhado para produzir essa pesquisa: após completa a recolha do corpus, uma leitura flutuante orientada pelas discussões

teóricas do campo citadas anteriormente deve fornecer categorias cujas características determinarão a seleção final de procedimentos analíticos a serem aplicados sobre as unidades de registro e de contexto. A meta com os procedimentos é inferir sobre o tratamento que tem sido dado por historiadores aos objetos do campo dos estudos libertários, com foco em quantificar a produção e qualificar os aspectos de cada abordagem, identificando frequências temáticas, propostas comuns ou singulares, afiliações entre autores, referenciais elencados e a forma como conectam-se a determinadas propostas, sem desconsiderar o alcance, circulação e apropriação desses textos.

Palavras-chave: história da historiografia; anarquismo; estudos libertários;

Bibliografia básica: AZEVEDO, Raquel de. Historiografia sobre o anarquismo no Brasil. In: A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937). São Paulo: USP, 1996. p. 16–27.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Tradução: Augusto Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades. Estudos Ibero-Americanos, v. XXVIII, n. 1, p. 183–194, 2002.

CORRÊA, Felipe. Bandeira negra: rediscutindo o anarquismo. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

KLAMT, Luciana Maria; SANTOS, Vanderley Severino dos. O uso do software IRAMUTEQ na análise de conteúdo: estudo comparativo entre os trabalhos de conclusão de curso do ProfEPT e os referenciais do programa. Ciência e Educação, v. 24, n. 3, p. 715–728, 2018.

MONTEIRO, Fabrício Pinto. A genealogia de uma historiografia genealógica: a escrita da história anarquista pós-estruturalista. Faces da História, v. 1, n. 2, p. 6–31, 2014.

ROMANI, Carlo. Anarquismo: produção historiográfica, inflexões teórico-metodológicas e novas abordagens. Revista Mundos do Trabalho, v. 16, p. 1–19, 2024.

SILVA, Rafael Viana da; CORRÊA, Felipe. Anarquismo, Teoria e História. In: Teoria e história do anarquismo. Curitiba: Editora Prismas, 2015. p. 13–63.

Movimentações Anarquistas em Santa Catarina: conectando os fios da perseguição

Yury dos Santos (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: A partir da fonte jornalística “Gli anarcoidi” (1903) que com base nas perseguições contra praticantes de feitiçaria iniciada pelo Padre Luigi Marzano anteriormente, demarca o início da perseguição à manifestantes anarquistas em Urussanga. Dessa forma apresentamos duas novas linhas de trajetória para o estudo dos anarquismos em Santa Catarina nos dois movimentos encontrados que contemporaneamente à essa fonte se encontravam em Urussanga presentes. O primeiro partindo do médico anarquista, o Dr. César Sartori e sua trajetória em defesa da causa indígena junto às suas articulações com os movimentos anarco-sindicalistas de São Paulo. O segundo de caráter religioso antifascista que parte do Padre José Francisco Bertero acusado de promover uma revolta armada de cunho anarquista em Urussanga, mostrando assim suas articulações com outros sacerdotes como o Padre Miguel Giacca e com o Padre César Rossi que também aderiram à causa dando suporte à diversos movimentos políticos de viés antifascista que se articulavam por meio das irmandades nas capelas e que infelizmente tiveram seu fim com as perseguições políticas contra militantes de esquerda durante a Ditadura-Cívico Militar de 1964 com o apoio e conivência da própria Diocese de Tubarão. Assim pretendemos traçar em conjunto novas linhas e horizontes de estudos para compreendermos melhor as diferentes formas de articulação dos movimentos anarco-comunistas de esquerda em Santa Catarina durante a primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Anarquismos; Antifascismo; Santa Catarina.

Bibliografia básica: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofícios das Superintendências, Intendências e Conselhos Municipais para o Governo, 1897. Florianópolis: APESC, 2024, f. 43-44.

A VÁRZEA. Festa de E. Santo. Anno I, n. 1, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/1 >. Acesso em: 27 out. 2024.

_____. Festa do Espírito Santo. Anno I, n. 4, Tubarão, 27 jul. 1904. Disponível em: < http://memoria.bn.gov.br/DocReader/884375/5 >. Acesso em: 27 out. 2024.

ÁVILA, César. Revelações de um médico. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

BESEN, José Artulino. História de padres em Santa Catarina. Florianópolis: FACASC, 2015.

BIFF Claudino. Crônicas da Diocese de Tubarão. Tubarão: Coan, 1997.

BORTOLOTTO, Zulmar Hélio. História de Nova Veneza. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992.

FEIJÓ, Julianne Holder da Câmara Silva. A Teoria da Bondade Natural e a Regulação da Questão Indígena no Brasil. Revista de Direito Setorial e Regulatório, Brasília, v. 2, n. 2, out. de 2016.

FRAGA, Isabela. O crânio-celebridade: Antônio Conselheiro e o fracasso da degeneração racial. Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2021.

LA PATRIA. Anno III, n. 89, Urussanga, 01 mar. 1903 apud OTTO, Clarícia. Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006.

LUZ, Aujor Avila da. Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos (contribuição para o estudo de antropossociologia criminal e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina). 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

MANFROI, Ninarosa Mozzato da Silva. Bleyer, Sartori e Bertoni: singulares imigrantes colonizadores de ideias. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.

MARZANO, Luigi. Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil. Florianópolis: Ed. da UFSC; Urussanga [SC]: Prefeitura Municipal, 1985.

MÉRIDA, Cristiane Brandão Augusto. O cérebro criminógeno na antropologia criminal do século XIX: um estudo sobre a etiologia do crime a partir da medicalização da sociedade. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Saúde; Epidemiologia; Política, Planejamento e Administração em Saúde; Administra) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MESSINA, Marcello. Contra o Museu de Antropologia Criminal 'Cesare Lombroso', em Turim, Itália: 'corpos-troféus', 'vergonha in vitro', e 'atavismo colonial'. Anais do 30° Simpósio Nacional de História – História e o futuro da educação no Brasil. Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil: Recife, 2019.

O IMPARCIAL. Dr. Cesare Sartori. Anno 8, n. 27, Lages, 28 nov. 1903. Disponível em: < http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/oimparcial%20lages/IML1903027.pdf >. Acesso em: 27 out. 2025.

OTTO, Claricia. Um italiano na lista dos subversivos. Esboços: histórias em contextos globais, Florianópolis, v. 11, n. 11, 2004.

_____. Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006.

RUDY, Antônio Cléber. Os Silêncios da escrita: a historiografia em Santa Catarina e as experiências libertárias. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História. Florianópolis, 2009.

SERPA, Élio Cantalício. Igreja e poder em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SILVA, Natalia Rovares da. Disputas pelo poder político no município de Urussanga na Primeira República. TCC (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em História. Criciúma: UNESC, 2016b.

Histórias de Anarquia: A Guararema narrada pela Imprensa Libertária do século XX

Geraldo de Melo Campos (Centro Universitário Braz Cubas)

Resumo: Guararema é conhecida por ser uma cidade turística do interior de São Paulo. Atualmente, projeta nomes que supostamente dialogam com a extrema-direita nacional. Historicamente, no final do século XIX e início do século XX, o movimento de trabalhadores foi influenciado pelas ideias libertárias, que chegavam ao país junto aos imigrantes europeus, em um processo de transformação das relações do trabalho após a abolição da escravatura (FAUSTO, 2019, pp. 255-256). Esses novos ideários eram difundidos por meio de uma nova forma de se fazer e conceber o jornalismo. A influência anarquista não se limitava à capital. Outras cidades do interior também se organizavam ao redor das ideias libertárias - como Guararema. No final do século XIX, o imigrante italiano Arturo Campagnoli teria fundado a Colônia Anarquista de Guararema (RODRIGUES, 1984, p. 19). Também fixaram residência no município os anarquistas Maria Lacerda de Moura, Roberto Feijó e Andrea Neblind. Os quatro contribuíram para a imprensa anarquista da época. Outros nomes como Afonso Schimidt e Edgar Leuenroth, também se relacionaram e estiveram na cidade. Desta forma, é evidente o contraste das influências libertárias, da

qual Guararema participou por meio da Imprensa Anarquista, e os rumos políticos contemporâneos do município. A importância do tema em questão reside em lançar luz a uma outra perspectiva histórica sobre a formação de Guararema, ressaltando sua pluralidade étnica, cultural e, sobretudo, política. Nesse sentido, destaca-se ainda a relevância dos jornais libertários em documentar os ideais anarquistas que, à época, eram compartilhados por trabalhadores urbanos e rurais, da capital aos interiores. O método da pesquisa adotada apoia-se em três pilares: Revisão Bibliográfica, Análise de Documentos e Entrevistas em Profundidade. Dentre as revisões bibliográficas destacam-se os nomes de Edgar Rodrigues, historiador que pesquisou a Colônia de Guararema e Miriam Moreira Leite. Para o segundo método, recorreu-se aos jornais libertários do início do século XX, visto que a Análise de Documentos. Os jornais pesquisados são A Plebe e A Lanterna. Os principais acervos utilizados para isso foram o Arquivo Histórico Edgard Leuenroth, organizado pela Unicamp e Fundação Biblioteca Nacional. Os fundos possibilitam buscar referências a Guararema dos jornais A Lanterna do A Plebe. Além disso, foi consultado o Centro de Documentação e Memória (CEDEM), da Unesp, de forma presencial.

Palavras-chave: Guararema; A Plebe; A Lanterna.

Bibliografia básica: ARMAND, Émile. Milieux de vie em commum et “colonies”. Paris. Editions de L’en Dehors, 1931.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo. 12 ed. São Paulo. EDUSP, 2019.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Maria Lacerda de Moura: Uma Feminista Utópica. Florianópolis. EDUNISC, 2005.

_____. Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura. São Paulo. Ática, 1984.

RODRIGUES, Edgar. Os Anarquistas: Trabalhadores Italianos no Brasil. São Paulo. Global, 1984.

_____. Os Libertários: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fabio Luz. Rio de Janeiro. VJR - Editores Associados, 1993.

Mário Ferreira dos Santos: um filósofo entre o anarquismo e a apropriação reacionária

Rafael José de Lemos (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: Nos últimos anos a direita brasileira, em particular a direita conservadora, tem resgatado e idolatrado o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos. Por vezes, ele é apresentado como o maior filósofo brasileiro de todos os tempos. Contudo, é curioso o fato de que Mário teve grande influência no movimento libertário e anarquista de sua época. Ele foi lido e recomendado por diversos anarquistas brasileiros como Edgar Leuenroth, José Oiticica e Jaime Cubero, além de proferir dominicalmente palestras no Centro de Cultura Social (CCS) de São Paulo, espaço de debate e de difusão do pensamento libertário. A indicação de leitura dos livros de Mário também estão presentes em edições de importantes periódicos anarquistas no Brasil, como os jornais Ação Direta e A Plebe. A relação entre Mário e o movimento libertário, porém, não figura entre as preocupações do resgate reacionário de Mário, particularmente operada por Olavo de Carvalho e seus seguidores. Em geral, estes argumentam que a relação do filósofo com os anarquistas, suas posições e trajetória política, não possuem tanta relevância para a leitura e compreensão de sua filosofia. Com isso, abre-se caminho para a usurpação de Mário Ferreira pela direita brasileira, cujo foco se concentra na influência da escolástica e do pensamento medieval na formação e na filosofia do autor. Soma-se a isso o ufanismo exacerbado que o idolatra mais por sua origem nacional (ser brasileiro) do que propriamente pela grandiosidade de seu pensamento. O que se pretende neste trabalho não é realizar nenhuma exegese da filosofia de Mário Ferreira, mas compreender suas posições políticas, a partir de três fontes principais: os periódicos anarquistas, os relatos de familiares e amigos, e os escritos do próprio filósofo. Com isso, podemos elucidar a sua relação com o movimento anarquista, buscando delinear alguns elementos que nos ajudem a compreender a real posição política defendida em vida pelo autor, bem como a posterior reivindicação de seu pensamento filosófico por parte da direita brasileira.

Palavras-chave: Mário Ferreira dos Santos; Anarquismo; Conservadorismo.

Bibliografia básica: AÇÃO DIRETA. Ano I, nº 31. Rio de Janeiro, 1947. <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8760>

AÇÃO DIRETA. Ano VII, nº 96. Rio de Janeiro, 1954. <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8718>

AÇÃO DIRETA. Ano XI, nº 120. Rio de Janeiro, 1957. <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8747>

AÇÃO DIRETA. Ano XII, nº 125. Rio de Janeiro, 1958.

CARVALHO, Olavo. Grandes brasileiros, 2006. < https://olavodecarvalho.org/grandes-brasileiros/>

CARVALHO, Olavo. Mário Ferreira dos Santos e o nosso futuro, 2009. <https://olavodecarvalho.org/mario-ferreira-dos-santos-e-o-nosso-futuro/>

CARVALHO, Olavo. Mário Ferreira dos Santos e sua Ideologia Política, 2021. <https://youtu.be/Lnv0D57LfRc>

CARVALHO, Olavo. Ninguém no Brasil foi maior que Mário Ferreira dos Santos, 2021b. <https://youtu.be/jB2UeT-z5mE?si=obYmASKPaZqKfxAY>

CORRÊA, Felipe. A militância de Ideal Peres, 2008. <https://marquesdacosta.wordpress.com/artigos-do-npmc/militancia-ideal-peres/>

CUBERO, Jaime. Entrevista: depoimento de Jaime Cubero, 1989. <https://www.scielo.br/j/ep/a/cfHFz7T5qVNYgk7Zkr5q6nb/?lang=pt>

GALVÃO, Nadiejda Santos Nunes; SANTOS, Yolanda Lhullier dos. Monografia sobre Mário Ferreira dos Santos. São Paulo: s/e, 2001.

MANTOVANI, Dante Henrique. Mário ferreira dos Santos: a obra do maior filósofo brasileiro de todos os tempos. s/d.

O HOMEM LIVRE. Ano I, n. 2, 1965.

PACHÊCO, Elvis Amsterdã. A Dialéctica-ontológica de Mário Ferreira dos Santos. Dissertação para obtenção do título de mestre em Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2019a.

PACHÊCO, Elvis Amsterdã. Mário Ferreira dos Santos, o maior filósofo do Brasil. Videoconferência no IV Encontro da Juventude Conservadora da UFMA, 2019b. <https://www.youtube.com/watch?v=yaKX-U1uYjI>

RAMUS, Gustavo. Anarquismo cristão e sua influência no Brasil. In.: Verve, nº 13, p. 169-183, 2008.

ROCHA, João Cezar de Castro. Anarquismo, socialismo libertário e filosofia concreta. In.: Análise dialética do marxismo. São Paulo: É Realizações, p. xx-xx, 2018.

SANTOS, Mário Ferreira dos. A sabedoria dos princípios. São Paulo: Matese, 1967.

SANTOS, Mário Ferreira dos. Meu Filosofar Positivo e Concreto. In.: LADUSÃNS, Pe. Stanislavs (Org.). Rumos da Filosofia Atual no Brasil em auto-retratos. São Paulo: Loyola, v.1. cap. 23, 1976.

VALE, Joelson Lima. A retórica-simbólica: implicações de Mário Ferreira dos Santos à pragmática do Direito. Dissertação para obtenção do título de mestre em Direito. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2014.

VIANA, Allyson. Anarquismo em papel e tinta: imprensa, edição e cultura libertária (1945-1968). Tese para obtenção do título de doutor em História Social. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2014.

ARTE, CULTURA E ANARQUISMO 2

Do palco, uma trincheira: Teatro Social e Arte Social como engrenagens da máquina de luta anarquista do início do século XX

Renato Mendes (Universidade Estadual de Campinas)

Resumo: O presente trabalho busca apresentar o Teatro Social, prática artística-militante difundida internacionalmente por anarquistas na virada do século XIX para o XX, sobretudo em sua forma adotada por militantes libertários em território ocupado pelo Estado Brasileiro. Para isso, serão buscados aportes nos escritos do ator português radicado no Brasil, Romualdo Figueiredo, atuante junto ao movimento sindicalista revolucionário carioca do período; demais textos sobre arte revolucionária publicados no periódico anarquista Renovação (1921-1922); e será feito um rastreamento histórico dos conceitos anarquistas sobre arte em figuras de destaque do início do movimento ácrata, como Pierre-Joseph Proudhoun, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin e Emma Goldman. Figueiredo conclama em seus escritos pela criação de um teatro que expropriasse as técnicas artísticas do Conservatório Dramático, então monopolizadas para o entretenimento das classes dominantes, e que essas passassem a ser usadas como ferramenta de formação, tanto de artistas proletários e proletárias, quanto de seu público. Em uma clara sintonia com os princípios de educação integral, o Teatro Social aparece como prática não só de alfabetização, mas também de desalienação das capacidades laborais de seus sujeitos, preparando-os física e eticamente para a atividade revolucionária. Ao mesmo tempo, o autor conclamava para uma inédita associação de classe de artistas, vendo os “obreiros do palco” como membros produtivos da classe trabalhadora, embora

desorganizados. Os escritos de Figueiredo são encontrados na revista sindical anarquista Renovação, que ecoava em muito os escritos da antecessora francesa L'Art Social (1891-1893, 1896), levada a cabo por anarquistas como Jean Grave e Fernand Pelloutier. Na segunda, é possível encontrar um fortalecimento das ideias e práticas anárquicas em arte como parte integral de um projeto revolucionário libertário. Tais propostas podem ser rastreadas, de maneira mais solta, em obras anarquistas clássicas de figuras fundantes da filosofia anarquista.

Palavras-chave: Teatro Social; Arte Social; Anarquismo brasileiro

Bibliografia básica: ANTLIFF, Allan. Arte e anarquia: da Comuna de Paris à queda do Muro de Berlim. Tradução: Lana Lim. São Paulo: Madras, 2009.

RODRIGUES, Edgar. O anarquismo na escola, no teatro, na poesia. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

VARGAS, Maria Thereza; LIMA, Mariângela Alves de (coord.). Teatro operário na cidade de São Paulo: Pesquisa 7. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980.

L'Art Social. Paris, 1891-1896.

Renovação, Rio de Janeiro, 1921-1922.

Amor e rebeldia: 1º de maio na cidade da "ordem" (2015 a 2025)

Maikon Jean Duarte (Universidade da Região de Joinville)

Resumo: Uma visão eurocêntrica faz parte das narrativas sobre a cidade de Joinville/SC desde a formação da colônia (CONCEIÇÃO, 2020), reforçado a partir da República por um discurso de cidade da "ordem" (COSTA, 1996). Nos últimos 10 anos, pesquisas acadêmicas evidenciam ações organizadas em torno do 1º de maio como dia de luta na cidade (FREIRE, 2015). O capitalismo neoliberal tem sociabilidades baseadas na individualidade, competição e sem lastros históricos (DARDOT, LAVAL, 2016). A ideologia anarquista, por meio do CABN, Coletivo Anarquista Bandeira Negra, integrante da CAB, da Coordenação Anarquista Brasileira, realizou, o Sarau 1º Maio com objetivo de construir a identidade rebelde e a presença anarquista na história da organização sindical, nos territórios e no movimento estudantil (LOPES, 2022). A arte social das classes oprimidas, potencializam e organizam a contraordem para a revolução social. (MARTINENGHI, 2023) A presente comunicação interpretará o Sarau 1º de maio em Joinville como uma ação criadora para mobilizar uma arte dissidente e da política contemporânea (MESQUITA, 2011) na nova ordem neoliberal. As ferramentas utilizadas são da História Global do Trabalho (VAN DER LINDEN, 2013), Arte Social (MARTINENGHI, 2023) e Arte Ativista (MESQUITA, 2011) na interpretação dos documentos públicos disponíveis no site do CABN. Por muitas mãos, fios e tecidos, em quais histórias, experiências dos e das de baixo, como resultado da inserção social da militância anarquista por todo o ano, em no dia do 1º de maio, em poucas horas, por meio de amor e rebeldia cortaram colchas de retalhos de/com subjetividades e sociabilidades comunitárias, populares e, com horizontes , de uma sociedade anárquica.

Palavras-chaves: Arte Social, 1º de maio e anarquismo

Bibliografia básica: CONCEIÇÃO, Willian Luiz da. Branquitude: dilema racial brasileiro. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020. E-book (PDF).

COSTA, Iara Andrade. A cidade da ordem: tensões sociais e controle (Joinville: 1917/1943). 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, 1996.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Izaias de Souza. Ecos de democratização: uma análise das vozes do processo de transição do regime militar em Joinville. Florianópolis, 2015. Trabalho de Dissertação – Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade do Estado de Santa Catarina, 2015.

MARTINENGHI, Michele Sidronio de. Arte social e o muralismo militante libertário como ferramenta educativa de luta. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

LOPES, Cassiana dos Reis. Tecendo relações entre teatro e anarquismo: provocações em torno das experiências cênicas do grupo organizado de teatro aguaceiro (GOTA). 2025. Tese (Curso de Teatro) - Udesc, 2022.

MESQUITA, André. Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva. São Paulo: Annablume, 2011.

VAN DER LINDEN, Marcel. Trabalhadores do mundo: ensaios para uma história global do trabalho. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

Manutenção e produção de uma cultura libertária a partir dos territórios anarcopunks: um estudo de caso no Rio de Janeiro no começo do século XXI

Rodolpho Jordano Netto (Universidade de São Paulo)

Resumo: Esta pesquisa visa analisar os territórios anarcopunks na cidade do Rio de Janeiro na partir da primeira década do século XXI até o final da segunda década do mesmo século. Nossa análise se debruçam nas experiências dos seguintes territórios: squat Flor do Asfalto e Espaço Casa . Partimos dos pressupostos do anarcopunk como formas-de-vida, a vida que não pode ser separada de sua forma, e que, portanto, é uma possibilidade de se viver em potência, de se construir uma vida política, se tornando um instrumento importante e necessário à problematização dos aspectos da vida e de si mesmo.Dito isso, averiguaremos que ao criarem seus territórios, a partir de práticas que se pretendem anti-estatais e anti-capitalistas os anarcopunks, numa pequena parcela do espaço urbano heterônomo, constroem novos cotidianos e relações sociais, baseados em princípios de autonomia/autogestão, igualdade e liberdade política, economica e social, possibilitando assim uma práxis pré-figurativa da sociedade que se deseja. Acreditamos que este recorte espaço-temporal se configura como um período denso, no qual notamos uma maior presença de indivíduos, coletivos e territórios anarcopunks no recorde espacial aqui escolhido. Dito isso, temos como objetivo central averiguar os territórios anarcopunks como possibilidade de construção de formas-de-vida e modos habitar o urbano fora da lógica de reprodução capitalista do espaço. Nosso objetivo central nos leva a um estudo aprofundado sobre as formas de alienação e reprodução da vida cotidiana em nossa sociedade e a um levantamento sobre a vida cotidiana em territórios que se pretendem fora da lógica de reprodução capitalista do espaço e da vida cotidiana. Além disso, analisaremos aqui a efetividades política desse territórios tanto num contexto social como também individual. Para esta pesquisa partimos do escopo metodológico da Geografia Histórica e da utilização da História Oral como método de investigação, pois essa articulação nos possibilita uma ampla possibilidade de produção de conhecimento crítico, como também a inserção do geógrafo na dinâmica das lutas emancipatórias. Sendo assim, essa pesquisa se torna relevante por acreditarmos que as análises sócio-espaciais dos movimentos emancipatórios oferecem uma gama de reflexões importantes para o pensamento geográfico assim como para os movimentos estudados.

Palavras-chaves: territórios; anarquismo; anarcopunk.

Bibliografia básica: ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ABREU, Maurício de Almeida. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1987.

(Org.). Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeior, 1992.

. Pensando a cidade no Brasil do passado. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) Brasil: Questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 145-184.

. A apropriação do território no Brasil colonial. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) Explorações geográficas. Rio de Janeir o: Bertrand Brasil, 1997. p. 197-246.

. Sobre a memória das cidades. Território, v. 3, n. 4, p. 5-26, 1998.

. Construindo uma Geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. Geousp, São Paulo, n. 4, p. 13-25, 2000.

. Rio de Janeiro Quinhentista: debates e armadilhas. Rio Urbano, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 42-51, 2002.

. (Org.). Rio de Janeiro: formas, movimentos, representações. Rio de Janeiro: Da Fonseca Comunicações, 2005.

AGAMBÉM, Giogio. Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2007.

_____. Estado de Exceção: Homo Sacer, II, I. Boitempo. São Paulo. 2004

_____. Uma Biopolítica Menor. Serie Pandemia. N-1 Edições. São Paulo. 2017 (2010)

_____. O que é um dispositivo? & O amigo. Argos. Chapecó. 2016.

ANISTIA INTERNACIONAL. Protestos Durante a Copa 2014 – Balanço Final. In.: anistia.org.br. 2014.

ARENDT, Hanna. Crises da república. 2. Perspectiva. São Paulo. 2006.

_____. A condição humana. Forense Universitária. Rio de Janeiro.2007.

_____. Da violência. In.: www.sabotagem.revolt.org. 2004. Acessado em maio de 2017

AUGUSTO, Acácio; ROSA, Pablo O. & RESENDE, Paulo. Resistência anarquista em novíssimo movimentos sociais. XVII Congresso Brasileiro de Sociologia. Porto Alegre. 2015

AUGUSTO, Acácio e RODRIGUES, Thiago. Liberdade e securitização: manifestações de rua, medidas de segurança e expansão dos monitoramentos. In.: FREIXO, Adriano de (org.). Manifestações no Brasil: as ruas em disputa. p.: 57 – 84. Oficina Raquel. São Paulo. 2016. AUGUSTO, Acácio. Penalização a céu aberto uma política planetária. In.: Revista Ecopolítica, número 4. São Paulo. 2012. p.84-101. Disponível em: www.pucsp.org/ecopolitica (acessado em março de 2017).

_____. Revolta e antipolítica em Bakunin. In.: Verve, 26: 157-173, 2014. NU-SOL. São Paulo. 2014.

_____. Política e Antipolítica: anarquia contemporânea, revolta e cultura libertária. Tese de Doutorado defendia na PUC-SP, 2013. Disponivel em: academia.edu (acessando em junho de 2017)

_____. Antipolítica e nova política: o movimento antiglobalização, anarquia e os governos do Sul. Palestra proferida no I Congreso de Investigadorxs sobre anarquismo. Argentina. 2016. In.: academia.edu (acessando em 10/12/2017).

ALVES, Maria Cristina S. de O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. Anais IV Semana de História do Pontal. Pontal. 2016.

ARCE, José M. Valenzuela (coord.). El sistema es antinosostros. Gedisa. México. 2015. BASTOS, Yuriallis Fernandes. Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: Um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk. In.: CAOS, N.9 pp. 284-433. Paraíba. 2005.

BRANDÂO, Ignácio de Loyola. O verde violentou o muro. Global. São Paulo. 1986.

CAIAFA, Janice. Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub. Jorge Zahar editor. Rio de Janeiro.1985.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In.: A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios. CARLOS, A.F.A, SOUZA, M.L. e SPOSITO, M.E.B. p.: 53-74. Editora Contexto. São Paulo. 2013.

. A tragédia urbana. In.: A cidade como negócio. CARLOS, A.F.A, VOLOCHKO, D. e ALVAREZ, I.P. (orgs.) p 43-64. Editora Contexto. São Paulo. 2015.

CORRÊA, Roberto L. Formas Simbólicas Espaciais e Política. UFRJ. Rio de Janeiro. Sem Data [1].

_____. Política, Cultura e Espaço. UFRJ. Rio de Janeiro. Sem Data [2].

DAMIANI, Amélia Luisa. (Des)encontros entre a Geografia e o urbano: a contribuição de Henri Lefebvre. In.: Atravessando a Geografia, Marx, Lefebvre e os Situacionistas (volume 1). DAMIANI, A.L. e BAITZ, Ricardo (orgs.). Editora Tiragem Livre. São Paulo. 2017.

DAY, Richard. De la hegemonia a la afinidad. Enclave de Libros. Buenos Aires. 2016. DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Contraponto. São Paulo. 2011.

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II. Editora Martins fontes. São Paulo. 2011.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade e política: Ditos & escritos. v. 5. Forense Universitária. Rio de Janeiro 2006.

GLASER, B.; STRAUSS, A. The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research. New York: Aldine, 1967

GORDON, Uri. Anarquia Viva! Política Antiautoritária da Prática a Teoria. Editora Subta. Porto Alegre. 2015.

GROS, Fréderic. Verità, soggettività, filosofia nell’ultimo Foucault. In: GALZIGNA, Mario (org.). Foucault oggi. Milano, Feltrinelli, 2008, pp. 293-302. Tradução portuguesa de Selvino J. Assmann.

GUTERMAN, Norbert e LEFEBVRE, Henri. La conscience mystifiée. Le Sycomore, Paris. 1979.

HAESBAERT, Rogério. Viver no Limite: Território e Multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2014.

. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In.: Territórios e Territorialidades. SAQUET, Marcelo et al.(orgs.) p.91-118. Consequência. Rio de Janeiro. 2015.

HAWORTH, Robert. O anarcopunk como experimentações radicais e processos de aprendizagem informal. Edições Tormenta. Rio de Janeiro. 2023.

ILLICH, Ivan. La convivencialidad. Editora Virus. Barcelona. 2011.

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. Ática. São Paulo. 1991.

. La production de l'espace. Anthropos. Paris. 2000

LIMA, Ivaldo G. de. A metrópole convivial: por uma geografia social crítica dos commons. In.: Ferreira, Alvaro et alli (orgs.). Produção do Espaço: Emancipação Social, o comum e a "verdadeira democracia". Editora Consequência. Rio de Janeiro. 2019.

LÓPEZ, Miguel Martinez. Okupaciones de viviendas y de centro sociales: autogestion, contracultura y conflictos urbanos. Virus. Espanha. 2002.

MARQUES. Gabriela. As artes de resistir: Mulheres, anarcopunk, riot Grrrl e anarcafeminismo. Edições Tormenta. Rio de Janeiro. 2021.

MARTINS, José de Souza. Uma Sociologia da vida cotidiana. Contexto. São Paulo 2014.

(org.). Henri Lefebvre e o retorno a dialética. Hucitec. São Paulo. 1996.

MITCHELL, Don. Não existe aquilo que chamamos de cultura. In.: Espaço e Cultura. P. 81 – 101. UERJ. Rio de Janeiro. 2008.

NETTO, J.P, & CARVALHO, M.C. Brant. Cotidiano: Conhecimento e crítica. Cortez Editora. São Paulo 2000.

OLIVEIRA, Antônio C. de. Os fanzines contam uma história sobre o punk. Editora Rizoma. Rio de Janeiro. 2015.

PASSETTI, Edson. Governamentalidade e violência. In.: Currículo sem fronteiras, v.11, n.1, p.42-53, janeiro-junho de 2011. Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org (acessando em março de 2017).

. Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica. In.: Revista Ecopolítica, número 5: janeiro-abril, 2013, p. 2-37. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/ecopolitica (acessado em dezembro de 2017).

PINTO, Marcelo de Rezende & SANTOS, Leonardo Lemos. A Grounded Theory como metodologia: Relatos de uma experiência de campo. Revista o&s - Salvador, v.19 - n.62,

p. 417-436 - Julho/Setembro - 2012

PLOWS, Alex. Pratics and Praxis: the what, how and why of the UK environmental direct action movement in the 1990s. Tese de Doutorado defendida na University of Wales. País de Gales. 2002. Disponível em: www.iol.ie (acessado em agosto de 2019).

RODRIGUES, Glauco Bruce. Geografia Histórica: Notas Sobre a metodologia. In.: Terra Brasilis, 12/2019.

Disponível em: http://journals.openedition.org/terrabrasilis/4578 (acessado em janeiro de 2022).

_____ Geografia histórica e ativismos sociais. In.: GeoTaxtos, vol.11, n.1, julho de 2015 pp. 241-268. Disponível em: www.academia.edu (acessado em janeiro 2022).

ROMANI, Aline. O uso de história em quadrinhos como fonte histórica. Disponível em: https://rastrosvividos.wordpress.com/ (acessado em fevereiro de 2022).

SANCHES-PINILLA, Mario, LOPEZ, Miguel A.M., FERNADEZ, Elizabeth Lorenzi. Okupaciones en movimiento: derivas, estratégia y practicas. Tumulto. Espanha. 2010. SAQUET, Marcos. Abordagens e concepções de território. Editora Consequência. Rio de Janeiro. 2020.

. Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades. Editora Consequência. Rio de Janeiro. 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2013.

. Por uma geografia libertária. Consequência. Rio de Janeiro. 2017

. Autogestão, "autoplanejamento", autonomia: Atualidades e dificuldades das práticas espaciais libertárias dos movimentos urbanos. In.: Revista Cidades, Volume 9, Número 15, p. 59 - 94. Outras Expressões. São Paulo. 2012.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques. Newbury Park, CA: Sage Publications, 1998.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado. Paz e Terra. São Paulo. 1998.

TURRA NETO, Nécio. Enterrado vivo: Identidade punk e território em londrina. Editora UNESP. SÃO PAULO. 2003.

VARGAS, Marcelo Sandoval. Pensamiento anarquista y crítica de la vida cotidiana. In.: Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social. P.73-84. Venezuela. 2016.

ZYCQUA, Madelyyna. Luta trans e anarquismo queer. Edições Tormenta. Rio de Janeiro. 2023.

Um debate acerca do papel social da criança e das diferentes concepções de infância a partir do livro Les Aventures de Nono

Andressa Lopes de Oliveira (Universidade Federal do Paraná)

Resumo: Les Aventures de Nono é um livro direcionado ao público infantil, escrito por Jean Grave e publicado originalmente em francês, no ano de 1901. Tendo uma criança como protagonista – o menino Nono – a narrativa explora suas aventuras e desventuras em dois mundos antagônicos: Autonomie e Argirocratie, acompanhado das amizades que consolidou ao longo do caminho. Autonomia, como nome já sugere, é apresentada como a construção de uma sociedade baseada em preceitos anarquistas. Argirocracia, por sua vez, entendida como um "reino dos ricos", por ser uma palavra derivada de "argent", que significa "dinheiro" em francês, retrata as desigualdades de uma sociedade capitalista. No decorrer da obra, são muitas as experiências vivenciadas por diferentes grupos de crianças, sobretudo em Autonomia, onde tudo é organizado e gerido pelos infantes. Tendo em vista que a concepção de infância é mutável, variando conforme a conjuntura histórica e sendo atravessada por aspectos culturais, sociais e econômicos, a proposta que aqui se apresenta é a de analisar diferentes concepções de infância, tendo como ponto de partida o livro Les Aventures de Nono. Diante disso, cabe ressaltar a relevância do tema no interior do pensamento anarquista, bem como para o debate acerca das infâncias na contemporaneidade, compreendendo a criança como um indivíduo social.

Palavras-chave: Infâncias; Criança; Literatura;

Bibliografia básica: ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2ª edição. Rio de Janeiro:

Guanabara, 1986.

CARONE, E. Anarquismo e literatura. Princípios - México: a ilusão neoliberal, n. 36, São Paulo: Anita Ltda, p. 50-55. 1995.

HEYWOOD, C. Uma história da infância. São Paulo: Artmed, 2004.

LYONS, M. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. Em:

História da leitura no mundo Ocidental. São Paulo: Ática, 1999. p. 165-197.

MENNA, L. R. Diferentes concepções de infância na literatura. Revista Crioula, n. 8, 2010.

ROBIN, P. Por uma educação integral. Brasília: O Lampião, 2020.

SIMÕES, L. B. Literatura infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte. Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários N. 46, p. 219-242. 2013.

Teatro Operário e Primeiro de Maio no Brasil durante o final do século XIX e início do XX: arte, memória e história.

Cassiana dos Reis Lopes

Resumo: Neste resumo proponho desenvolver associações entre as produções teatrais feitas por operários anarquistas e a data do Primeiro de Maio no Brasil, que se constituiu em referência histórica para as lutas com forte engajamento anarquista. Desta maneira é possível traçar uma linha histórica do anarquismo brasileiro, principalmente até a década de 1920. O Primeiro de Maio tem como fundamento uma greve no ano de 1886 construída nos Estados Unidos da América que tinha como principal reivindicação a redução de carga horária de trabalho para oito horas (oito horas de trabalho, oito horas de lazer e oito horas de descanso). No dia 4 do mesmo ano, no segundo comício que ocorreu na praça Haymarket, oito operários anarquistas foram presos, sete deles

condenados à morte: Esses oito anarquistas se tornaram os Mártires de Chicago, símbolos das lutas e da organização operária. Em homenagem a esta data e seus mártires, Pietro Gori escreveu a peça de teatro "Primo Maggio" que se tornou referência e foi encenada em diversas festas operárias de diferentes partes do mundo. A teatróloga brasileira Maria Thereza Vargas (1980) considera essa peça como o "carro-chefe" da dramaturgia libertária, e continuou sendo apresentada por muitos anos. Segundo Edgar Rodrigues (1969), essa obra foi apresentada no Rio Grande do Sul, em 1897, pelo grupo de teatro social da União Operária e, somente mais tarde, a partir de 1906, foi apresentada em português. As relações entre o Primeiro de Maio com o teatro, não necessariamente com a peça de mesmo nome, passam por diferentes momentos históricos como: a realização do Primeiro Congresso Operário Brasileiro (1906); O Primeiro de maio de 1907 e a primeira Greve Geral do Brasil; a fundação da Confederação Operária Brasileira em 1908 em que o teatro é reafirmado como importante forma de ação pedagógica e de propaganda; o Segundo Congresso Operário Brasileiro (1913) em contexto próximo à Primeira Guerra Mundial; e a construção da Greve Geral de 1917 com o auxílio do Teatro Operário. Ao final desta greve, apesar de inúmeras vitórias, houve dura repressão, seguida de perseguições políticas às/aos anarquistas, mortes e expulsão das/os grevistas com a utilização da lei Adolfo Gordo, que, como dito anteriormente, tinha o objetivo de impedir a organização operária e movimentos grevistas. Mesmo com o entusiasmo da Greve Geral daquele ano, o Anarquismo gradativamente vai perdendo sua força como hegemonia no movimento operário; isso se reflete também na produção do teatro anarquista do período. Apesar destas dificuldades o Anarquismo permanece vivo e este período serve de inspiração e aprendizado com relação ao entrelaçamento profundo entre o Primeiro de Maio, sua memória e o teatro.

Palavras-Chave: Teatro; Primeiro de Maio; história.

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E ANARQUISMO 1

"Brincávamos, cantávamos e recitávamos": os passeios das escolas modernas n. 1 e 2

Levi Fernando Lopes Vieira Pinto (Universidade Estadual Paulista)

Resumo: Em 1914, a Escola Moderna de São Paulo n. 1 (1912-1919), sob a direção de João Penteado, publicou a primeira edição de "O Inicio", um pequeno jornal organizado pelos próprios estudantes da escola. Incialmente com três edições, foram publicados textos dessas crianças como parte dos exercícios escolares, sendo eles descrições, cartas e pequenas redações, além de informes importantes para a escola. Dentre esses textos, destacam-se as narrativas das crianças a respeito das festas, quermesses, passeios e piqueniques promovidos pela escola. Vemos como os professores, por vezes, mediavam o olhar destes estudantes no entorno; encontramos referências a lugares e pontos estratégicos ao movimento operário da época, como o Teatro Colombo e o Parque da Luz, além de práticas artísticas como canto de hinos e recitação de poesias, mas, principalmente, aos jogos e às brincadeiras praticados por essas crianças. Entendemos que esses passeios eram parte estratégica do estudo do meio proposto pelo método racionalista. Entretanto, essas brincadeiras nos sugerem que estes passeios permitiram às crianças vivenciarem diversas práticas que ultrapassam uma relação apenas racional do estudo do meio, articulando diferentes modos de experenciar a comunidade que não se restringem à dimensão intelectual. Neste sentido, o piquenique e as brincadeiras sugerem a aproximação da escola às reivindicações do movimento operário direito do lazer e, principalmente, ao direito de a criança brincar. O objetivo deste trabalho é discutir como esses passeios promovidos pela Escola Moderna n. 1 refletem a prática do estudo do meio como uma abordagem do método racionalista, mas também articulam outras vivências que interessam ao pensamento pedagógico libertário e/ou em consonância como o movimento operário da época, como o brincar e o direito ao lazer. Dedicaremos esta discussão à análise das três edições do jornal "O Inicio", publicadas nos anos de 1914 a 1916. Utilizamos jornais arquivados no Acervo João Penteado, disponível no Centro de Memória de Educação da USP (CME-USP).

Palavra-Chaves: educação libertária; estudo do meio; Escolas Modernas.

Bibliografia básica: FERRER, Francisco. A Escola Moderna: póstuma explicação e alcance do ensino racionalista. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

JOMINI, Regina C. M. Uma Educação Para a Solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha. Campinas, SP: Pontes, 1990.

MORAES, Carmen S. V. Educação Libertária no Brasil – Acervo João Penteado: Inventário de Fontes. São Paulo: Fap-Unifest; Edusp, 2013.

PARRA, Lúcia Silva. Leitura Libertária: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2017.

PINHO, Adelino de. Pela Educaçao e Pelo Trabalho e Outros Escritos. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.

PINTO, Levi F. L. V. Festas, Festivais, Quermesses: a continuidade do anarquismo nas manifestações artísticas e culturais dos festejos da Academia de Comércio "Saldanha Marinho". Orientadora: Rita Luciana Berti Bredariolli, 2024. 260f. Tese (doutorado em artes). Instituto de Artes – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho –, São Paulo, 2024.

O Início, São Paulo, ano I, n. 1, 5 set. 1914.

O Inicio, São Paulo, ano I, n. 2, 4 set. 1915.

O Inicio, São Paulo, ano I, n. 3, 19 ago. 1916.

O programa de ensino racionalista da Escola Moderna Barcelona: perspectivas históricas de uma cultura escolar e do seu currículo

Bruna Novais Prado (Universidade Federal de São Paulo)

Resumo: O presente estudo visa apresentar o projeto de pesquisa intitulado "Uma história da cultura escolar e do currículo pelo programa de ensino racionalista da Escola Moderna de Barcelona (1901-1906)", em desenvolvimento no âmbito do mestrado em História no PPGH-UNIFESP. Enquanto uma instituição de ensino primário, a proposta da Escola Moderna de Barcelona foi influenciada pelas ideias anarquistas, anticlericais, científicas e de renovação pedagógica do final do século XIX e início do século XX, (LEUTPRECHT, 2019). A questão que norteia a investigação é se, por meio das fontes, podemos definir historicamente a proposta do programa de ensino racionalista da Escola Moderna de Barcelona sob o viés teórico de cultura escolar e currículo. Assim, o objetivo é investigar de que maneira as disciplinas ofertadas, a organização e divisão do tempo escolar, a classificação dos alunos, o espaço físico escolar e suas representações simbólicas, a seleção dos materiais didáticos e mobiliários escolares refletem essa cultura escolar. Considerando as rupturas e permanências que caracterizam a historicidade da escolarização na Espanha neste período supracitado, pretende-se compreender de que forma esses elementos contribuem para a análise da estrutura do programa de ensino racionalista. Exploramos a hipótese de que a Escola Moderna combinava o seu programa com a configuração curricular do método de ensino intuitivo ou "lições de coisas" e o método do ensino seriado. Por conseguinte, a investigação se fundamenta nos referenciais de cultura escolar (JULIA, 2001; VIÑAO FRAGO, 2007; FILHO; VIDAL; PAULILO, 2004) e currículo (GOODSON, 1997, 2018). A documentação principal do trabalho é o Boletín de la Escuela Moderna, impresso produzido pelo estabelecimento de ensino nos anos de 1901 a 1906. Primeiramente, o Boletín foi analisado a partir dos anos de 1901 a 1903, quando a Escola Moderna e o próprio impresso estiveram sob a direção/organização da professora francesa Clemence Jacquinet (1865-?). Ademais, o corpus documental inclui nove reproduções fotográficas dos alunos e professores em suas respectivas classes e turmas, além de imagens das salas de aula e do mobiliário da instituição. Tanto o Boletín de la Escuela Moderna quanto as fotografias são provenientes da Biblioteca Digital da Fundación Ferrer y Guardia. Com o desenvolvimento da pesquisa, tivemos ciência de outras edições do Boletín referentes aos anos de 1904 a 1906, quando Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) assumiu a direção da Escola Moderna e do próprio Boletín após a saída de Jacquinet, (PRADO DA SILVA, 2021). Como não será possível uma análise de todas as edições referentes a este período, estabelecemos o critério de estudar um documento impresso, que se encontra disposto no Boletín de 30 de setembro de 1905, com informações sobre as "Matérias enseñadas y distribución del tempo", além de uma tabela intitulada "Clasificación por sexos y número de Alumnos presentes en la Escuela Moderna". Com esta investigação, propomos realizar uma contribuição interdisciplinar aos estudos da História Social e da História da Educação.

Palavras-chave: Escola Moderna de Barcelona. Ensino Racionalista. Cultura Escolar.

Bibliografia básica: FILHO, Luciano Mendes de Faria; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. "A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira". Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

GOODSON, Ivor F. A construção social do currículo. Lisboa: EDUCA, 1997.

GOODSON, Ivor F. Currículo: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 2018.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n.1, p. 9-43, jan/jun. 2001.

LEUTPRECHT, Douglas Bahr. Educação e anarquismo em movimento: apropriações da pedagogia racionalista no Brasil e nos Estados Unidos (1913-1925). Joinville/SC: Ambiente Arejado Publicações, 2019.

PRADO DA SILVA, Pedro Henrique. Escolarização e Anarquismo: modernização educacional e educação dos corpos na perspectiva libertária da Escola Moderna de Barcelona (anos finais do século XIX e início do século XX). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Sistemas educativos, culturas escolares e reformas. Portugal, Mangualde: Edições Pedago, 2007.

Sonhos fora da terra - uma filosofia da educação anarquista em Maria Lacerda de Moura

Rafael M. Limongelli (Universidade Estadual de Campinas)

Resumo: A apresentação Sonhos fora da terra – uma filosofia da educação anarquista em Maria Lacerda de Moura toma o conceito de ciência encarnada como chave para compreender a radicalidade de seu pensamento educativo. Em Moura, conhecer não é uma operação abstrata ou neutra, mas um gesto ético, sensível e político, inseparável do corpo, da experiência e dos modos concretos de viver. A ciência deixa de ocupar um lugar transcendente para se implicar diretamente na vida. A ciência encarnada constitui uma crítica direta ao positivismo e à racionalidade instrumental que estruturaram tanto a ciência moderna quanto a escola disciplinar. Moura não recusa a ciência; ao contrário, defende um rigor radical do conhecimento. O que ela combate é sua conversão em dogma, autoridade moral ou instrumento de domesticação. Em seu pensamento, a ciência deve permanecer aberta, experimental e vinculada à experiência vivida. No campo da educação, essa perspectiva desloca profundamente a função da escola. A aprendizagem não se organiza pela transmissão de verdades fixas, mas como processo de formação ética e sensível. A escola torna-se laboratório de vida, espaço de experimentação e de produção de autonomia. Não há conhecimento sem implicação, sem risco e sem transformação daquele que aprende. Articulada a uma pedagogia anarquista, a ciência encarnada afirma uma educação orientada pela liberdade e pela responsabilidade coletiva. Não se trata de formar sujeitos obedientes a novas ortodoxias, mas indivíduos capazes de sustentar a tensão entre singularidade e vida comum. Conhecer, educar-se e realizar-se são movimentos indissociáveis. Nesse contexto, o sonho ocupa lugar central. Longe de se opor à ciência, ele amplia o campo do possível, abrindo o pensamento ao que ainda não existe. A ciência encarnada opera nesse intervalo entre rigor e imaginação, entre o pensamento, o sensível e o impensável. Ao recuperar essa perspectiva, a apresentação propõe repensar a educação contemporânea a partir de um regime de verdade implicado na vida, na inquietude e na coragem de criar outros modos de existir.

Palavras-chave: Filosofia da Educação, Anarquismos, Maria Lacerda de Moura.

Bibliografia básica: BAKUNIN, Mikhail. Deus e o Estado. São Paulo: Hedra, 2015.

CUBERO, Jaime. Jaime Cubero: seleção de textos e entrevistas. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2015.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. A Escola Moderna: póstuma explicação e alcance do ensino racionalista. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

GALLO, Silvio. O futuro deve brotar da escola. In: FERRER Y GUARDIA, Francisco. A Escola Moderna: póstuma explicação e alcance do ensino racionalista. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

GALLO, Silvio. Pensar a escola com Foucault além da sombra da vigilância. In: GALLO, Silvio; CARVALHO, Alexandre Filordi de (org.). Repensar a educação: 40 anos de Vigiar e Punir. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. p. 427-450.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2013.

KROPOTKIN, Piotr. Escritos sobre educação e geografia. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

KROPOTKIN, Piotr. Apoio Mútuo: um fator de evolução. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021.

LIMONGELLI, Rafael. Racionalismo, experimentação e afetividade. In: PASSETTI, Edson; GALLO, Sílvio; AUGUSTO, Acácio (org.). Anarquistas na América do Sul. São Paulo: Hedra, 2021.

LIMONGELLI, Rafael. Uma conversação entre ferrer y guardia, lacerda de moura e félix guattari. In: CAVACO, Carmen; COSTA, Fernando Albuquerque; MARQUES, Joana; VIANA, Joana; MARREIROS, Rúben; FARIA, Ana Rita; DOROTEA, Nuno (org.). A educação e os desafios da sociedade contemporânea: contributos da investigação. Atas do XXIX

Colóquio da AFIRSE Portugal, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, fev. 2022. Disponível em: https://afirse.ie.ul.pt/. Acesso em: 24 maio 2023.

MOURA, Maria Lacerda de. A mulher é uma degenerada. São Paulo: Tenda de Livros, 2018.

MOURA, Maria Lacerda de. Ferrer, o clero romano e a educação laica. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2021.

MOURA, Maria Lacerda de. Ferrer!. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2021b.

RECLUS, Élisée. Escritos sobre educação e geografia. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014.

ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não-cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

STIRNER, Max. O único e sua propriedade. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Francisco Ferrer e a educação na Revolução Espanhola

Rodrigo Rosa da Silva (Universidade Estadual de Londrina; LEPHE; GPAEC)

Resumo: O presente trabalho pretende desenvolver uma análise do legado de Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), educador anarquista nascido em Alella e fundador da Escola Moderna de Barcelona (1901), durante a Revolução Espanhola (1936-1937) e no decorrer da Guerra Civil (até meados de 1939). Abordaremos dois pontos centrais: a continuidade do pensamento e da obra de Ferrer através das Escolas Racionalistas na Espanha após seu assassinato em 1909 e as homenagens diretas a Ferrer (nomes de praças, teatros, coletivos, escolas, etc.). Destacaremos os projetos educativos em disputa no campo libertário (CENU, escolas racionalistas, ateneus, bibliotecas) e fora dele (Ferrer versus Freinet). Para isso, recorreremos, no escopo desse trabalho, à revisão bibliográfica sobre o tema da educação na Espanha revolucionária (SAFÓN, 1978; TIANA FERRER, 1987; DUPONT, 2006), configurando um levantamento inicial sobre a construção da figura de Ferrer como um mito político (GIRARDET, 1987) e seu papel nas lutas antifascistas no período revolucionário, considerando que momentos de agitações políticas são propícios ao surgimento e exaltação de mitos políticos.

Palavras-chave: Educação Anarquista; Ensino Racionalista; Revolução Espanhola.

Bibliografia básica: GIRARDET, Raoul. Mitos e mitologias políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DUPONT, Cédric. Um novo sistema educacional durante a Revolução Espanhola. Educação Libertária, No. 1, 3o. Quadrimestre de 2006, São Paulo.

SAFÓN, Ramón. La educación en la España Revolucionária (1936-1939). Madrid: La Piqueta, 1978.

TIANA FERRER, Alejandro. Educación libertaria y revolución social (España, 1936-1939). Madrid, 1987.

REVOLUÇÃO ESPANHOLA: ANTECEDENTES E DESDOBRAMENTOS

Uma tragédia infantil atravessada pelas disputas políticas durante a Revolução Espanhola: o exílio dos niños de Morelia

Aline do Carmo Costa Barbosa (Universidade Estadual de Goiás)

Resumo: Durante a Revolução Espanhola, milhares de crianças foram evacuadas para outros países como uma das estratégias de protegê-las dos conflitos instaurados nas cidades da Espanha. Entre essas expedições, este trabalho analisa o envio de cerca de 500 crianças para o México, em maio de 1937, buscando circunscrever essa experiência de exílio ao contexto da contrarrevolução que se consolidava no interior do campo republicano no mesmo período. Até então, as evacuações infantis eram realizadas majoritariamente sob a coordenação do Ministério de Saúde e Assistência Social (MSAS), então sob gestão da anarquista Federica Montseny e em articulação com organizações humanitárias de outros países. Contudo, com os confrontos entre anarquistas e comunistas em Barcelona, conhecidos como Jornadas de Maio de 1937, o MSAS foi dissolvido e os grupos libertários passaram a sofrer boicotes e repressões sistemáticas por parte da ala contrarrevolucionária, em especial dos setores estalinistas. Embora as crianças exiladas no México, posteriormente chamados niños de Morelia, tenham sido enviadas sob a gestão de Montseny, ao chegarem ao país ficaram sob os cuidados exclusivos de grupos estalinistas mexicanos, rompendo-se

os vínculos com os organismos espanhóis que haviam organizado a evacuação. Instaladas na Escola Industrial Espanha-México, em Morelia, essas crianças foram submetidas a um regime educativo autoritário e violento, marcado por práticas extremamente abusivas e disciplinares e que contrastavam radicalmente com o projeto libertário de infância que havia orientado sua saída da Espanha. A historiografia e os testemunhos dos próprios exilados destacam os profundos traumas vividos por essas crianças, mas, até o momento, pouco se avançou na articulação direta entre essa tragédia infantil e o contexto político específico das Jornadas de Maio e da derrota política do anarquismo. Ao propor um cruzamento de fontes ainda pouco exploradas, este trabalho sustenta que o exílio dos Niños de Morelia deve ser compreendido como uma experiência profundamente atravessada pelas disputas ideológicas e pela contrarrevolução no interior da própria Revolução Espanhola, resultando em uma vivência infantil radicalmente distinta daquela projetada pela militância libertária.

Palavras-chave: Revolução Espanhola, niños de Morelia, exílio infantil

Bibliografia Básica: BARBOSA, Aline do Carmo Costa. A vida infantil como potência criadora: concepções e práticas das Mujeres Libres durante a Revolução Espanhola (1936-1939). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

BRUGAT, Dolores Pla. Los niños de Morelia. Un estudio sobre los primeros refugiados españoles en México. Instituto Nacional de Antropologia, Embajada de España, México, 1999.

CRUZ, Ignacio J. Los maestros españoles de los «niños de Morelia» nuevas aportaciones. Revista de Indias, [S. l.], v. 63, n. 228, p. 519–540, 2003.

MIRANDA, Francisco Alía. Los niños de la guerra: la Escuela Industrial España-México en Morelia (1936-1950). Dossier Cuadernos de Historia de España, 2024.

A Revolução Espanhola e a planificação da economia: notas para um debate econômico no anarquismo

Davi Luiz Paulino (Universidade de São Paulo)

Resumo: Dentro dos estudos sobre o anarquismo, a questão econômica ainda é abordada de modo incipiente. Mesmo com uma experiência com a envergadura da Revolução Espanhola de 1936, o debate sobre a organização da economia ainda é pouco aproveitado nas análises sobre o processo espanhol. O objetivo deste trabalho é analisar as propostas de reorganização econômica por meio da ideia de planificação econômica. Deste modo, buscaremos destacar os principais debates entre os militantes, as obras publicadas e como elas influenciaram o processo de revolução na Espanha. Um dos principais teóricos publicados e discutidos na véspera da revolução foi o francês Pierre Besnard com o livro os sindicatos operários e a revolução social. Com base neste aporte, defendemos que a década de 1930 foi profícua no debate econômico, pois houve propostas de planificação econômica, tanto no plano teórico quanto na construção da revolução social na Espanha, que foram modelos de estruturação econômica alternativa àquelas realizadas pelos bolcheviques durante a construção do aparato socioeconômico que originou a União Soviética. Assim, os estudos econômicos no anarquismo contribuem para compreender as dinâmicas econômicas no antes e depois das experiências revolucionárias.

Palavras-chave: Revolução Espanhola; Planificação Econômica; Anarquismo.

Bibliografia Básica: BERNECKER, Walther. Colectividades y revolución social: el anarquismo en la guerra civil española, 1936-1939. Barcelona: Editorial Crítica, 1982.

BESNARD, Pierre. Los sindicatos obreros y la revolución social. Barcelona: Ediciones de la CNT, 1931.

BETTELHEIM, Charles. Problemas teóricos y practicos de la planificación. Madri: Editorial Tecnos, 1971.

GÓMEZ, Miguel G. La CNT y la nueva economia: del colectivismo empresarial a la planificación de la economia confederal (1936-1939). Madri: Fundação Anselmo Lorenzo, 2024.

SANTILLAN, Diego Abad. Organismo econômico da revolução: a autogestão na Revolução Espanhola. São Paulo: Brasiliense, 1980.

Entre psicanálise e revolução: Marie Langer, François Tosquelles e a experiência espanhola

Karina Oliveira Martins

Resumo: Há um reconhecimento parcial — frequentemente marcado por apagamentos — das articulações entre marxismo e psicanálise ao longo da história. No entanto, permanece ainda pouco conhecido um outro eixo de articulação entre psicanálise e teorias revolucionárias: o encontro entre psicanálise e anarquismo, bem como seus desdobramentos teóricos, políticos e clínicos. A Revolução Espanhola (1936–1939) constitui um momento privilegiado dessa confluência, funcionando como experiência histórica decisiva para a reformulação crítica de determinados autores da psicanálise, permitindo produções que extrapolaram os marcos tradicionais do campo e reconfiguraram a relação entre clínica, política e subjetividade. Dois autores foram particularmente marcados por esse processo de maneira direta: Marie Langer e François Tosquelles, ambos participantes da Revolução ao atuarem nas Brigadas Internacionais e em dispositivos de cuidado e organização em meio à guerra. Ainda que nenhum deles se reivindique anarquista — ambos se identificavam como marxistas —, a experiência revolucionária espanhola, fortemente atravessada pelo anarquismo, operou como um ponto de inflexão em suas trajetórias, tensionando suas críticas ao marxismo oficial, especialmente ao stalinismo, e produzindo deslocamentos significativos em seus modos de articular teoria, clínica e política. A emergência de práticas psicoterápicas coletivas e experimentais na Espanha revolucionária constituiu um verdadeiro laboratório para a articulação entre crítica social e clínica psicanalítica. Nesse contexto, a psicanálise foi deslocada de seu espaço tradicional, centrado no consultório e na formação elitizada, para experiências coletivas de cuidado, educação e intervenção social, desafiando as separações clássicas entre sujeito, política e cura. A Revolução Espanhola possibilitou, assim, pensar a psicanálise como prática socialmente situada, implicada nas condições materiais de existência e nas formas de organização coletiva da vida. François Tosquelles, psiquiatra catalão, protagonizou uma reorganização radical dos dispositivos psiquiátricos em meio à guerra. Nos hospitais psiquiátricos de campanha, desenvolveu práticas que fundamentariam posteriormente a clínica institucional, rompendo com a lógica manicomial e com a verticalidade disciplinar. Suas intervenções introduziram relações terapêuticas horizontais, marcadas pela vida coletiva, pela circulação da palavra e pela participação ativa dos pacientes na organização institucional. A influência do anarquismo espanhol — com sua crítica às hierarquias, às instituições fechadas e à autoridade centralizada — foi decisiva para a formulação de uma clínica simultaneamente terapêutica e libertária, antecipando debates posteriores sobre desinstitucionalização, saúde mental comunitária e crítica às instituições psi. Marie Langer, por sua vez, elaborou a experiência da Revolução Espanhola como um "paraíso perdido", cuja radicalidade funcionou como motor de autocrítica e de retomada de sua práxis política em articulação com sua prática psicanalítica. A vivência revolucionária reforçou nela a convicção de que a psicanálise não poderia permanecer como saber hermético, tecnicista e elitizado, dissociado das lutas sociais e das condições históricas de produção do sofrimento. Ao longo de sua trajetória, Langer sustentou um compromisso duradouro com a articulação entre psicanálise, marxismo e práticas coletivas de cuidado, o que implicou embates com as instituições psicanalíticas. Assim, a experiência da Espanha revolucionária marca um ponto de inflexão comum: a vivência em contextos atravessados pelo anarquismo ampliou as perspectivas teóricas e clínicas desses autores, transformando seus entendimentos de tratamento, cura e formação. Este trabalho propõe, portanto, o resgate histórico dessa experiência e de seus desdobramentos, visando recolocar em cena a influência — direta e indireta — da Revolução Espanhola e de seu horizonte anarquista em construções fundamentais do pensamento psicanalítico crítico.

Palavras chaves: Revolução Espanhola; Psicanálise ; Clínica

Bibliografia básica: BROUÉ, Pierre; TÉMIME, Émile. La revolución y la guerra de España: tomo I. [S.l.]: Izquierda Revolucionaria, 1962.

GABARRON-GARCIA, Florent. Uma história da psicanálise popular. São Paulo: Autonomia Literária, 2021

LANGER, M.; PALACIO, J.; GUINSBERG, E. Memória, história e diálogo psicanalítico. São Paulo: Traço, 1987.

TOSQUELLES, François. Uma política da loucura: e outros textos – Volume 1. São Paulo: Sob Influência, 2024

Do anarquismo à psicoterapia institucional: organização, experimentação e subjetividade em Tosquelles, Deleuze e Guattari.

Victoria Hautz do Carmo (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo: Esta comunicação busca estabelecer uma articulação teórico-prática entre a experiência psiquiátrica de François Tosquelles e o pensamento de Deleuze e Guattari. Tosquelles, psiquiatra catalão exilado na França após a Guerra Civil Espanhola em 1939, foi uma figura central na renovação das práticas psiquiátricas tanto na Catalunha revolucionária quanto na França durante e após a Segunda Guerra Mundial. Sua atuação foi decisiva na crítica aos manicômios tradicionais e na criação de novas formas de tratamento, especialmente na clínica de Saint-Alban (atual

Centre hospitalier François-Tosquelles), onde se desenvolveu o que hoje se conhece como psicoterapia institucional. A psicoterapia institucional parte do princípio de que não há tratamento possível sem uma transformação da própria organização da instituição. Nesse contexto, a hierarquia tradicional entre médico e paciente é questionada, e os pacientes passam a ocupar um papel ativo em seus processos de cuidado. A cura não é pensada apenas em termos individuais, mas como resultado das relações estabelecidas entre pacientes, médicos, técnicos, visitantes e a comunidade local, em um espaço marcado pela horizontalidade e pela experimentação coletiva. Demonstraremos que as origens dessa prática estão diretamente ligadas à experiência política de Tosquelles durante a Revolução Espanhola de 1936, quando atuou no front catalão e passou a ser responsável pela avaliação psicanalítica de trabalhadores de hospitais e clínicas militares. Nesse período, introduziu a psicanálise nas instituições públicas da região e desenvolveu, no hospital de Almodóvar del Campo, uma organização que atendia simultaneamente a população civil, soldados e profissionais da saúde. Tosquelles tratava desde neuroses de guerra até quadros psicóticos, contando com a colaboração de não médicos, como camponeses, padres, prostitutas, artistas e advogados, com o objetivo de evitar a objetificação dos pacientes e romper com uma visão médica pequeno-burguesa da doença mental. Essa abordagem refletia sua compreensão da saúde mental como inseparável da luta política e da participação ativa da comunidade. Foi, portanto, o contexto político-revolucionário catalão que fundamentou sua crítica às instituições psiquiátricas e sua proposta de reorganização do cuidado. Ao se estabelecer na França, Tosquelles tornou-se uma referência fundamental na luta antimanicomial, influenciando diretamente Félix Guattari, que trabalhou na clínica de La Borde, fundada por Jean Oury a partir da experiência de Saint-Alban. É nesse ponto que se estabelece o vínculo com Deleuze e Guattari. A psicoterapia institucional carrega um princípio político de caráter “anárquico”, ao vincular o tratamento às formas de organização e às relações de poder no interior das instituições. Essa preocupação com a organização será central em O anti-Édipo, especialmente no contexto pós-Maio de 68, quando se buscava compreender por que as revoltas francesas fracassaram em produzir transformações duradouras. No texto Maio de 68 não ocorreu, Deleuze e Guattari afirmam que a sociedade francesa não soube experimentar novas formas organizacionais, recorrendo novamente a instituições tradicionais como a família, a religião e a nação. Assim, ao retomar a história da psicoterapia institucional, esta comunicação enfatiza a necessidade de práticas experimentais como condição para a emergência de novas formas de organização e de novos sujeitos.

Palavras-Chave: anarquismo; psicoterapia institucional; experimentação.

Bibliografia básica: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34,

2011.

_____. Maio de 68 não ocorreu. Em Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência – 1º quadrimestre de 2015 – Vol. 8 – nº 1.

GUATTARI, F. Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional. Aparecida: Ideias e Letras, 2004

OURY, J. TOSQUELLES, F.; GUATTARI, F. Pratique de l’institutionnel et politique. FeniXX, 1985.

TOSQUELLES, F. Uma política da loucura: e outros textos. Org. Anderson Santos. - São Paulo: sob influência edições, 2024.

Desafiando a tradição: As combatentes femininas na Revolução Espanhola

Ana Quézia Santos de Sousa (Universidade Federal da Bahia)

Resumo: O início da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) marca o estopim da Revolução Espanhola, um processo de transformação profunda da sociedade inspirado e protagonizado pelas forças anarquistas. Fruto de um acúmulo político construído ao longo de muitas décadas, esse contexto revolucionário possibilitou a materialização dos princípios de autogestão, igualdade e horizontalidade em inúmeras experiências de relações sociais de tipo novo. Uma das expressões dessas relações foi a dissolução do monopólio da força do Estado e a criação do Comitê de Milícias Antifascistas, que era composto por trabalhadores armados e organizados para defender a Revolução, atuando junto aos comitês das coletividades, e para combater diretamente as tropas nacionalistas. Ao estabelecer uma organização armada sobre novas bases sociais, a Revolução tornou possível o exercício de novas formas de poder, fora da estrutura tradicional dos exércitos regulares e forças policiais estatais. Diante desse cenário, um número significativo de mulheres se inseriu nas linhas de frente, almejando lutar pelos seus interesses lado a lado com seus companheiros de armas. A presença e a figura das milicianas logo se tornou um símbolo do fervor dos primeiros dias da Revolução, mas também um alvo de críticas e escárnio por parte de diferentes grupos políticos.

Assim, o presente trabalho almeja discutir a atuação das combatentes nas milícias antifascistas e os debates em torno da presença feminina nas frentes de batalha.

Palavras-chave: Guerra Civil Espanhola; Revolução Espanhola; História das Mulheres.

Bibliografia básica: ACKELSBERG, Martha A. Mulheres Livres: a luta pela emancipação feminina e a Guerra Civil Espanhola. São Paulo: Elefante, 2019.

BERGER, Gonzalo. Milicianas: La historia olvidada de las combatientes antifascistas. Madri: Arzalia Ediciones, 2022.

BERNARDO, João. Economia dos Conflitos Sociais. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BERNECKER, Walther L. Colectividades y revolución social: El anarquismo en la guerra civil española, 1936-1939. Barcelona: Editorial Crítica, 1982.

BROUÉ, Pierre; TÉMIME, Émile. The Revolution and the Civil War in Spain. Cambridge: MIT Press, 1970.

CASTORIADIS, Cornelius. A experiência do movimento operário. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ETCHEBÉHÈRE, Mika. Mi Guerra de España. Oviedo: Cambalache, 2014.

GRAHAM, Helen. The Spanish Civil War: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LINES, Lisa. Milicianas: Women in Combat in the Spanish Civil War. Lanham: Lexington Books, 2012.

NASH, Mary. Defying male civilization: Women in the Spanish Civil War. Denver: Arden Press, 1995.

NASH, Mary. Mujer y movimiento obrero en España 1931-1939. Barcelona: Fontamara, 1981.

NASH, Mary. Women in War: Milicianas and Armed Combat in Revolutionary Spain, 1936-1939. The International History Review, v. 15, n. 2, p. 269-282. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/07075332.1993.9640645. Acesso em 22 nov. 2025.

ROMERO SALVADÓ, Francisco J. A Guerra Civil Espanhola. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 2008.

RUS, Ana M. Milicianas: Mujeres republicanas combatientes. Madri: Catarata, 2018.

STROBL, Ingrid. Partisanas: La Mujer en la resistencia armada contra el fascismo y la ocupación alemana (1936-45). Barcelona: Virus, 1996.

O que Durruti ainda oferece ao anarquismo? Memória, Política e Estratégia aos 90 anos da Revolução Espanhola.

Matheus Sobrinho Fioramonte (Universidade Federal de Goiás)

Resumo: O presente trabalho visa discutir a relevância do anarquista Buenaventura Durruti e as possíveis contribuições para a organização das entidades de classe atuais e de seus sujeitos, bem como para o enfrentamento das questões políticas do século XXI. Para tanto, discute-se, em um primeiro momento, em diálogo com a obra de Abel Paz, a formação e atuação militante de Durruti ao longo de sua vida, sua participação e posição na CNT, a maneira como concebeu a prática anarquista e a luta de classes e, também, como contribuiu para um rompimento com a ordem capitalista. A seguir, é discutida sua construção histórica, simbólica e sua possível mitificação nas obras de Amorós, Catalán, Guillamón, Paz e Ealham, assim como as (re)construções da memória e os usos políticos de sua figura após sua morte. Por fim, desloca-se o debate para o presente, a fim de indagar sobre o que Durruti ainda pode oferecer ao anarquismo hoje, e que elementos de sua trajetória podem tensionar os debates sobre o capitalismo tardio e as formas modernas de dominação. Busca-se, portanto, identificar o que se herdou de Durruti na modernidade, o que se rejeitou e como os anarquistas e as organizações atuais o narram e interpretam. Assim, pretende-se também introduzir sugestões e novas chaves de interpretação, além de discorrer sobre outras possibilidades de leitura e análise do revolucionário.

Palavras-chave: Durruti; Revolução Espanhola; Anarcossindicalismo

Bibliografia básica: AMORÓS, Miquel. Durruti en el Laberinto. Barcelona: Vírus Editorial, 2014.

CASANOVA, Julián. (coord). Tierra y Libertad: Cien años de anarquismo en España. Barcelona: Crítica. 2012.

CORRÊA, Felipe. Bandeira Negra: Rediscutindo o Anarquismo. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

EALHAM, Chris. Class, Culture and Conflict in Barcelona 1898-1937. Londres: Routledge, 2005.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. O curto verão da Anarquia. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GARCÍA OLIVER, Juan. El eco de los pasos. Paris: Ruedo Ibérico, 1978.

GUILLAMÓN, Agustin. Durruti sin mito ni laberintos. Fundación Aurora Intermitente, 2022.

PAZ, A. Durruti en la revolución española. Madrid: Fundación de estudios libertarios Anselmo Lorenzo, 2016.

CATALÁN, R. M. Rumbo a Zaragoza. Crónica de la Columna Durruti. Huesca: Rasmia Ediciones, 2019.

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E ANARQUISMO 2

Quando a escrita nasce da vida coletiva: uma análise do letramento da Escuela Libre Paideia

Alan Pereira dos Santos (Universidade de São Paulo)

A pesquisa investiga a alfabetização na escola anarquista espanhola Escuela Libre Paideia. Fundada em 1978 na cidade de Mérida, constitui-se como uma das raras experiências libertárias em funcionamento. Desenvolve a educação de crianças e adolescentes a partir de valores como liberdade, apoio mútuo, cooperação e solidariedade, orientando o processo educativo segundo os interesses dos próprios estudantes. Nesse contexto, busca-se compreender como tais princípios se manifestam nas práticas de leitura e escrita, articulando o letramento à vida coletiva da escola.

Palavras-chave: educação anarquista; Escuela Libre Paideia; letramento.

Bibliografia básica: CAPELATO, Maria Helena Rolim. Ensino primário franquista: os livros escolares como instrumento de doutrinação infantil. Rev. Bras. Hist. 29 (57). Jun 2009.

CODELLO, Francesco. A Boa Educação: experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa de Godwin a Neill. São Paulo: Imaginário, 2007

KASSICK, Clovis Nicanor. A organização da escola libertária como local de formação de sujeitos singulares: um estudo sobre a escola Paidéia. 2002. 321 f. (Tese de Doutorado em Educação). Unicamp, 2002

LUENGO, Josefa Martin. Fregenal de la Sierra. Una experiencia de educación en libertad. Ed. Campo abierto. Madrid.

MORIYÓN, F. G. (Org.) (1989) Educação libertária. Porto Alegre, Artes Médicas.

OLMEDA, Alfredo. Josefa Martin Luengo y la pedagogía libertaria. Ed. La neurosis o las barricadas. Madrid, 2024

Horizontalidade e representação política no movimento secundarista: uma análise da auto-organização das escolas durante as ocupações

Téo dos Santos Melo

Resumo: No ano de 2015 o governo do Estado de São Paulo de maneira autoritária e sem debate prévio, “de cima para baixo”, impôs uma medida de reorganização escolar, que previa tanto deslocar estudantes de suas escolas e seus bairros como também fechar diversas unidades. A reação dos estudantes à medida, contou com o uso de diferentes táticas, até que então se viram sem outra opção que não ocupar as escolas. O presente trabalho tem por finalidade discutir e problematizar a seguinte contradição que se apresentou naquele movimento estudantil e ainda hoje é relevante: apesar da existência das entidades representativas institucionais, como a UMES, a UBES, a UNE, etc., aqueles estudantes optaram por se organizar de maneira independente a essas entidades, tensionando com elas. Nesse sentido, o trabalho busca compreender porque os estudantes em luta desenvolveram uma cultura política de recusa às lideranças e as representações institucionais, ainda que não recusassem o fazer político descolado delas; sobretudo por suas afinidades com as mobilizações de junho de 2013, com o referencial político-social dos movimentos estudantis de outros países (Chile e Argentina) e com referenciais teóricos do socialismo libertário. Por fim, entendemos que essa contradição tem sua raiz num problema organizativo e que remonta à disputa entre dois paradigmas da luta socialista: um dos quais precede da representação, da luta institucional e da burocracia estatal como possibilidade de mudança, e outro que precede justamente da auto-organização das classes oprimidas em luta, da autonomia e da democracia direta.

Palavras-chave: Movimento Secundarista; Ocupações; Organização.

Bibliografia básica: CORRÊA, Felipe. Bandeira Negra: rediscutindo o anarquismo. Curitiba, Editora Prismas, 2015.

CAMPO, A. M.; MEDEIROS, J.; RIBEIRO, M. M. Escolas de luta. São Paulo: Editora Baderna, 2016.

CATINI, C. R. E.E. CARLOS GOMES (CAMPINAS): escola de luta, 2015. Vídeo (5min17s). Disponível em: http://www.passapalavra.info/2015/11/106916. Acesso em: 13 jul. 2020.

COLOMBINI, F.; ALONSO, B. Lute como uma menina, 2016. Documentário (76min17s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA. Acesso em: 23 nov. 2019.

ORTELLADO, Pablo. A ocupação de escolas é o filho mais legítimo de Junho de 2013. Revista Instituto Humanitas Unisinos, [S. l.], 2015. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/555196-a-ocupacao-de-escolas-e-o-filho-mais-legitimo-de-junho-de-2013-entrevista-especial-com-pablo-ortellado. Acesso em: 15 jul. 2025.

O MAL-EDUCADO. Como ocupar um colégio?: manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. Disponível em: https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf. Acesso em: 2 nov. 2019.

PATTA, C. Contestando a ordem: um Estudo de Caso com secundaristas da Zona Leste Paulistana. São Paulo: USP, 2017.

SOARES, Anita Pompeia. As ocupações secundaristas de 2015: viver entre iguais no mundo da desigualdade. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI: 10.11606/D.48.2020.tde-11122019-180907. Acesso em: 2 maio 2024.

SPARROW, Rob. Política Anarquista e ação direta. São Paulo: Faísca, 2009.

STABELINI, A. M. O mundo público e a autogestão em Rosa Luxemburgo: uma análise do movimento das ocupações das escolas do estado de São Paulo em 2015. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

Paideia Escola Livre e uma Educação do Contra: pensar a organização escolar pela anarcopedagogia – um estudo de caso anarquista em Mérida (Espanha)

Luana Aparecida Moraes (Universidade Estadual de Maringá)

Marco Antônio de Oliveira Gomes (Universidade Estadual de Maringá)

Resumo: A chamada “Escola da Anarquia”, denominação atribuída por uma de suas fundadoras, Josefa Martín Luengo, tem origem em 1978 e permanece em atividade até os dias atuais, elemento que lhe confere significativa notoriedade. Sua longevidade revela a permanência de uma experiência contra-hegemônica em um campo marcadamente hegemônico: a sociedade capitalista. Trata-se da Escola Livre Paideia, localizada na cidade de Mérida, Espanha. Explicitamente autodeclarada anarquista, Paideia concretiza um dos principais pressupostos do anarquismo – a autogestão – e orienta sua prática pedagógica por princípios como liberdade individual no coletivo, igualdade e apoio mútuo, configurando-se como uma experiência de pedagogia antiautoritária e uma alternativa avessa à escola tradicional. As reflexões aqui apresentadas derivam de pesquisa de campo realizada in loco pela autora no ano de 2025, e integra uma das quatro únicas investigações dessa natureza já desenvolvidas no Brasil sobre a escola e que se encontra em desenvolvimento como tese de doutorado. A escassez de estudos nacionais evidencia o quanto a experiência ainda permanece pouco explorada no contexto acadêmico brasileiro, apesar de constituir um campo fecundo de práticas e reflexões capazes de inspirar outras formas de organização e de ação pedagógica. Considerada atualmente uma das principais referências no debate sobre educação anarquista, Paideia destaca-se como uma das raras experiências contemporâneas de escolas anarquistas em funcionamento. Nesse sentido, pode vir a deixar legados tão indeléveis quanto experiências históricas como A Colmeia, de Sébastien Faure (França), e a Escola Moderna de Barcelona, fundada por Francisco Ferrer y Guardia (Espanha). A pesquisa também sustenta, como tese, a defesa de uma Educação do Contra, isto é, uma educação contra-hegemônica, contra a alienação, contra a desumanização e contra barbárie.

Bibliografia básica: CONFEDERACIÓN Nacional del Trabajo. Anarquismo Básico. FAL, 2ª ed., Madrid, 2010.

COLOMBO, Eduardo. Análise do Estado: o Estado como paradigma de poder. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

COLOMBO, Eduardo. Anarquismo, obrigação social e dever de obediência. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2003.

FEDERAÇÃO Anarquista Francófona. O anarquismo hoje: um projeto para a revolução social. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário: Faísca, 2005.

GALLO, Silvio. O paradigma anarquista em educação. Revista Nuances, UNESP, vol. 2, out. 1996.

GALLO, Silvio. Anarquismo: uma introdução filosófica e política. 2. Ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

KASSICK, Clovis Nicanor. A organização da escola libertária como local de formação de sujeitos singulares: um estudo sobre a escola Paidéia. 315f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. UNICAMP: Campinas, São Paulo, 2002.

LENOIR, Hugues. Educar para emancipar. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário; Manaus: EDUA, 2007.

LENOIR, Hugues. Autogestão pedagógica e educação popular: a contribuição dos anarquistas. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editorial Intermezzo, 2017.

LIPIANSKY, Edmond Marc. A pedagogia libertária. Tradução de Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LUENGO, Josefa Martín. A Escola da Anarquia. Rio de Janeiro: Achiamé, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira (et. al.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.), Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLMEDA, Alfredo. Josefa Martín Luengo y la pedagogia libertária. La Neurosis o La Barricadas Ed., Madrid, 2024.

RAMUNDO, Walter Marcelo. A educação paralela: estudo comparado entre as figurações da Escola Moderna e a Escuela Libre Paideia. Orientadora: Profa. Dra. Alexandra Lima da Silva. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020.

SANZ, Maria Luísa Benítes; SÁNCHES, Miguel A. Martín. Escuela Libre PAIDEIA: la defensa por la educación em libertad y la autogestión educativa. Revista Educativa Hekademos, 15, año VII, junio, 2014, p.39-52.

Pedagogia da Ocupação: concepções pedagógicas nas escolas ocupadas em Goiás (2015–2016)

Isadora Malveira (Universidade Federal de Goiás)

Resumo: Em 2015, a Primavera chegou ao Brasil, com centenas de escolas de educação básica ocupadas em todo o país, repercussão internacional, mídia, comunidade, famílias, estudantes, artistas e demais setores da sociedade envolvidos nesse momento histórico, em que os estudantes tomaram suas escolas para si e, com isso, foram responsáveis por uma política e pedagogia próprias, criadas dentro da escola, que virou temporariamente casa. A proposta desta comunicação é analisar as práticas pedagógicas criadas e vividas dentro das escolas ocupadas em Goiás entre 2015-2016, nos atentando aos sentidos atribuídos à escola, às práticas pedagógicas vivenciadas durante o período de ocupação e às formas de autonomia política e educacional, articulando críticas à lógica empresarial da educação e reivindicando a escola como espaço de formação crítica e libertária. Partimos do princípio de que as ocupações foram mais do que atos políticos e práticas de luta, pois criaram, no processo da luta, novas formas de ocupar o espaço-tempo da escola, ocupando a pedagogia junto com a escola e criando o que chamamos aqui de Pedagogia da Ocupação (Gonçalves, 2017, p. 79). Dialogamos também com autores do campo do anarquismo e educação como Silva (2013; 2023); Branco (2021); Santos (2014) e Brito (2018); Santana (2023). Nas escolas ocupadas, os estudantes passam a viver dentro do espaço escolar, as novas regras são decididas em assembleia, de maneira coletiva, horizontal e autônoma entre os estudantes. É uma pedagogia criada na e durante a luta. Em uma escola ocupada, quem cozinha, limpa, planeja as atividades culturais, dá entrevistas, planeja manifestações e organiza assembleias são os estudantes. Eles passam a ser responsáveis por todo o funcionamento da escola, rompendo com a estrutura escolar tradicional, rejeitando hierarquias e criando suas próprias formas de organização coletiva, contrariando as políticas educacionais do Estado e a concepção pedagógica dominante. Autonomia, horizontalidade e autogestão são conceitos-chave para compreender o movimento de ocupações de escolas no Brasil entre 2015-2016. É importante adicionar na discussão como esses termos também foram apropriados e deturpados por entidades, fundações e ONGs ligadas a empresários e políticos (Silva, 2023). Ocupar uma escola é

uma ação direta, portanto carrega em si não somente o objetivo imediato da luta - no caso de Goiás - barrar um projeto de terceirização do ensino público estadual - mas também cria formas de se relacionar e viver a utopia no presente (Graeber, 2009). Através de uma análise bibliográfica, bem como alguns materiais produzidos pelos estudantes, pretendemos abordar a ideia desta Pedagogia da Ocupação, pois, ainda que as ocupações tenham durado um curto período de tempo, muitas delas por menos de três meses, elas produziram experiências pedagógicas e políticas que permitem pensar outras formas de organização da vida escolar e da produção do conhecimento, além de produzir ecos, que ainda não sabemos onde irão chegar.

Palavras-chave: Ocupações estudantis; Pedagogia da Ocupação; Educação libertária.

Bibliografia básica: BRANCO, João Francisco Migliari. Barricadas em tempos de desastre: autonomia e educação comunitária em Oaxaca. Marília: Lutas Anticapital, 2021.

BRITO, Luciana Ribeiro de. “Você fecha minha escola e eu tiro o seu sossego”: ocupações secundaristas e movimento estudantil. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CAMPOS, Antonia Malta; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio Moretto. Escolas de luta. São Paulo: Veneta, 2016.

CARNEIRO, Silvio. Ocupar, resistir e a luta nas redes sociais. Comunicações, v. 24, n. 2, p. 137–150, 2017.

CUNHA, João Batista Coelho. Educação, juventudes e participação política: os sentidos atribuídos pelos jovens à ocupação de escolas em Goiás entre 2015 e 2016. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019.

DIAS, Matheus Felipe Gomes. As ocupações secundaristas em Goiás: o avanço da violência institucional e o limite da tática de reivindicação. Revista Avesso: Pensamento, Memória e Sociedade, v. 2, n. 1, p. 1–19, 2021.

DUARTE, Marcilon. Resistência do movimento estudantil ao contrato de gestão pelas organizações sociais na educação do estado de Goiás. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Felipe Silva de. “Eu voltava revoltado pra casa por não ficar mais tempo no colégio”: as ocupações secundaristas em Anápolis-Goiás, cultura escolar e consciência histórica. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

GONÇALVES, Matheus Alves Silva. “Pela causa da democracia que sempre defendeu”: a luta contra as OSS na educação de Goiás e a atuação dos veículos de imprensa. História Social, v. 19, n. 27/28, p. 615–653, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5292. Acesso em: 15 set. 2025.

MALVEIRA, Isadora; MARRA, Juliana. A caracterização do sublime no filme Seja realista, exija o impossível. In: MESQUITA, Deise (org.). Escola de educação básica para todos: volume IV. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019. p. 55–68.

SANTANA, Guilherme Xavier de. Nossa escola, nossas regras: uma análise libertária das ocupações de escolas. 2023. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SANTOS, Luciana Eliza dos. A educação libertária e o extraordinário: traços de uma pedagogia (r)evolucionária. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014

Entre as Rachaduras da Democracia Escolar: as tensões e contribuições da Pedagogia Libertária frente à gestão da educação

Vinicius Bonin Alves (Universidade Federal do Paraná)

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo sistematizar as concepções de gestão escolar existentes na Pedagogia Libertária, a modo compreender seus pressupostos basilares e internamente divergentes, a fim de evidenciar suas posições e contribuições frente ao campo da Gestão Escolar Democrática. Parte-se da constatação de que, embora haja ampla produção sobre práticas pedagógicas libertárias, permanece pouco sistematizada a reflexão específica sobre gestão escolar a partir dessa perspectiva. O problema de pesquisa consiste em compreender de que modo as concepções de gestão escolar da Pedagogia Libertária, em seus consensos e dissensos internos, se situam no campo da Gestão Escolar Democrática. O referencial teórico fundamenta-se na tradição da teoria social libertária vinculada

ao anarquismo social, compreendendo o anarquismo como movimento social organizado e integrante do socialismo libertário. A Pedagogia Libertária é compreendida como um campo pedagógico plural, baseada em princípios libertários diversos, que se expressa na vertente "não-diretiva", ancorada em teóricos libertários de diferentes matrizes, e na vertente "maisntream", que se ancora na ideologia e no movimento histórico do anarquismo (Gallo, 1996). Vertentes essas que, por sua vez, expressam concepções políticas e pedagógicas consensuais ou dissensuais, o que se pretende investigar diante da democracia escolar. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem teórico-bibliográfica, articulando a análise de autores clássicos e contemporâneos da Pedagogia Libertária — como Paul Robin, Sébastien Faure e Ferrer y Guardia — e do pensamento anarquista — como Bakunin e Bookchin — com um levantamento sistemático da produção acadêmica brasileira sobre e a partir dessa corrente do pensamento pedagógico. O levantamento bibliográfico fora realizado no portal de periódicos CAPES, com critérios de seleção que privilegiam trabalhos que abordam diretamente a Pedagogia Libertária, permitindo identificar concepções, práticas e disputas internas relativas à gestão escolar. A partir da sistematização dessas concepções, o estudo realiza um confronto analítico com os "conceitos fundamentais de democracia", conforme propostos por Renata Finatti (2021), tomando-os como referencial para situar a gestão escolar libertária no interior do campo da gestão escolar democrática, buscando aproximações, distanciamentos, tensões e limites entre as concepções libertárias de gestão e os pressupostos democráticos predominantes no campo. Ao final, o trabalho pretende contribuir para o aprofundamento teórico da gestão escolar democrática, explicitando o lugar ocupado pela gestão escolar libertária, bem como suas potencialidades e contradições enquanto perspectiva crítica de organização e gestão da escola.

Palavras-Chave: Pedagogia Libertária; Gestão Escolar Democrática; Anarquismo.

Bibliografia básica:

BOOKCHIN, Murray. Anarquismo social ou anarquismo de estilo de vida: um abismo intransponível. 1995. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/murray-bookchin-anarquismo-social-ou-anarquismo-de-estilo-de-vida-um-abismo-intransponivel>. Acesso em: 20 de jan. de 2026.

CORRÊA, Felipe. Bandeira negra: rediscutindo o anarquismo. Curitiba: Prismas, 2015.

FINATTI, Renata Riva. Do discurso ao compromisso legal: a democracia da gestão da educação pública brasileira normatizada a partir do Plano Nacional de Educação 2014-2024. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <ttps://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/72797>. Acesso em: 20 de jan. de 2026.

GALLO, Sílvio. Pedagogia libertária: princípios político-filosóficos. In: PEY, Maria Oly (org.). Educação Libertária: textos de um seminário. Rio de Janeiro; Florianópolis: Achieamé/Movimento, 1996.

MORIYÓN, Félix García (org.). Educação libertária. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS, AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS, TERRITÓRIOS, ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE EM PERSPECTIVA ANARQUISTA

Federalismo, mutualismo e colonialidade do poder: o caso da resistência quilombola em Alcântara/MA ao programa espacial brasileiro.

Artêmio Macedo Costa (Universidade Estadual do Maranhão)

O atual cenário político internacional traz alguns dilemas a serem questionados de maneira incisiva por conta dos perigos do avanço da extrema direita, principalmente com o presidente dos EUA, Donald Trump, surgindo como um interventor contumaz de uma "nova ordem" buscando uma retomada de hegemonia no sistema-mundo com um imperialismo estabelecido pela chantagem econômica e força militar. É incontestável o poder bélico dos EUA, principalmente nessa nova fase tecnológica espacial que Donald Trump busca consolidar um plano de controle territorial continental para obstinar o programa de defesa chamado "Domo de Ouro". No Brasil, o estado brasileiro ambiciona fazer parte dos países que detém a tecnologia completa espacial e para isso em 2019 na época do primeiro governo Trump assinou com o então presidente Jair Bolsonaro o Acordo de Salvaguardas Tecnológicas (AST) e homologado pelo Congresso Nacional, sendo este mesmo acordo anteriormente em 2003 arquivado através de uma grande mobilização nacional dos movimentos sociais no Fórum Social Mundial com um Plebiscito por

constituir um perigo de perda de soberania nacional. A atual conjuntura de desmobilização dos movimentos sociais levou um processo de falta de percepção dos perigos oriundos a este acordo muito sensível por conter elementos estratégicos para além do mercado espacial pretendido pelo Brasil. O AST impulsionou uma grande tensão de controle territorial por parte do estado brasileiro pretendendo expandir o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) em território quilombola no município de Alcântara/MA. Submetidos a um processo de desestruturação territorial de "uso comum" pelo Programa Espacial Brasileiro (PEB) com a instalação do CLA nos fins da Ditadura Civil-Militar em 1980, as comunidades quilombolas do município de Alcântara do estado do Maranhão, 07 comunidades quilombolas foram deslocadas compulsoriamente de seus territórios étnicos dentro do paradigma da "colonialidade do poder". Recentemente (2024) o estado brasileiro foi julgado e condenado em instância internacional pelo Comitê Interamericano de Direitos Humanos (CIDH) e definiu que as comunidades quilombolas tivessem efetivamente sua titulação territorial entregue como forma de reparação histórica, além de não buscarem nenhum meio de expansão em novos espaços territoriais quilombolas pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que dá autonomia às comunidades quilombolas de serem primeiramente consultadas através de um protocolo caso haja algum projeto de grande vulto que possa afetar seus meios de vida tradicional de "uso comum" que tem uma constituição muito semelhante ao modelo "mutualista e federalista proudhoniana". A partir desse princípio de luta histórica em território quilombola que agregaram "ações diretas" como da tentativa de expansão do CLA em 2008 ainda no governo Lula, e a atual vitória através de articulações internacionais no âmbito jurídico, o protagonismo das comunidades quilombolas organizadas pelas entidades que as compõem - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR); Movimento dos Atingidos pela Base de Alcântara (MABE); Movimento de Mulheres Trabalhadoras de Alcântara (MOMTRA); Associação Territorial Quilombola de Alcântara (ATEQUILA) – ressaltam a importância do combate deste modelo neoliberal transnacional do Programa Espacial Brasileiro (PEB) e de dominação estabelecida pela atual política imperialista de Trump no sistema-mundo.

Palavras-chave: Comunidades quilombolas; federalismo/mutualismo; Colonialidade do poder

Bibliografia básica:

AST. Acordo de Salvaguardas Tecnológicas, 2019.

https://www.gov.br/aeb/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/acordo-de-salvaguardas-tecnologicas/ast.pdf

Castro, Edna; Pinto, Renan Freitas. Decolonialidade e sociologia na América Latina. – Belém: NAEA: UFPA, 2018.

Chomsky, Noam. Hegemonía o supervivencia. El dominio mundial de EEUU. – Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2004.

Costa, Artêmio Macedo. "PELOURINHO TECNOLÓGICO": a expansão do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) no contexto do Novo Imperialismo. Dissertação defendida em 30/09/2019. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional (PPDSR) da Universidade Estadual do Maranhão. https://drive.google.com/file/d/1XFCh1gF8qMMzLTe4yNkN05kiayIrhFod/view?usp=sharing

Cruz, Paulo Márcio. Da soberania à transnacionalidade: democracia, direito e estado no século XXI. – Itajaí, SC.: Univali, 2014.

Dallabrida, Valdir Roque. Teorias do desenvolvimento – Aproximações teóricas que tentam explicar as possibilidades e desafios quanto ao desenvolvimento de lugares, regiões, territórios ou países. Curitiba: CVR, 2017.

Ferreira, A. C.; Toniatti, T. B. De baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin. – Niterói: Alternativa, 2014. https://nep-lmts.org/publicacoes-2/loja-e-book-colaborativa/

Ferreira, Andrey Cordeiro. [et al.]. A classe por si: Teoria econômica e política em Proudhon e no proudhonismo. – Revista Digital em Debate, UFSC, 2015. https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/1980-3532.2014n11p4

_____. Pensamento e práticas insurgentes: anarquismo e autonomias nos levantes e resistências do capitalismo no século XXI. – Niterói: Alternativa, 2016.

_____. Anarquismo Anticolonial. Ed. Adandé. Livro digital. – Niterói: Alternativa, 2018. https://editorialadande.wordpress.com/2018/12/19/anarquismo-anticolonial/

Leite, Ilka Boaventura (Org.). TERRAS E TERRITÓRIOS DE NEGROS NO BRASIL. Textos e Debates. Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas. – UFSC, ano I, n.º 2, 1990.

Monserrat Filho, José. Direito e Política na Era Espacial. Ed. Vieira Lent, 2007.

PDI-CEA. Programa de Desenvolvimento Integrado para o Centro Espacial de Alcântara. Comitê de Desenvolvimento Integrado para o Centro Espacial de Alcântara. Agência Espacial Brasileira – Brasília: AEB, 2022.

https://www.gov.br/aeb/pt-br/programa-espacial-brasileiro/politica-organizacoes-programa-e-projetos/programa-de-desenvolvimento-integrado-para-o-centro-espacial-de-alcantara-2013-pdi-cea

PNAE. Programa Nacional de Atividades Espaciais – 2012-2021. Acessado pelo link - http://www.aeb.gov.br/wp-content/uploads/2013/03/PNAE-Portugues.pdf

PNAE. Programa Nacional de Atividades Espaciais – 2022-2031. Agência Espacial Brasileira. – Brasília: AEB, 2023 - https://www.gov.br/aeb/pt-br/programa-espacial-brasileiro/politica-organizacoes-programa-e-projetos/programa-nacional-de-atividades-espaciais

Pereira, Aniceto Araújo et alii. Lutas em memória: a luta pela 'terra' reforçada pela luta em defesa dos 'territórios' quilombolas / Aniceto Araújo Pereira, Dorinete Serejo Morais, Marcos Antônio Pinho Diniz, Samuel Araújo Morais; Cynthia Carvalho Martins, Patrícia Maria Portela Nunes org; Alfredo Wagner Berno de Almeida, ed – Rio de Janeiro: Casa 8, 2016.

Pereira Júnior, Davi. Quilombos de Alcântara: Territórios e Conflitos - Intrusamento do território das comunidades quilombolas de Alcântara pela empresa binacional, Alcântara Cyclone Space. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

Proudhon, Pierre-Jhoseph. Do Princípio Federativo. São Paulo : Nu-Sol : Imaginário, 2001.

_____. Filosofia da Miséria ou Sistema das contradições econômicas. Tomo I. Ed. Escala, 2007

_____. Filosofia da Miséria ou Sistema das contradições econômicas. Tomo II. Ed. Escala, 2007

_____. Solução do Problema Social. – São Paulo (SP): Intermezzo : Edusp, 2015

_____. Do Princípio de Autoridade. – São Paulo (SP): Intermezzo, 2017

_____. Da Justiça na Revolução e na Igreja. Filosofia, Justiça e "Politécnica da Aprendizagem". – São Paulo (SP): Intermezzo, 2019

Quijano, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. CLACSO, 2005. http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

Rugai, Ricardo Ramos. O socialismo como crítica da Economia Política: as questões econômicas na obra de Proudhon (1838-1847). Tese – São Paulo, 2011. https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-11012012-142123/pt-br.php

A Construção Discursiva da Autodeterminação Indígena nas Notas e Alertas da APIB (2025–2026)

Leonardo Lima Günther

Orivaldo Nunes Júnior

Resumo: Este ensaio apresenta resultados parciais de uma pesquisa iniciada em 2018 dedicada ao estudo de formas contemporâneas de produção e organização do conhecimento indígena em diálogo com perspectivas anarquistas. Dando continuidade a esse percurso investigativo, o trabalho concentra a análise em outro ator relevante da luta indígena no Brasil: a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). O método adotado consiste em levantamento documental das publicações disponíveis no site da APIB, especificamente na seção Notas e Alertas. O recorte temporal considerado abrange um ano, entre o Acampamento Terra Livre (ATL) realizado em abril de 2025 e a edição prevista para ocorrer entre os dias 6 e 11 de abril de 2026. A partir desse conjunto de documentos, busca-se examinar como a APIB constrói discursivamente a luta pela autodeterminação dos povos indígenas no Brasil nesse intervalo temporal. Para isso, o estudo mobiliza referências da teoria libertária e dialoga com reflexões formuladas por povos indígenas que criticam pressupostos do pensamento político europeu. Tais críticas influenciaram debates sobre liberdade, igualdade e sobre a possibilidade de formas de organização social que não dependem de estruturas estatais centralizadas. Diversas teorias políticas modernas foram elaboradas para justificar a existência do Estado, sustentando que os seres humanos em um suposto estado de natureza representariam ameaça permanente uns aos outros. Em contraste, experiências sociais e cosmológicas de diferentes povos indígenas evidenciam formas de organização baseadas em relações comunitárias, reciprocidade e autonomia territorial. Nesse sentido, o pensamento anarquista oferece ferramentas conceituais para refletir sobre práticas sociais não estruturadas por hierarquias centralizadas, destacando princípios como autogestão, apoio mútuo e organização comunitária. A análise das Notas e Alertas publicadas pela APIB buscará identificar os principais temas abordados no período estudado e compreender quais prioridades políticas e urgências os povos indígenas procuram comunicar à sociedade

não indígena. A luta indígena é compreendida aqui não apenas como reivindicação dirigida ao Estado, mas como prática cotidiana de autonomia territorial, autogoverno e resistência frente ao colonialismo, à evangelização e às dinâmicas do capitalismo contemporâneo. Nesse contexto, o território assume papel central, pois constitui espaço vivido de reprodução material, cultural, social e espiritual, configurando expressão concreta de autonomia coletiva e comunalidade. Além das dimensões territoriais e políticas, o estudo considera também as formas próprias de produção e organização do conhecimento mobilizadas pelos povos indígenas em seus processos de luta. Práticas culturais, narrativas e registros de memória difundidos pela APIB podem ser compreendidos como epistemologias próprias que desafiam modelos hierárquicos de organização do saber. Ao articular autodeterminação indígena, epistemologias próprias e teoria anarquista, o trabalho busca contribuir para debates libertários contemporâneos ao evidenciar práticas concretas de produção de conhecimento, memória coletiva e resistência territorial desenvolvidas pelos povos indígenas no Brasil contemporâneo e refletidas nos documentos analisados neste estudo acadêmico sobre discurso político indígena contemporâneo no Brasil recente e suas implicações para teoria política libertária atual.

Palavras-chave: autodeterminação indígena; anarquismo; epistemologias indígenas.

Bibliografia básica: BOOKCHIN, Murray. Ecologia social e outros ensaios. (Organização e prefácio Mauro José Cavalcanti). Rio de Janeiro : Achiamé, 2010.

CAPELLETTI, Angel J. La ideologia anarquista. Ed. Libros de la Araucaria, Espanha, 2006.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado.

CORRÊA, Felipe. Poder, dominação e autogestão. Originalmente publicado em 2011 no site anarquismo.net. Disponível também em https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/2013/09/16/poder-dominacao-e-autogestao/ .

DA FONSECA MATEUS, J. G. O Conceito de "Liberdade" em Mikhail Bakunin. Revista Espaço Livre, Goiânia, v. 6, n. 11, p. 16–24, 2021. Disponível em: http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/476.

DANTON, José Antonio Gutierrez. Problemas e Possibilidades do Anarquismo. Faísca Publicações Libertárias, São Paulo, 2011.

FERREIRA, Andrey Cordeiro; TONIATTI, Tadeu Bernardes de Souza, org. De baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhael Bakunin : Niterói, Alternativa, 2014.

GRAEBER, David; WEGRON, David. O despertar de tudo : uma nova história da humanidade. 1ª Ed. São Paulo, Cia das Letras, 2022.

GÜNTHER, L.L. Ativando nós: organização do conhecimento indígena e inteligência artificial. Ensaio apresentado na disciplina Aspectos Epistemológicos da Organização do Conhecimento, UFSC, 2018.

LIMA, Nabylla Fiori; CARVALHO, Alysson Eduardo Aquino de. Para além da autogestão: a construção de uma subjetividade solidária no movimento anarquista. CONGRESSO DE PESQUISADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2, 2018, São Carlos. Anais… São Carlos: Diagrama Editorial, 2018. Disponível em <http://conpes.ufscar.br/anais-ii-conpes>. Acesso em: 01 Mar. 2022.

MBAH, Sam. Anarquismo africano: a história de um movimento [recurso eletrônico] / Sam Mbah & I. E. Igariwey; tradução Pedro Gomes de Souza Barros; prefácio Alessandra C. Moraes — Rio de Janeiro : Rizoma, 2018.

MONTEBELLO, Natalia Monzón. Federalismo e autogestão: anarquismo - Proudhon, Guerra Civil Espanhola. Tese de Doutorado Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, 2009.

SALES, R.; GOMES, G. K. ; GUNTHER, L. L. . Falas de saberes e conhecimentos Guarani: uma escuta intercultural para a organização do conhecimento. In: Rodrigo de Sales. (Org.). Confluências nas margens do conhecimento: outras paisagens nos campos da informação. 1ed.Florianópolis: Rocha; Nyota, 2025, v. 1, p. 117-142.

TAIBO, Carlos. Anarquistas de ultramar. anarquismo, indigenismo, descolonización. Los libros de la Catarata, Madrid, 2018.

Okupaciones urbanas y luchas en (por) la ciudad en el contexto de la patrimonialización neoliberal; una mirada al Centro Comunitario Okupado Hormiguero

Juan Pablo Riveros

Isabel valle

Resumo: Desde la declaratoria de parte de la comuna de Valparaíso como Patrimonio de la Humanidad en 2003, se han configurado profundas transformaciones socioespaciales impulsadas por dispositivos narrativos, normativos y urbanísticos de carácter neoliberal. Estos procesos han favorecido dinámicas de acaparamiento de suelo urbano, segregación espacial y expulsión social, estrechamente vinculadas a la gentrificación y la turistificación del espacio patrimonializado. En este contexto, han emergido diversas experiencias de apropiación informal de inmuebles y espacios urbanos abandonados orientadas al desarrollo de proyectos colectivos y comunitarios con fuerte arraigo territorial. Entre ellas destaca el Centro Comunitario Okupado Hormiguero, existente desde 2012 en un inmueble de propiedad de la transnacional Walmart, el cual se ha constituido como una experiencia significativa de organización territorial y producción de lo común en la ciudad puerto. Este trabajo tiene por objetivo analizar las okupaciones urbanas como prácticas espaciales de resistencia frente a la patrimonialización neoliberal, poniendo énfasis en su capacidad de disputar los sentidos hegemónicos de la ciudad y de materializar ejercicios concretos de reivindicación del derecho a la ciudad. Metodológicamente, la investigación combina el análisis de datos secundarios con una autoetnografía situada, reconociendo el involucramiento directo del investigador en el proceso estudiado. Desde una geografía urbana crítica de carácter militante y con intención anarquista, se argumenta que la experiencia del Centro Comunitario Okupado Hormiguero no solo cuestiona la mercantilización del patrimonio y la especulación del suelo urbano, sino que también produce y legitima narrativas contrahegemónicas que proponen formas no mercantilizadas, colectivas y autónomas de construir y habitar la ciudad.

A ação direta de territórios quilombolas contra o monocultivo de soja: um relato do caso de Tanque da Rodagem e São João no Estado do Maranhão.

Lenora Conceição Mota Rodrigues (Comissão Pastoral da Terra)

Rafael Barra Amador (Universidade Estadual Paulista)

Samarone Carvalho Marinho (Universidade Federal do Maranhão)

Resumo: A luta por permanência de povos e populações locais em terras no Estado do Maranhão tem, em muitos casos, convocado o principio da ação direta como mecanismo de resistência em face do avanço dos monocultivos de soja. Os territórios quilombolas de Tanque da Rodagem e São João, localizados no município de Matões, na região leste do Maranhão, em articulação com o Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM) e com a Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão, protagonizam uma luta constante contra as violações impostas por empreendimentos do agronegócio. No caso desses territórios, a expressão mais evidente do uso da ação direta como estratégia central de mobilização foi a construção de barricadas durante os meses de setembro e outubro do ano de 2021 para fechar a rodovia MA-262 que corta o território de Tanque da Rodagem em resposta a invasão de tratores de latifundiários da soja que destruíram a mata nativa por meio da técnica de "correntão". Essa ação direta foi seguida de outra, a articulação do "acampamento reviver Fátima Barros", nome dado em homenagem a líder quilombola Fátima Barros, educadora e uma das principais vozes do movimento quilombola do Estado do Tocantins, que faleceu por Covid-19 em abril de 2021. O acampamento colaborou com o processo de formação do espaço de assembleias e de reuniões dos territórios quilombolas. Juntamente com os bloqueios dos meses de setembro e de outubro daquele ano, a montagem do acampamento não foi um ato isolado, mas sim, via ação direta, foi a materialização do apoio mútuo. Àquele período de ocupação contra fazendeiros da região, por meio de relatos de integrantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT) que presta serviços a esse territórios, verificou-se que a cada quinze dias, caravanas de quebradeiras de coco babaçu, de quilombolas, de povos indígenas (Tremembé, Akroá Gamella, Krenyê) articuladas com MOQUIBOM e com a Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão, se revezavam para manter a luta viva, focando em "reviver" as áreas através de plantio de árvores e exercitando na prática cotidiana conceitos de autogestão e solidariedade orgânica contra a grilagem de suas terras. A partir desse relato, pode-se mediar, e resgatar, a conceituação clássica de ação direta feita por Voltairine de Cleyre. A pensadora libertária vê a ação direta como uma prática universal e histórica, definida como a intervenção direta dos interessados na solução de um conflito, sem delegar a outros (como políticos, leis ou autoridades constituídas) a tarefa de agir em seu nome. O cerne dessa ação, tende a ganhar a cooperação e colaboração de outras pessoas e/ou grupos. O caso dos quilombos Tanque da Rodagem e São João ilustra essa dinâmica que, diante da destruição iminente de seus territórios por tratores e homens a mando de fazendeiros e da morosidade do Estado, as comunidades recorreram, nos meses de setembro e outubro de 2021, à ação direta: 1) ocupando e bloqueando a rodovia MA-262, impedindo fisicamente o avanço dos tratores e jagunços; 2) articulando o acampamento "Fátima Barros" que serviu de ponto de vigília, proteção mútua e articulação política autônoma; e 3) promovendo auto-

organização e solidariedade a partir da articulação horizontal com outros quilombos e povos tradicionais por meio do MOQUIBOM e da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão.

Palavras-chave: Ação Direta. Resistência. Territórios quilombolas (Tanque da Rodagem e São João-Maranhão)

Bibliografia básica: CLEYRE, Voltairine de. A ação direta e outros escritos. Tradução: Mariana Lins. São Paulo: Hedra, 2023.

KROPOTKIN, Piotr. El apoyo mutuo: un fator de la evolución. 3. Ed. Móstololes, España: Ediciones Madre Tierra, 1989.

MARCOS, Sylvia. Mujeres, indígenas, rebeldes, zapatistas. San Cristobal de las Casas, Chiapas/México: Ediciones Eón, 2013.

SPRINGER, Simon. Las raíces anarquistas de la geografía: Hacia la emancipación espacial. Traducción: Gerónimo Barrera de la Torre. Ciudad de México: UNAM, Instituto de Geografía: 2019.

Anarquismo Negro e decolonialidade: um debate

Inayandre Da Rosa Tavares

Resumo: O presente trabalho analisa as contribuições do anarquismo negro, em especial nas obras de Ashanti Alston e Lorenzo Kom'boa Ervin, para o debate decolonial latino-americano, tomando como contraponto a formulação de Aníbal Quijano sobre a colonialidade do poder. O problema que orienta a pesquisa consiste em compreender em que medida a crítica produzida pelo anarquismo negro não apenas converge com a denúncia da colonialidade, mas também a aprofunda ao dirigir um ataque mais frontal ao Estado, às hierarquias políticas e às formas verticais de organização. Sustenta-se que, em Alston e Kom'boa Ervin, a opressão racial, a exploração capitalista e a dominação estatal compõem uma mesma engrenagem histórica, razão pela qual a emancipação negra não pode ser pensada nos marcos da autoridade centralizada ou da captura institucional das lutas. Em diálogo com Quijano, argumenta-se que a colonialidade do poder permite apreender a permanência de classificações raciais e de padrões de mando herdados da modernidade colonial; contudo, o anarquismo negro acrescenta a essa crítica uma elaboração mais radical acerca da necessidade de formas horizontais de organização, autogestão comunitária, apoio mútuo e recusa das mediações estatais. A hipótese central do trabalho é que o anarquismo negro tem muito a contribuir para a perspectiva decolonial, pois desloca a crítica do eurocentrismo para um horizonte político mais contundente, no qual a superação da colonialidade exige igualmente a superação das estruturas estatais e autoritárias que reproduzem a subalternização dos povos racializados. Desse modo, a comparação entre Alston, Kom'boa Ervin e Quijano permite evidenciar que o anarquismo negro não é apenas um campo de resistência, mas também uma fonte decisiva para a formulação de práticas emancipatórias radicalmente anticoloniais e antiautoritárias.

ANARQUISMO, TRABALHO, CLASSE E SINDICALISMO

El anarquismo en México

Eduardo Román Morales

Resumo: El objetivo de este trabajo es ofrecer algunos datos, especialmente a los jóvenes, para que analicen y participen activamente en los movimientos sociales por sus propias reivindicaciones y las de toda la clase trabajadora. Hay que cubrir esos amplios de la historia de México que se encuentran llenos de ejemplos de lo que se puede hacer como ciudadanos, como rebeldes con causa, como mexicanos y como ciudadanos del mundo. Nuestra historia no es como la pintan, si en verdad se desea participar en la solución de los grandes problemas nacionales debemos indagar, saber lo que hay y lo que hace falta. Sin estudio, información, cultura no podremos ser cómo ellos, y cómo otros. No acepten ser de tal o cual bando como una secta, no se acepten que les digan generación de cristal, no sean insensibles a nuestra trayectoria. Tenemos la posibilidad de aprovechar la historia que nos han legado.

Djalma Fettermann: a trajetória do incansável anarquista gaúcho e suas contribuições para o operariado brasileiro

Manoel da Conceição Ribeiro (Universidade Estadual do Norte Fluminense)

David Luiz Mendonça Wigg (Grupo Autônomo Interdisciplinar de Agroecologia - GAIA)

Amanda Alves Mathias (Universidade Federal da Fronteira Sul; Grupo Autônomo Interdisciplinar de Agroecologia - GAIA)

Camila Pauletti Ribeiro (Universidade Federal da Fronteira Sul)

Resumo: Este artigo visa ressaltar sinteticamente a trajetória do militante anarquista Djalma Fettermann, desde sua contribuição na educação da classe trabalhadora gaúcha e, posteriormente carioca, participando ativamente de organizações operárias e atuando diretamente no fortalecimento da classe operária. A pesquisa é de cunho qualitativo, onde foram utilizados como fontes para pesquisa: monografias, dissertações, livros, Diários Oficiais e periódicos digitalizados da época. Buscou-se elencar os principais feitos da trajetória de luta e atuação desse militante anarquista e sua imprescindível importância para o anarquismo e para o movimento operário, com suas contribuições no campo da educação libertária, no fortalecimento da classe trabalhadora, no combate contra a carestia de vida e na defesa das greves. Trazer o histórico de vida desse militante e suas contribuições para o momento atual poderá ser um interessante estudo e reflexão para o fortalecimento da classe trabalhadora/estudantil contemporânea, considerando toda a violência e repressão que atualmente ainda ocorre em nosso país, com ascensão da extrema direita nazifascista na política. Sobretudo, demando, ainda, muita luta combativa na defesa das liberdades civis, em movimentos por direitos trabalhistas e debates sobre criminalização de movimentos sociais, entendendo que a luta de Djalma Fettermann não sobrevive como um movimento de massa, mas como uma contra cultura política em busca de valorização da organização de base, educação como instrumento de libertação dos sujeitos, a manutenção da desconfiança do poder concentrado e centralizado e na defesa da autogestão.

Palavras chave: Anarquismo; Educação Libertária; Movimento Operário.

Bibliografia básica: BILHÃO, Isabel Aparecida. Família e movimento operário: A anarquia dentro de casa. Estudos Ibero-Americanos, volume 22. Nº2. Revista do departamento de História. Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1996.

MARÇAL, João Batista. Os Anarquistas no Rio Grande do Sul; anotações bibliográficas, textos e fotos de velhos militantes da classe operária gaúcha. Unidade Editorial. Porto Alegre, 1995.

SILVA, Robledo Mendes da. A influência de Élisee Réclus na educação operária no Brasil: das Ciências Naturais à Educação Integral. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

VIEIRA, Daniele Machado. Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

Autonomia radical sindicalista: estudo de caso da Terra Liberta e de sua relação com o Estado

Pablo Magno Hernandez Gomes de Moraes

Resumo: Desde 2021, a Organização Popular Terra Liberta representa uma força transformativa no estado do Ceará. Trazendo o sindicalismo revolucionário para o âmbito das lutas comunitárias, representou um marco significativo nos desenvolvimentos recentes de movimentos populares autônomos no Brasil. Sua práxis, de inspiração anarquista, logo a diferenciou de outros movimentos de luta por terra e moradia, com vínculos partidários e institucionais. Este artigo surgiu a partir de entrevistas conduzidas em 2025 com três militantes da organização, buscando compreender o seu processo de formação e sua relação com outros movimentos e partidos. Atenção especial foi conferida às campanhas em defesa das comunidades Carlos Marighella, em Fortaleza, e Nestor Makhno, em Massapê, por meio da ocupação de sedes partidárias ligadas aos governos municipal (PDT) e estadual (PT), respectivamente. Analisando essa trajetória, a partir de diferentes conceitos de autonomia entre movimentos sociais, foi possível concluir que a Organização Popular Terra Liberta, com a ferramenta do sindicalismo revolucionário, aplicada às lutas comunitárias, conseguiu, no período analisado, equilibrar um horizonte ideológico radical com demandas materiais imediatas. Em contraste a organizações partidárias ou reformistas, as moradias populares não foram conquistadas, a curto prazo, pelo alinhamento eleitoral a políticos de esquerda, mas sim pela antagonização e constrangimento dessas figuras.

Conclui-se que o repertório empregado tem muito a revelar sobre as possibilidades dos movimentos populares autônomos e, mais especificamente, da presença anarquista em organizações de massa no Brasil de hoje.

Palavras-chave: sindicalismo revolucionário; movimentos sociais; autonomia;

Bibliografia básica: BOOKCHIN, Murray. The Ghost of Anarcho-Syndicalism. 1992. Disponível em: https://theanarchistlibrary.org/library/murray-bookchin-the-ghost-of-anarcho-syndicalism. Acesso em: 08, mar, 2026.

NASCIMENTO, Selmo. Greves e lutas insurgentes: a história da AIT e as origens do sindicalismo revolucionário. 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

OLIVEIRA, Gustavo; DOWBOR, Monika. 2023. Dinámicas de acciones autónomas de los movimientos sociales. De la negación a la construcción más allá, a pesar y con el Estado. In: Movimentos sociais e autonomias: imaginação, experiências e teorias na América Latina. Marília: Lutas Anticapital, p. 167-201

TATAGIBA, Luciana. 2010. Desafios da relação entre movimentos sociais e instituições políticas: o caso do movimento de moradia da cidade de São Paulo-primeiras reflexões. Colombia Internacional.

VAZ, Ana. 2023. Autonomista na prática? Reflexões sobre as práticas de movimentos sociais e sua interação com partidos políticos. In: ABERS, Rebecca; ALMEIDA, Débora.; VON BÜLOW, Marisa. (Orgs.). A disputa pela democracia no Brasil: ativismos em contextos turbulentos, 2023.

VERGARA-CAMUS, Leandro. The politics of the MST: Autonomous rural communities, the state, and electoral politics. Latin American Perspectives, 2009.

A Dialética Negativa de Mikhail Bakunin: Da Ontologia Naturalista à Prática Revolucionária

Adriano Henrique da Silva (Universidade Federal do Paraná)

Resumo: O presente trabalho investiga a “dialética negativa” como fundamento central e unificador do pensamento de Mikhail Bakunin, demonstrando como esse princípio constitui o nexo necessário entre sua ontologia naturalista e sua teoria da organização social. Afastando-se de interpretações fragmentárias da historiografia liberal e marxista, a análise revela uma estrutura teórica rigorosa na qual a virada materialista figura como necessidade ontológica. Bakunin rompe definitivamente com a síntese conciliadora da dialética hegeliana, para estabelecer que o “princípio negativo” não deve ser absorvido pelo “princípio positivo” em uma unidade superior estática, mas atuar como o elemento transformador que impulsiona a realidade em direção à sua realização prática, estabelecendo a negação como motor do desenvolvimento humano e da liberdade. Conforme sustenta Paul McLaughlin (2002), o anarquismo bakuniniano deve ser compreendido como o corolário político de um naturalismo filosófico, caracterizado por uma lógica revolucionária que recusa a “autodeterminação espontânea da vontade individual” em favor de uma compreensão das influências naturais e sociais. Entretanto, para que essa lógica não permaneça restrita à clausura da teoria pura, ela exige o movimento que Jean-Christophe Angaut (2007) caracteriza como a “saída da filosofia” em direção ao seu dehors (exterior). Esse “fora” da filosofia é a própria vida social insurgente, onde o principio negativo deixa de ser uma categoria abstrata para se converter em prática e destruição criativa das estruturas que paralisam a expansão das potências humanas. No plano ontológico, a dialética negativa manifesta-se na relação intrínseca entre animalidade e humanidade. Bakunin define o ser humano como o animal que nega a sua própria animalidade por meio do pensamento e da revolta. Inserido em uma “unidade indissolúvel” regida por uma “causalidade universal e imanente”, o homem afirma sua humanidade através de uma diferença que permanece estritamente quantitativa e de grau, mas que atinge uma potência transformadora ao negar a fatalidade instintiva. Sob essa ótica, a liberdade deixa de ser uma “abstração metafísica e inata” ou uma concessão divina para ser compreendida como uma “conquista histórica e ativa” sobre o determinismo biológico. Essa humanização só é possível no coletivo, opondo-se ao isolamento do mito rousseauniano e exigindo o choque negativo contra as formas fixas de autoridade – representadas pelo “Fantasma Divino” e pela ordem estatal. Por fim, demonstra-se que a dialética negativa fundamenta uma teoria da organização que rejeita a cristalização do poder. O Estado é a negação flagrante da humanidade, pois busca capturar o movimento fluído da sociedade sob uma estrutura burocrática coercitiva. Em contrapartida, o federalismo e a autogestão emergem como as expressões políticas do princípio negativo: formas de organização que se recusam a tornar-se autoridades absolutas para preservar a vitalidade das massas. Conclui-se que o pensamento de Bakunin oferece uma ferramenta teórica onde a negação permanente de toda autoridade é a única condição para a afirmação plena da liberdade.

Palavras-chave: Bakunin; Dialética Negativa; Ontologia Naturalista.

Bibliografia básica: ANGAUT, Jean-Christophe. Bakounine jeune hégélien: La philosophie et son dehors. Lyon: ENS Éditions, 2007.

BAKUNIN, Mikhail. Obras Seletas 2. São Paulo: Intermezzo, 2017.

BAKUNIN, Mikhail. Obras Seletas 3. São Paulo: Intermezzo, 2019.

BAKUNIN, Mikhail in FERREIRA, Andrey C.; TONIATTI, Tadeu (orgs.). De Baixo para Cima e da Periferia para o Centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica de Mikhail Bakunin. Niterói: Alternativa, 2014a.

BAKUNIN, Mikhail. Deus e o Estado. São Paulo: Hedra, 2014b.

BAKUNIN, Mikhail. O Princípio do Estado e Outros Ensaios. Brasília: Novos Tempos Editora, 1989.

CORRÊA, Felipe. Unidade real de pensamento e ação: teoria política, epistemologia e estratégia em Mikhail Bakunin. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

GOMES, Cristiano O. Rasgando o contrato social: Bakunin como um filósofo crítico do contratualismo. 2024. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024b.

LEMOS, Rafael J. Do Antiteologismo ao Antiestatismo: fundamentos da Filosofia Política de Mikhail Bakunin. 2021. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

MCLAUGHLIN, Paul. Mikhail Bakunin: The Philosophical Basis of His Anarchism. New York: Algora Publishing, 2002.

Cooperativas de trabalho como perspectiva libertária de resistência à terceirização

David da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina)

Resumo:Com a expansão da terceirização no serviço público brasileiro, impulsionada pela redução planejada de concursos públicos, pela diminuição de cargos efetivos e pelas reformas administrativas implementadas a partir da década de 1990, observa-se que, cada vez mais, os espaços e funções de trabalho no ambiente universitário passam a ser ocupados por empresas privadas e serviços terceirizados, em substituição aos técnicos concursados. Esse processo de ocupação das vagas está diretamente associado à precarização do trabalho, expressa na diminuição da qualidade de vida, na piora das condições laborais e no enfraquecimento do ambiente de trabalho universitário como um todo. Considerando que não há, por parte do Estado brasileiro, uma perspectiva concreta de combate ou regressão ao avanço das estruturas neoliberais, seja por meio da abertura de novos concursos públicos para ocupação dessas vagas, seja por outras vias de enfrentamento dos problemas citados, as cooperativas de trabalho surgem como uma organização válida para lidar com tais questões. Nesse sentido, os dados sobre as cooperativas de trabalho espanholas, impulsionadas principalmente por movimentos libertários como a CNT durante a década de 1930, trazem à tona questões e resultados relevantes que podem ser aplicados à realidade atual. Entre eles, destacam-se a redução de custos, as necessidades logísticas de abastecimento, a importância de novas formas de organização do ambiente de trabalho e a efetividade da atividade laboral. No Brasil, é interessante observar que, durante o período da ditadura militar, houve um incentivo governamental às cooperativas de produção, motivado por sua eficiência produtiva. Esse contexto favoreceu a criação da Lei das Cooperativas, que permanece em vigor até hoje. No entanto, tais incentivos acabaram por estimular o que se convencionou chamar de "degeneração das cooperativas", por meio da indução a práticas prejudiciais no médio e longo prazo, além da fragilização da participação política dos trabalhadores. No âmbito universitário, levanta-se o questionamento sobre se há, de fato, um custo menor para o Estado na contratação de trabalhadores terceirizados em comparação com servidores concursados que exercem funções equivalentes. Ainda que possam representar uma aparente economia imediata, essas contratações dificultam a gestão do orçamento federal, especialmente no que se refere à distinção entre verbas discricionárias e não discricionárias. Nesse contexto, uma cooperativa de trabalhadores que venha a ocupar o espaço atualmente preenchido por empresas terceirizadas teria o potencial de enfrentar e solucionar parcialmente os problemas relacionados ao ambiente de trabalho. Além disso, levanta-se a possibilidade de que, mantidas as mesmas condições, essas cooperativas possam representar um custo menor para a universidade.

Palavras chave: Cooperativas, terceirização, trabalho

Bibliografia básica: MANFREDONIA, G.; RENÉ BERTHIER; LEVAL, G. Espanha libertária. São Paulo: Intermezzo, 2002.

LEVAL, Gaston; BERTHIER, René; MINTZ, Frank. Autogestão e anarquismo. São Paulo: Intermezzo, 2002.

POMINI, Igor Pasquini. As coletivizações espanholas durante a Guerra Civil (1936-1939). In: História & Democracia: precisamos falar sobre isso, 2018, Guarulhos. Anais [...]. Guarulhos: UNIFESP – Campus Guarulhos, 2018.

LOGUE, J.; YATES, J. S. Cooperatives, Worker-Owned Enterprises, Productivity and the International Labor Organization. Economic and Industrial Democracy, v. 27, n. 4, p. 686–690, nov. 2006.

FAE, I. et al. The Sustainability and Resiliency of Cooperatives amid Economic Challenges. International journal of advanced engineering, management and science, v. 8, n. 12, p. 029–034, 1 jan. 2022.

HERAS-SAIZARBITORIA, I. The ties that bind? Exploring the basic principles of worker-owned organizations in practice. Organization, v. 21, n. 5, p. 645–665, 20 ago. 2014.

BAKUNIN, Mikhail. Estatismo e anarquia: excertos. [s.d.].

FARIAS, Nicolas Wolff de. Cooperativas descentralizadas da agricultura familiar: um estudo das contribuições voltadas para o desenvolvimento territorial sustentável da Serra Catarinense. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2025.

CAVALCANTE, Luiz Ricardo. Custos do trabalho: uma análise da indústria brasileira no período 1996-2012. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2015. (Texto para Discussão, n. 2050).

MENDES, Natália Alves. A terceirização em universidades públicas federais e a precarização do trabalho: o caso dos trabalhadores terceirizados da Universidade Federal de Roraima. 2025. Dissertação (Mestrado em Administração) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2025.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A terceirização como regra? Revista do Tribunal Superior do Trabalho, Brasília, v. 79, n. 4, p. 214-231, out./dez. 2013.